
PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E EKONOMIA
DO AFETO: CARTOGRAFIA SUBJETIVA EM
TERRITÓRIO FEMININO KILOMBOLA

RELATÓRIO FINAL DO PROJETO DE PESQUISA E EXTENSÃO



VALÉRIA VIANA LABREA

2020

SUMÁRIO

<u>APRESENTAÇÃO</u>	<u>4</u>
<u>PROJETO DE PESQUISA PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E EKONOMIA DO AFETO: CARTOGRAFIA SUBJETIVA EM TERRITÓRIO FEMININO KILOMBOLA.....</u>	<u>5</u>
INTRODUÇÃO.....	5
OBJETIVO GERAL	10
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
JUSTIFICATIVA	11
METODOLOGIA: A CARTOGRAFIA SUBJETIVA	12
PLANO DE ATIVIDADES 2017 A 2020	14
RESULTADOS PRETENDIDOS	15
RESULTADOS ALCANÇADOS	15
GRUPO DE PESQUISA E EXTENSÃO RECONHECIDO NA PROPESQ E PROREXT DA UFRGS E CERTIFICAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DO COLETIVO PESQUISADOR NO GRUPO DE PESQUISA.....	16
PARTICIPAÇÃO NA VIDA COMUNITÁRIA	16
DEFINIÇÃO COLETIVA DOS RUMOS DA PESQUISA E ENCONTROS E LEITURAS QUINZENAIS.....	18
CRIAÇÃO E PUBLICIZAÇÃO DOS PRODUTOS DA PESQUISA	19
NARRATIVAS VISUAIS COMPAZ 2017	20
MAPEAMENTO DA COMUNIDADE NA INTERNET	34
RODA DE CONVERSA NO CALENDÁRIO DA CoMPaz E AGENDA TRIMESTRAL DE CIRCULAÇÃO DOS PRODUTOS DA CARTOGRAFIA.....	36
TEXTO COLETIVO E ESBOÇO DE ARTIGO INDIVIDUAL	42
<u>CARTOGRAFIA SUBJETIVA EM TERRITÓRIO FEMININO KILOMBOLA: NADA SOBRE NÓS SEM NÓS</u>	<u>47</u>
<u>QUANDO REZO É CANTO, QUANDO CANTO É REZO: TRAJETÓRIA EDUCATIVA DE UM COLETIVO DE CANTANTES E BRINCANTES NA EDUCAÇÃO DO CAMPO KILOMBOLA.....</u>	<u>70</u>
<u>LUGAR, TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA COMUNIDADE MORADA DA PAZ.....</u>	<u>92</u>

<u>COMKOLA: PROPOSTA DA ESCOLA KILOMBOLA EPÈ LAYIÈ.....</u>	<u>106</u>
<u>ENCONTROS DIALÓGICOS COMPAZ: <i>DESFORMAR-SE</i> A PARTIR DE UMA COMUNIDADE ESPIRITUAL KILOMBOLA.....</u>	<u>113</u>
<u>OJU AYIÊ: CONSTRUINDO SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL NA COMUNIDADE KILOMBOLA MORADA DA PAZ.....</u>	<u>116</u>
<u>OȘÙPÁ: CLĂ DA LUA NOVA TRADIÇÃO E EKOESPIRITUALIDADE EM TERRITÓRIO DE MĂE PRETA.....</u>	<u>125</u>
<u>ATIVIDADES DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA</u>	<u>129</u>
<u>GLOSSÁRIO: COMO NOS FALAMOS.....</u>	<u>171</u>
<u>COLETIVO PESQUISADOR KILOMBOLA OKARAN</u>	<u>174</u>
BAOGAN	174
OPÁ TENONDE	174
PEDRO EDUARDO KIEKOW	174
VALÉRIA VIANA LABREA	174
YABACE.....	175
YAMORO	175
YASHODHAN.....	175

APRESENTAÇÃO

Apresentamos a versão revisada e ampliada do Relatório do projeto de pesquisa e extensão universitárias Pedagogia do Encantamento e Economia do afeto: cartografia subjetiva em território feminino kilombola realizado no período de 2017 a 2020 na Comunidade Kilombola Morada da Paz por 10 pesquisadores e pesquisadoras: uma docente da FAGED/UFRGS, um educando do curso de Licenciatura em Educação do Campo, uma educanda kilombola do curso de Licenciatura em Educação do Campo, uma educanda kilombola do curso de Ciências Sociais e os demais moradores da comunidade, já formados em diferentes áreas do conhecimento e que buscaram na pesquisa uma maneira de registrar e entender a experiência social produzida no kilombo de Mãe Preta.

Gostaríamos, nesse espaço de agradecer a leitura atenta dos membros da Comissão de Pesquisa da FAGED e dialogar sobre questões importantes apontadas em sua leitura a fim de esclarecer e dirimir dúvidas e mostrar como incorporamos as sugestões e respondemos as questões levantadas no relatório da referida Comissão.

Optamos por reduzir o plano de atividades porque no projeto original o detalhamos por semestre e como iríamos fazer as mesmas atividades ao longo do período de 2017 a 2020, sintetizamos o plano, a fim de facilitar a leitura. Os resultados pretendidos tem sua origem nas atividades planejadas e nesse caso também mostramos que os resultados acompanham todas as atividades no período da pesquisa. Nossa ênfase ficou nos resultados da pesquisa e a partir daí apresentamos o que foi produzido ao longo do tempo.

Optamos por não incluir a tese e o artigo que ela gerou de Folaiyan como "resultado da pesquisa" por entender que por mais que o OKARAN e, principalmente, a Comunidade tenha estado presente na pesquisa de campo e na reflexão sobre os dados levantados, uma tese é um trabalho muitas vezes solitário e completamente autoral. Assim, a contribuição de Folaiyan ao OKARAN está dispersa nas reflexões que trouxemos como produções coletivas. Da mesma forma, o TCC de Pedro Kiekow, ainda não finalizado, não aparece como produto desta pesquisa, embora muito de sua reflexão tenha sido acolhida no OKARAN, como aparece nos textos apresentados, mas ele tem um percurso para além do Coletivo e do projeto na comunidade e no TCC é orientado pela professora Conceição Paludo.

PROJETO DE PESQUISA PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E EKONOMIA DO AFETO: CARTOGRAFIA SUBJETIVA EM TERRITÓRIO FEMININO KILOMBOLA

Denise Freitas Dornelles - Yashodhan
Rogério Ferreira Teixeira - Baogan
Claúdia Rocha David - Yamoro
Flávia Rocha David- Ikowe
Daisy Regina de Souza Reis- Anthakarana
Manoela Dutra Ramos - Opa Tenonde
Sandra Andréia Mendonça Soares – Mùjádè
Luiza Dias Flores - Folaiyan
Pedro Eduardo Kiekow
Valéria Viana Labrea

INTRODUÇÃO

A ESCRITA É UMA COISA E O SABER, OUTRA.
A ESCRITA É A FOTOGRAFIA DO SABER, MAS NÃO O SABER EM SI.
O SABER É UMA LUZ QUE EXISTE NO HOMEM.
A HERANÇA DE TUDO AQUILO QUE NOSSOS ANCESTRAIS VIERAM
A CONHECER E QUE SE ENCONTRA LATENTE EM TUDO O QUE NOS
TRANSMITIRAM, ASSIM COMO O BAOBÁ JÁ EXISTE EM POTENCIAL
EM SUA SEMENTE.

TIERNO BOKAR SALIF

As Comunidades Remanescentes de Kilombo ¹ têm direito aos territórios que historicamente reconhecem como seus. Tal direito é previsto no artigo n. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988, sob o enunciado: *Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando*

¹ Utiliza-se o conceito de kilombo – grafado com k - como uma formulação identitária singular da comunidade, aludindo diretamente a origem banto do termo, que significa fortaleza, povoação, união.

suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.

Carvalho et al (2002) descreve a definição clássica de quilombo, que vigorou até meados da década de 1970. Em 1740, reportando-se ao rei de Portugal, o Conselho Ultramarino descreveu da seguinte forma o quilombo: *toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões neles.* Nessa descrição há a presença de cinco elementos: a fuga, uma quantidade mínima de fugitivos, isolamento geográfico, em locais de difícil acesso e mais próximos de uma natureza selvagem que da chamada civilização, moradia habitual, referida no termo rancho, autoconsumo e capacidade de reprodução, simbolizados na imagem do pilão de arroz (ALMEIDA:1999, p.14-15 apud CARVALHO et al: 2002, p.2). O Decreto 4887/2003, amplia esse entendimento e reconhece que comunidades quilombolas são grupos étnico-raciais segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

Além dos quilombos constituídos no período da escravidão, muitos foram formados após a abolição formal da escravatura, pois essa forma de organização comunitária continuaria a ser, para muitos, a única possibilidade de viver em liberdade. De um modo geral, os territórios de comunidades remanescentes de quilombos originaram-se em diferentes situações, tais como doações de terras realizadas a partir da desagregação da lavoura de monoculturas, como a cana-de-açúcar e o algodão, compra de terras, terras que foram conquistadas por meio da prestação de serviços, inclusive de guerra, bem como áreas ocupadas por negros que fugiam da escravidão. Há também as chamadas terras de preto, terras de santo ou terras de santíssima, que indicam uma territorialidade vinda de propriedades de ordens religiosas, da doação de terras para santos e do recebimento de terras em troca de serviços religiosos (BRASIL: 2013, p.14).

O governo federal, desde 2004, desenvolve o Programa Brasil Quilombola que institui uma agenda social quilombola que atua nos eixos a seguir descritos:

Acesso À Terra – execução e acompanhamento dos trâmites necessários para a certificação e regularização fundiária das áreas de quilombo, que constituem título coletivo de posse das terras tradicionalmente ocupadas. Infraestrutura e Qualidade de Vida – consolidação de mecanismos efetivos para destinação de obras de infraestrutura (saneamento, habitação, eletrificação, comunicação e vias de acesso) e construção de equipamentos sociais destinados a

atender as demandas, notadamente as de saúde, educação e assistência social; Inclusão Produtiva e Desenvolvimento Local - apoio ao desenvolvimento produtivo local e autonomia econômica, baseado na identidade cultural e nos recursos naturais presentes no território, visando a sustentabilidade ambiental, social, cultural, econômica e política das comunidades; Direitos e Cidadania - fomento de iniciativas de garantia de direitos promovidas por diferentes órgãos públicos e organizações da sociedade civil, junto às comunidades quilombolas considerando critérios de situação à água e/ou energia elétrica e sem escola (BRASIL: 2013, p. 10).

Essa agenda se orienta por um marco regulatório que sustenta suas ações:

Constituição Federal de 1988 - Artigos 215 e 216 da Constituição Federal – Direito à preservação de sua própria cultura; Artigo 68 do ADCT – Direito à propriedade das terras de comunidades remanescentes de quilombos. Convenção 169 da OIT (Dec. 5051/2004) – Direito à autodeterminação de Povos e Comunidades Tradicionais. Lei no 12.288, de 20 de julho de 2010 – Estatuto da Igualdade Racial Decreto no 4.887, de 20 novembro de 2003 – Trata da regularização governamentais. Decreto no 6040, de 7 de fevereiro de 2007 - Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Decreto no 6261, de 20 de novembro de 2007 – Dispõe sobre a gestão integrada para o desenvolvimento da Agenda Social Quilombola no âmbito do Programa Brasil Quilombola. Portaria Fundação Cultural Palmares no 98 de 26 de novembro de 2007 - Institui o Cadastro Geral de Remanescentes das Comunidades dos Quilombos da Fundação Cultural Palmares, também autodenominadas Terras de Preto, Comunidades Negras, Mocambos, Quilombos, dentre outras denominações congêneres. Instrução Normativa INCRA no 57, de 20 de outubro de 2009 – Regulamenta os procedimentos para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desintrusão, titulação e registro das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos (BRASIL:2013, p.15).

Em 2013, levantamento do governo federal indicava cerca de 214 mil famílias e 1,17 milhões de quilombolas em todo o Brasil (BRASIL:2013). Uma dessas comunidades quilombolas é a Comunidade Morada da Paz (CoMPaz).

A CoMPaz é uma Comunidade Kilombola Espiritual, Ecológica, Sustentável, fundada em 2003 por mulheres e homens que migraram da região metropolitana de Porto Alegre para a área rural do Distrito de Vendinha, no município de Triunfo/RS, com o intuito de promover a sustentabilidade ambiental como caminho para uma melhor qualidade de vida. A CoMPaz foi reconhecida quilombola pela Fundação Cultural Palmares, conforme publicação no Diário Oficial da União de 20.05.2016, Portaria no.104 de 16.05.16. O Kilombo realiza um trabalho de recuperação da sabedoria ancestral africana e

afrobrasileira, e nesse momento percebe a necessidade de sistematizar toda essa gama de saberes amalhados nessa caminhada para prosseguir a sua missão comunitária.

É um território negro feminino, pois a grande maioria das moradoras são mulheres que salvaguardam a cultura matricial de seu povo. Suas histórias de vida subvertem uma memória histórica de discriminação em função de raça, gênero e classe social porque em seu território reconstróem essa memória a partir das atividades de cuidado que pautam sua organização, suas estratégias educativas e de sustentabilidade.

Como modo de fazer-se presente nas discussões e práticas políticas referente às comunidades kilombolas, a CoMPaz possui representação no Conselho de Desenvolvimento e Participação da População Negra do Rio Grande do Sul (CODENE), representando os kilombolas e as populações negras de Triunfo. Trata-se de um espaço político no qual as demandas e as questões Kilombolas e da população negra são levadas para dialogar conjuntamente sobre os encaminhamentos de tais questões. O CODENE é um espaço que permite o encontro com outros povos kilombolas e, nesse sentido, possibilita preservar e fortalecer mutuamente a fonte sagrada de sua ancestralidade e o agir político. Atualmente a CoMPaz desenvolve os seguintes projetos:

- Omorodê Ponto de Cultura da Infância tem como eixo a etnoludicidade e o brincar em comunidade, recuperando a harmonia e a integração entre anciões e crianças. No ponto de cultura temos três ações principais: a Colônia de férias, a Cadeira de Leitura e o Brincando CoMPaz. A Colônia é um evento voltado para a infância e a juventude, onde a comunidade disponibiliza vivências e oficinas para a que tenham uma experiência prática do jeito de ser e viver dentro de uma comunidade Kilombola; a Cadeira de Leitura é um evento para desenvolver o gosto das crianças e jovens pela leitura e pela contação de história; e, por fim, o Brincando CoMPaz é um momento que trazemos as brincadeiras tradicionais Kilombolas para as escolas.
- Ipadê da Juventude, projeto voltado às atividades culturais e educacionais com os jovens do kilombo e seu entorno. O Ipadê da Juventude é dedicado aos adolescentes para fomentar diálogos e vivências que conectem os saberes tradicionais às linguagens tecnológicas e contemporâneas dos jovens. Das ações que visam a sustentabilidade do território, destacamos:
 - Oju Ayie, projeto voltado ao cultivo agroecológico e agroflorestal dentro do kilombo;
 - Oju Omio Ile, projeto voltado ao saneamento ecológico comunitário;

- Uciriri Construindo juntos, tendo como foco o desenvolvimento de técnicas de bioconstrução;
- O Apoiwa CoMPaz é o braço empreendedor comunitário, presente nas feiras dentro e fora do território CoMPaz, onde são oferecidos produtos artesanais do kilombo, como brinquedos, roupas e alimentos. Das vivências ritualísticas que ocorrem na CoMPaz destacamos:
 - Labirinto dos 7 caminhos, voltado ao autoconhecimento;
 - Terreiro de Chão Batido, celebração da força ancestral dos povos originários;
 - Okan Ilu, voltada a celebração da divindade Ayan, que rege o som e a musicalidade;
 - Vivência Kilombola, onde ocorre a partilha de saberes e fazeres com escolas das regiões metropolitanas.

Esses projetos têm como fio condutor a *Pedagogia do Encantamento e Economia² do Afeto*. Essas denominações referem-se ao modo como os adultos se educam e educam as crianças e os jovens no território, aos princípios pedagógicos que regem as práticas educativas e ao modo como organizam as estratégias de sustentabilidade da CoMPaz. Essas categorias que emergem da experiência vivida ainda estão sendo elaboradas e serão o fio condutor desta pesquisa cartográfica que é protagonizada por pesquisadores e pesquisadoras da própria comunidade que em parceria com a universidade buscam refletir sobre suas vivências e delas extrair conhecimentos contextualizados e enraizados em um território.

O conjunto das atividades desenvolvidas pela CoMPaz sugere que várias tecnologias e experiências sociais são desenvolvidas dentro da comunidade e suas narrativas são importantes fontes de pesquisa. As tecnologias e experiências sociais – entendidas como os saberes e fazeres - apontam para rupturas e deslocamentos que são importantes registrar e refletir à luz de uma cartografia subjetiva protagonizada pelos sujeitos que integram a comunidade, em articulação com pesquisadores (docente e discentes) da

² Grafamos economia com k para aludir a *oikos* que significa casa no grego. Economia, portanto, é uma grafia que para os kilombolas tem o sentido de buscar a recuperação essencial da *oikonomia* grega, que visava o cuidado da casa. Esta cosmovisão, coerente com os valores e a ética kilombola, se opõe à economia ortodoxa condicionada ao pensamento racional, lógico e utilitarista que não incorpora em seus modelos a subjetividade.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vinculados ao curso de Licenciatura em Educação do Campo. São experiências que indicam um futuro de possibilidades já existentes, *plurais e concretas, simultaneamente utópicas e realistas, concretizadas através das atividades de cuidado* (SANTOS: 2006, p.116). A cartografia dialoga com a perspectiva pós-colonial ao considerar as narrativas que constituem a identidade e território quilombola e realiza um diálogo entre os saberes e os fazeres originários da CoMPaz e a academia. Boaventura de Sousa Santos define pós-colonialismo:

Entendo por pós-colonialismo um conjunto de correntes teóricas e analíticas, com forte implantação nos estudos culturais, mas hoje presentes em todas as ciências sociais, que têm em comum darem primazia teórica às relações desiguais entre o Norte e o Sul na explicação ou compreensão do mundo contemporâneo. Tais relações foram instituídas historicamente pelo colonialismo e o fim do colonialismo enquanto relação política não acarretou o fim do colonialismo enquanto relação social, enquanto mentalidade e forma de sociabilidade autoritária e discriminatória. (...) A perspectiva pós-colonial parte da ideia de que, **a partir das margens as estruturas de poder e de saber são mais visíveis**. Dai o interesse desta perspectiva pela geopolítica do conhecimento, ou seja, por problematizar quem produz o conhecimento, em que contexto o produz e para quem o produz (SANTOS: 2004, p.8, grifo nosso).

Em uma abordagem pós-colonial, partimos do pressuposto que existem práticas ambientais, educacionais, culturais, sócio-econômicas, etnolúdicas e de saúde holística que surgem da experiência social do ser e viver quilombola. Por tratar-se de um saber-fazer que produz experiências e tecnologias sociais inovadoras e singulares, as teorias sobre transformação social atualmente disponíveis não dão conta adequadamente dessa realidade política, cultural e educacional e a comunidade, junto com a universidade, se desafiou a refletir e produzir conhecimentos contextuais sobre esse conjunto de práticas, teorizando-as.

OBJETIVO GERAL

- Elaborar uma cartografia subjetiva, na perspectiva pós-colonial, que mapeie, descreva e reflita sobre os saberes e fazeres da CoMPaz para salvaguardar o patrimônio material e imaterial quilombola, através das narrativas e da experiência social dos sujeitos que compõe a comunidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever e analisar as vivências no Território Kilombola CoMPaz, junto com a comunidade, considerando as estratégias de sustentabilidade do território, especificamente a Economia Afetiva;
- Refletir as práticas e os saberes que caracterizam a Pedagogia do Encantamento e as categorias que a compõe, junto com a comunidade;
- Elaborar junto com a comunidade uma metodologia kilombola para registro e memória das narrativas que contém os saberes e os fazeres da CoMPaz e de outras comunidades.

JUSTIFICATIVA

Ao propormos cartografar e analisar as narrativas produzidas em território kilombola, organizando-as em categorias que possam dialogar com outros saberes e fazeres, buscamos ampliar a espacialidade do aprendizado, porque entendemos que esse território possui uma identidade – com sua história, valores e simbologias – que permite que os sujeitos que ali vivem desenvolvam estratégias relevantes do ponto de vista cognitivo para superar suas dificuldades e garantir sua sustentabilidade, a partir de experiências e tecnologias sociais locais e enraizadas, conectadas em redes de relações. As teorias sobre transformação social atualmente disponíveis não dão conta adequadamente desta novidade, pois os protagonistas destas políticas operam em um contexto político ainda pouco estudado. É necessário pois, mapearmos estas experiências e este estudo espera contribuir - ao menos parcialmente - nesse processo cartográfico.

A cartografia que ora propomos é igualmente relevante para entendermos as dinâmicas e experiências sociais da CoMPaz, ao refletirmos sobre a importância dos saberes e fazeres construídos pelos sujeitos que compõe o Território Kilombola que garantem uma pedagogia para transmissão de seus conhecimentos e seu modo de gerar sustentabilidade. Isso é necessário para a salvaguarda da memória do Jeito de Ser e de Viver da CoMPaz, para que possa servir como fonte de pesquisa para as gerações atuais e futuras da comunidade e de outros pesquisadores interessados nessa temática.

Além disso, enfatizamos que essa pesquisa está sendo construída pela própria comunidade, que vem de um esforço de construir e difundir um saber kilombola singular, com categorias, metodologias, dinâmicas e expressões próprias.

Para entender os deslocamentos conceituais que a cosmovisão kilombola propõe, várias questões surgem: como articular a experiência vivida às teorias sociais e vinculá-las? Como convergir conceitos de diferentes discursos e diferentes escalas para um processo coletivo de construção social de conhecimentos? Quais as referências e valores das comunidades kilombolas, especificamente suas formas de trabalhar a terra, seu “como-fazer”, sua relação com a natureza, hipóteses e pressupostos que subsidiam seu modelo de desenvolvimento e sustentabilidade? Como são passados os valores, a cultura, os saberes e os fazeres na educação kilombola? Como articular memória social, história de vida, oralidade à produção de conhecimento contextual e tecnologias sociais? Quais os sentidos que percorrem essas histórias? O que elas revelam? E o que silenciam? Essas questões buscam analisar a trajetória histórica e o modelo societário da CoMPaz.

METODOLOGIA: A CARTOGRAFIA SUBJETIVA

Na perspectiva adotada, as memórias, os saberes tradicionais, as tecnologias e experiências sociais, as narrativas autobiográficas são territórios de pesquisa, campos empíricos férteis para uma cartografia subjetiva e simbólica que busca relacionar os conhecimentos do passado ao presente e ao futuro, caracterizada por uma narrativa afirmativa que mostra o que a comunidade kilombola possui e sua potência latente. O mapa, tradicionalmente, é uma representação de algum espaço geográfico que contém símbolos e signos diversos que representam elementos da paisagem, objetos, fenômenos e situações. A cartografia subjetiva desenha, de forma participativa, para além da representação geográfica ou territorial de paisagens, as formas de viver e intervir no território, as experiências e tecnologias sociais ali desenvolvidas, a cosmovisão e a simbologia que agregam camadas, adensando esse desenho. A cartografia dialoga com as narrativas, as histórias de vida, o registro pictórico, fotográfico, as filmagens, entendendo-as como *textos* que registram as memórias e a experiência social e que devem, portanto, ser estendidos ao coletivo pesquisador, para que eles possam, por si mesmos, estabelecer as estratégias de registro da sua experiência (LABREA:2017).

A cartografia possibilita retratar uma história individual e coletiva, ao reexaminar o passado no presente, mapeando cenários de futuro possíveis, criando novos campos empíricos próprios para a *sociologia das ausências* entendida como um procedimento que permite ao pesquisador traduzir um tempo e um território histórico e cultural em categorias passíveis de serem problematizadas e credibilizadas, mostrando que coexistem outros discursos, outras formas de pensar e outros modos de pesquisar os saberes e fazeres kilombolas no Brasil. Entender a cosmovisão kilombola pressupõe um novo modo de produzir conhecimentos, necessita de uma racionalidade mais ampla, que nos termos de Santos (2006) se afirma como uma *sociologia das ausências e das emergências*, em que se amplia a diversidade epistemológica do mundo ao credibilizar a experiência social e ao reconhecer que existem infinitas formas de descrever, ordenar e classificar o mundo (LABREA:2014).

A *Sociologia das Ausências* procura tornar presente as experiências disponíveis no mundo, ao valorizar vivências que são invisibilizadas pela monocultura ocidental. Ela propõe substituir a monocultura do saber pela ecologia dos saberes (Santos, 2006). A *Sociologia das Emergências* procura ampliar o futuro ao credibilizar diferentes experiências sociais, sem hierarquizá-las (idem). Ela propõe reconhecer as latências e tendências a partir do conceito do “Ainda Não” de Bloch (1995 apud Santos, 2006) onde se reconhece no presente potências de possibilidades epistemológicas e ontológicas diversas.

Ao articular as narrativas biográficas e a metodologia de história de vidas à *sociologia das ausências* procura-se refletir sobre as experiências vividas por um grupo social que até pouco tempo atrás, era invisível e silenciado, seus saberes considerados irrelevantes para o futuro. Nesse sentido, esse trabalho se insere em um movimento de tornar presente e visíveis a luta da população negra kilombola. A opção metodológica de organizar uma cartografia social busca mostrar as histórias que se sobrepõem, as versões que correm paralelas, as diversas territorialidades, os diferentes tempos dos acontecimentos e quais os sentidos que afloram simultaneamente e disputam pelo efeito de evidência. A multiplicidade da escrita é entendida como a capacidade de, no fio do discurso, evidenciar a exterioridade que o constitui: acontecimentos vividos, determinações históricas, conceitos pensados, indivíduos, grupos e formações sociais (DELEUZE E GUATTARI, 1995:18).

As narrativas são entendidas como a materialidade discursiva que reflete uma experiência vivida e a elaboração dessa experiência por meio da palavra escrita. Essa escrita rompe deliberadamente com a tradição acadêmica que vê na impessoalidade e na generalização a marca do saber científico. As narrativas apontam uma outra direção: “é um conhecimento contextual na medida em que o princípio organizador da sua produção é a aplicação que lhe pode ser dada” (SANTOS, 2005:41). É um conhecimento transdisciplinar que, pela sua própria contextualização, obriga a um diálogo ou confronto com outros tipos de conhecimentos, o que o torna internamente mais heterogêneo e mais adequado a ser produzido em sistemas abertos menos perenes e de organização menos rígida e hierárquica (idem:43).

As narrativas produzidas na comunidade permitem que a voz da sabedoria popular se manifeste e os sujeitos problematizem rotinas e rituais, desvelando o cotidiano e impregnando de sentido práticas até então não refletidas. E as narrativas construídas na universidade pelos educandos visam articular a subjetividade social e um conhecimento enraizado - e por isso criador - à reflexão teórica e conceitual fomentada dentro da universidade. Entendo que esse diálogo produza novos conhecimentos ainda não descritos pela academia, pois são articulados a partir de uma experiência vivida singular e constituem a ecologia dos saberes.

Neste projeto interessa particularmente reconhecer que essas narrativas - que nomeamos *vozes- saberes* para enfatizar e reconhecer a experiência vivida como uma categoria credível de ser estudada – são textos que criam uma ponte entre mundos - o mundo da experiência e o mundo do refletir sobre a experiência.

PLANO DE ATIVIDADES 2017 A 2020

1. Encontros quinzenais do Grupo de Pesquisa para discutir leituras, vídeos, fotografias sobre cartografia social, cartografia subjetiva e outros processos cartográficos.
2. Elaboração da memória educativa: texto coletivo com a síntese de aprendizagem da pesquisa
3. Roda de conversa na CoMPaz para definir os processos cartográficos e os limites da pesquisa.

4. Acompanhar o calendário (de plantio e de colheita, de festividades, religioso, de eventos) da CoMPaz.
5. Processo cartográfico: registro e salvaguarda da memória kilombola por meio de recursos multimídia – textos, vídeos e fotografias.

RESULTADOS PRETENDIDOS

1. Encontros e leituras quinzenais realizadas
2. Elaboração de um texto coletivo
3. Definição coletiva dos rumos da pesquisa
4. Participação na vida comunitária
5. Criação e publicização dos produtos (fotos, vídeos, minidocumentários, programa de rádioweb, redes sociais, etc.) da cartografia da CoMPaz para a comunidade e parceiros.
6. Grupo de Pesquisa e Extensão reconhecido na Propesq e Prorext da UFRGS e certificação da participação do coletivo pesquisador no Grupo de Pesquisa.
7. Esboço de artigo individual
8. Inserção da Roda de Conversa no Calendário da CoMPaz
9. Agenda trimestral de circulação dos produtos da cartografia

RESULTADOS ALCANÇADOS

Antes de descrever os resultados do projeto e relacioná-los aos resultados pretendidos e aos objetivos da pesquisa, creio que vale esclarecer que a Cartografia da CoMPaz não findará com este projeto, ao contrário, entendemos que devemos ampliar os interlocutores e iremos propor um novo projeto, interinstitucional, para que possamos no futuro olhar para a Pedagogia do Encantamento e relacioná-la a uma Educação do Campo Kilombola e à educação para as relações étnico-raciais (ERER).

Para isso iremos, no novo projeto, focar na CoMKola e nos processos de *desformação* que propomos nos encontros dialógicos. Com isso assumimos que a parte "analítica" desta pesquisa ainda está por feita, pois aqui descrevemos o que acontece no kilombo quanto às questões de aprendizagem e sustentabilidade e foi decisão da

comunidade parar por aqui, no mapa que retrata o quilombo hoje, e se dedicar a registrar essa memória no livro que estamos finalizando, mas no qual trabalhamos 2019 inteiro.

A partir do novo projeto, com mais pesquisadores de outras instituições, queremos analisar as práticas e as propostas pedagógicas à luz de autores que dialogam com a ERER, com a Educação do Campo e a Educação quilombola.

GRUPO DE PESQUISA E EXTENSÃO RECONHECIDO NA PROPESQ E PROREXT DA UFRGS E
CERTIFICAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DO COLETIVO PESQUISADOR NO GRUPO DE
PESQUISA

Alcançamos esse resultado quando nossa pesquisa foi aprovada na Propesq e Porext. Foram as ações que deram início e legitimaram na universidade as atividades que realizamos.

PARTICIPAÇÃO NA VIDA COMUNITÁRIA

O grupo de pesquisas iniciou em 2017 com 10 pesquisadores e pesquisadoras. Como o nome tem poder, chamamos este grupo de Coletivos de Pesquisadoras e Pesquisadores OKARAN. Deste grupo, somente Pedro Kiekow e eu não éramos moradores da CoMPaz. Pedro, educando do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (EduCampo), realiza as atividades de tempo comunidade no quilombo e foi autorizado pelos moradores a realizar as atividades de ensino, pesquisa e extensão e participa, desde então, dos vários projetos educativos desenvolvidos na comunidade, sob supervisão da profa. Dra. Conceição Paludo, que também é sua orientadora de TCC, e acompanha, junto com o prof. Dr. Dilmar Lopes, as atividades de tempo comunidade na CoMPaz.

A organização do nosso coletivo de pesquisa foi uma orientação de Mãe Preta, a guia espiritual da comunidade, por entender que "algumas portas só se abrem do lado de dentro" e por este motivo Pedro e eu, desde o início da pesquisa, participamos de todas as atividades culturais e espirituais oferecidas pela comunidade com regularidade para conhecer a "cosmovisão afrobudígena" que é adotada no quilombo. O detalhamento destas vivências serão descritos nos textos que formam esse relatório.

Com a autorização e a participação da comunidade, propomos e realizamos oficinas e rodas de conversa com os quilombolas, abertas ao público, e com isso conseguimos articular várias atividades nas quais os educandos e educandas, do curso de Licenciatura em Educação do Campo e da UFRGS em geral, participaram e, da mesma forma, propusemos atividades na FAGED nas quais trouxemos os quilombolas para falar dos seus fazeres e saberes, que na visão deles traduz suas *vivências* pois vivenciar a experiência social, cultural, religiosa ou espiritual é uma de suas diretrizes.

A possibilidade de participar, a partir de nossas condições, e vivenciar a vida no quilombo nos possibilitou uma gama de aprendizados que ainda estão para ser sistematizados e publicados, pois decidimos que até o final desta pesquisa iríamos priorizar a sistematização das experiências sociais que mapeamos na cartografia e que apresentaremos nos capítulos seguintes. Com isso entendemos que o objetivo geral da pesquisa, que era *elaborar uma cartografia subjetiva, na perspectiva pós-colonial, que mapeie, descreva e reflita sobre os saberes e fazeres da CoMPaz para salvaguardar o patrimônio material e imaterial quilombola, através das narrativas e da experiência social dos sujeitos que compõe a comunidade* foi atingida, pois de fato fizemos a cartografia da comunidade, com a comunidade, temos registros em textos, áudios, fotografias e vídeos que dada a limitação do tamanho e formato deste arquivo não poderão ser mostradas, mas que podem ser, ao menos parcialmente, acessadas pelos links no Facebook <https://www.facebook.com/okarancoletivo> e Canal do youtube: <https://youtu.be/yWTBa8alqeY>.

Tudo isso foi possível pela presença de uma única educanda quilombola, Yashodhan, *sangona* (liderança) da comunidade, que infelizmente saiu da EduCampo em 2019, vítima de racismo institucional e não irá se formar com seus colegas em 2020/1. Mas sua presença na universidade fez com que outras quilombolas fossem estudar na UFRGS, como Yamoro que está cursando Ciências Sociais e Antakharana que é graduada em dança e fez mestrado na Educação, defendido em 2019. As portas, se não foram totalmente abertas, ao menos possibilitaram trocas que, espero, irão se aprofundar com o novo projeto, agora interinstitucional, iremos organizar para dar continuidade as nossas pesquisas.

Logo no início da cartografia, realizamos várias atividades no kilombo para todos - desde as crianças às mais velhas - pudessem nos conhecer e, junto com o coletivo de pesquisadores e pesquisadoras, determinar os rumos da pesquisa. Todas as decisões são coletivas e adotamos o lema NADA SOBRE NÓS SEM NÓS para garantir que a comunidade seria contemplada na pesquisa e que somente pessoas autorizadas pelo kilombo fariam pesquisa no território.

Em uma das oficinas, organizamos um mapa mental que orientou a pesquisa em relação a temas e prioridades e o coletivo resolveu fazer uma pesquisa sobre a polissemia dos termos *cartografia* nos levou a dialogar com Deleuze e Guatarri (1995), Acselrad (2008), e principalmente a Kastrup et al (2015 e 2016); *lugar, território e territorialidades* nos levou a Milton Santos (1997); a questão da *soberania alimentar* foi toda construída a partir dos Ipadês (rodas de conversa) e vivências com grupos ou pessoas que estão engajadas na agricultura familiar, orgânica, em agroecologia.

A *pedagogia do encantamento* está sendo construída a partir das vivências das crianças e dos jovens da Comunidade, neste primeiro momento descrevemos as práticas e os diferentes espaços educativos que existem na comunidade. Chegamos ao entendimento que toda a comunidade é um espaço educativo e, para além do espaço físico da CoMKola, todo território educa e todas as atividades estão interligadas e fazem parte do processo de ensino e aprendizagem. Pedro, pesquisador do OKARAN, trabalha, junto com Yabace e Yamoro, nos projetos da CoMKola e está fazendo seu TCC nesse tema e estamos tentando articular a Educação do Campo e a Educação Quilombola em uma proposta de Educação do Campo Kilombola que terá como horizonte a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) em uma proposta de educação antirracista.

Nossa expectativa era que no final deste projeto o TCC já estivesse disponível, mas a pandemia atrasou sua finalização e resolvemos que no novo projeto do OKARAN partiremos daquilo que foi construído nessa pesquisa. A *desformação* faz parte da Pedagogia do Encantamento e trouxe essa ideia dos processos formativos que fizemos quando na coordenação do ForunZINHO Social Mundial em 2002 e 2003 e que aprofundamos quando estava no governo federal, no Ministério da Cultura e ela foi logo

apropriada por Mãe Preta que a partir de então passou a se referir como desformação para descrever os processos formativos dentro do território. Essa ideia busca se contrapor a uma educação formal, disciplinar ou em caixas, como gostamos de dizer. A ideia de *desformar é sair da caixa*, se abrir para a interdisciplinaridade e o diálogo dos saberes e colocar todos na roda, em termos iguais e ainda estamos estudando como formalizar essas vivências em um artigo.

A *ekonomia do afeto e ekoespiritualidade* falam dos processos internos da Morada para garantir a sustentabilidade do kilombo e a sustentação das práticas e ritos que reiteram sua identidade. Discorreremos sobre esses temas nos textos a seguir e achamos que estava de bom tamanho, porque principalmente na questão do seu sistema de crenças, *tudo não se diz* e registramos o que a comunidade achou que era importante documentar.

Nesse coletivo, com todos os moradores, definimos quais as categorias que iríamos estudar nesses três primeiros anos do projeto e os encontros quinzenais foram realizados inicialmente na FACED, mas no meio do projeto decidimos que seria em um mês na comunidade e no outro na FACED.

Nossos estudos foram voltados para leituras de textos de autores negros e diaspóricos, autoras negras, autores da Educação e Sociologia, marcos legais, organização de atividades de ensino, pesquisa e extensão realizadas na FACED e na Comunidade. Cada início de semestre fizemos uma aula aberta ou oficina na FACED e outra atividade na CoMPaz para abrir a conversa sobre os temas a serem estudados ou apresentar resultados de nossos estudos até o momento.

CRIAÇÃO E PUBLICIZAÇÃO DOS PRODUTOS DA PESQUISA

Em relação a criação de "produtos" participamos de vários eventos no país e no exterior levando o resultado da pesquisa e agora, além de alguns artigos ainda em fase de elaboração, temos dois artigos no prelo, sendo avaliados, e o livro com a trajetória da pesquisa a ser lançado ainda em 2020.

Com esse conjunto de ações, acreditamos que conseguimos atingir um dos principais objetivos desta pesquisa: *elaborar junto com a comunidade uma metodologia kilombola para registro e memória das narrativas que contém os saberes e os fazeres da*

CoMPaz e de outras comunidades. Conseguimos, como mencionado acima, organizar as fotografias, trazer fotógrafos e diretores de documentário para registrar as ações desde 2017, foi organizada uma biblioteca e uma brinquedoteca na KomCola e um memorial para honrar a trajetória de Yashodhan que em 2018 foi reconhecida pelo Ministério da Cultura como uma mestra da cultura popular, por meio de um projeto desenvolvido no OKARAN e em 2020 também organizamos um projeto para participar de um edital do IPHAN, para que se reconheça o patrimônio imaterial do kilombo.

NARRATIVAS VISUAIS COMPAZ 2017



FIGURA 1 CAMINHO PARA CHEGAR NA MORADA



FIGURA 2 CASA DOS MORADORES DO KILOMBO



FIGURA 3 PÁTIO DA COMPAZ



Figura 4 Fogueira da CoMPaz



FIGURA 5 CASA VERDE



FIGURA 6 CÍRCULO DA FOGUEIRA E ATRÁS O CANTINHO DAS YAS BABAS



FIGURA 7 CANTINHO DAS YAS E BABAS



FIGURA 8 CANTINHO DAS YAS E BABA



FIGURA 09 KAÔ KABIECILE



FIGURA 10 FARMÁCIA COMPAZ



FIGURA 11 PLACA DE ORIENTAÇÃO



FIGURA 12 CANTINHO DA SABEDORIA



FIGURA 13 FIGUEIRA ANCESTRAL



FIGURA 14 CASA DE BARRO – GEODÉSICA



FIGURA 15 VISTA DA COMPAZ



FIGURA 16 NA COMPAZ OS TAMBORES SÃO FEMININOS



FIGURA 17 DIA DE CANTOS TRADICIONAIS



FIGURA 18 GEODÉSICA POR DENTRO



FIGURA 59 GEODÉSICA POR FORA



FIGURA 20 OKAN ILU 2017



FIGURA 21 CIRCULO SAGRADO



FIGURA 22 DANÇAS E CANTOS MACUXI



FIGURA 23 OKAN ILU



FIGURA 24 DANÇANDO “GALO MACUCO”



FIGURA 25 RODA DO OKAN ILU



FIGURA 26 VIVÊNCIA DO PROJETO CARTOGRAFIAS DA COMPAZ – PARCERIA UFRGS/COMPAZ



FIGURA 27 A TRADIÇÃO COMBINA COM A TECNOLOGIA – OFICINA DE REGISTRO AUDIOVISUAL DE HISTÓRIA DE VIDA – PARCERIA UFRGS/COMPAZ

Fotógrafo: Renan Labrea

<https://www.youtube.com/watch?v=3BROTAfgNeM>

<https://www.youtube.com/watch?v=xSryvWng0jU>

CERTIFICAÇÃO COMO KILOMBOLA - 2016

<https://www.youtube.com/watch?v=Da9xObVRIGs>

COMUNIDADE KILOMBOLA MORADA DA PAZ – 2013

Parte I <https://www.youtube.com/watch?v=E4SeNxpy7eQ>

Parte II <https://www.youtube.com/watch?v=LqJx6ARNmi4>

TERREIRO DE CHÃO BATIDO DA NAÇÃO MUZUNGUÊ - 2013

<https://www.youtube.com/watch?v=tfUD62V9Fro>

SANEAMENTO ECOLÓGICO DA COMUNIDADE KILOMBOLA MORADA DA PAZ

<https://www.youtube.com/watch?v=V3LDGkkNz6M>

CASA BIO COMUNIDADE KILOMBOLA MORADA DA PAZ

<https://www.youtube.com/watch?v=BKYC3MtGJ7s>

<http://fortalecimentodecomunidades.casa.org.br/index.php/2017/06/21/comunidade-morada-da-paz-compaz/>

PROPOSTA DE UMA SEDE SUSTENTÁVEL PARA A COMUNIDADE MORADA DA PAZ

http://www.elecs2013.ufpr.br/wp-content/uploads/anais/2007/2007_artigo_136.pdf

GRUPO ÌBEJÌ - ENCONTRO COMUNIDADE MORADA DA PAZ - 2014

<https://www.youtube.com/watch?v=-5dpL8DrrBw>

**A EDUCAÇÃO EM UMA COMUNIDADE AUTORRECONHECIDA KILOMBOLA: A VIVÊNCIA DA
COMUNIDADE MORADA DA PAZ – COMPAZ**

<http://encenasaudemental.net/comportamento/insight/a-educacao-em-uma-comunidade-autorreconhecida-kilombola-a-vivencia-da-comunidade-morada-da-paz-compaz/>

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE TRIUNFO SE TORNA PONTO DE CULTURA - 2014

<https://estado.rs.gov.br/comunidade-quilombola-de-triunfo-se-torna-ponto-de-cultura>

**SECRETARIA DE TURISMO, EM PARCERIA COM A COMPAZ REALIZA RODA DE CONVERSA
- 2015**

<http://otriunfense.com.br/tag/comunidade-morada-da-paz/>

**ATELIER PEDAGÓGICO BILÍNGUE VISITA COMUNIDADE KILOMBOLA MORADA DA PAZ -
2017**

<https://www.ufrgs.br/faced/atelier-pedagogico-bilingue-visita-comunidade-kilombola-morada-da-paz/>

**TERREIRO DE CHÃO BATIDO: UMA VIVÊNCIA INTER-RELIGIOSA COM A COMUNIDADE
QUILOMBOLA MORADA DA PAZ, RS - 2018**

<http://www.unicap.br/estudosreligiao/?p=1554>

**CONSTRUINDO PROJETOS SOCIOAMBIENTAIS SUSTENTÁVEIS: A VIVÊNCIA DA
COMUNIDADE MORADA DA PAZ/RS**

<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/14524/9072>

**COMUNIDADE, ÉTICA E ECONOMIA ECOLÓGICA: REFLEXÕES SOBRE O MODO DE VIDA DA
MORADA DA PAZ**

<https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/297>

Àlàáfia, Namastê, Om Shanti, Adupé, Saravá!!!!

RODA DE CONVERSA NO CALENDÁRIO DA COMPAZ E AGENDA TRIMESTRAL DE
CIRCULAÇÃO DOS PRODUTOS DA CARTOGRAFIA

O Encontro Dialógico, realizados desde 2017, foi uma iniciativa da comunidade mas desde o início da pesquisa o Coletivo Pesquisador mapeava os temas, convidados e conseguimos levar para o quilombo os educandos e educandas da EduCampo e trazer para aulas abertas e rodas de conversa as vivências da Morada e nesse período realizamos ao menos uma atividade na Morada e uma na FACED. Também fomos na FEEVALE, Unisinos, Escola Lumiar, escolas do tempo comunidade da EduCampo realizar oficinas e rodas de conversas com alunos e professores. Na última parte deste relatório temos a descrição de algumas atividades de extensão desenvolvidas ao longo do período da pesquisa.

**Escola ComKola
Kilombola
Epè Layiè**

Convida para o diálogo

**Etnoludicidade -
O brincar nas/das comunidades
tradicionais quilombolas
e indígenas.**

Local: Comunidade Kilombola Morada da Paz
BR 386- KM 410- Distrito de Vendinha
Triunfo/RS

**27/11
das 14h
às 17h**

*Gba Oya Nkan:
Yamoro, moradora e fundadora da
Comunidade Kilombola Morada da Paz*

*Bolonã, Alabê da Comunidade Kilombola Morada
da Paz e Educadora da Escola ComKola Kilombola Epè Layiè*

*Convidadas:
Liliane Giardani, Professora da Faculdade de Educação
da UFRGS - Coordenadora do programa de extensão
Labogames*

*Renato Ribas, Professor do Instituto de
Informática da UFRGS - Coordenador do
programa de extensão Labogames*

Contribuição:
R\$ 15,00 • 1kg alimento não perecível
s/certificado
R\$ 20,00 • 1kg alimento não perecível
c/certificado

Inscrições através do email: cursos.compaz@gmail.com
ou dos telefones (51) 986166842 e
(51) 984032013

EduCampo
Ponto de Cultura
Morada da Paz

Apoio: **RESOL**

**ZUMBI-DANDARA
PROGRAMAÇÃO 2019**

18/11 - ESCOLA EMEM EMILIO BEYER , Av. Niterói 472
Medianeira , Porto Alegre, RS - 19h
- Afoxé Amigos de Katendê e Roda de Capoeira Angola

19/11 - UNISINOS (Complexo Desportivo)
São Leopoldo, RS - 19h
- A Capoeira e a Cultura Popular nos dias de hoje
Temas:
A vadição do ócio: roda
Palestra: Mestre Ratinho
Maculelê: o saber popular na escola
Oficina: Prof.: Me. Daisy Reis

20/11 - CONCENTRAÇÃO MERCADO PÚBLICO - 19h
- Marcha para ZUMBI LARGO ZUMBI DOS PALMARES e Afoxé Amigos de Katendê

21/11 - CENTRO CULTURAL RABO DE ARRAIA, Rua Ferreira Viana 751- 19h
- Oficina Mestre Cavaco - Investimento - R\$ 40

22/11 - CENTRO CULTURAL RABO DE ARRAIA, Rua Ferreira Viana 751 - 19h
- Seminário a Cultura Popular nos dias de hoje
Mestre Ratinho e Coletivo de pesquisadoras e pesquisadores kilombolas Okaran
(Professora: Dra. Valéria Labrea - Educação do Campo - FACED/UFRGS)

23/11 - QUILOMBO DOS MACHADOS - 15h
- Afoxé Amigos do Katendê e Roda de Capoeira Angola

**CONTRIBUIÇÃO SOLIDÁRIA MÍNIMA
R\$15**

MESTRE MOA VIVE EM NÓS






**QUARTAS
na FACED**

os encontros valem como atividades complementares

**DEFORMAÇÃO –
EDUCAÇÃO DO CAMPO
KILOMBOLA:
APRENDER E ENSINAR A CULTURA
AFROBRASILEIRA FORA DA FORMA**

20/11

Quarta-feira, das 10h30min às 12h10min,
na Sala 102.

Evento gratuito e sem necessidade de inscrição

**Coletivo de Pesquisadores e Pesquisadoras
Kilombolas OKARAN e Coletivo de Cantantes
e Brincantes É do Campo**

quartasnafaced@ufrgs.br
ufrgs.br/faced/quartasnafaced

II JORNADA DE EDUCAÇÃO MUSICAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

X JORNADA DE ESTUDOS DO PROGRAMA EDUCAÇÃO INFANTIL NA RODA - Ciclo de Estudos do FGEI 2019

Data: 11 e 12 de novembro 2019
Local: FAGEDUFRGS Sala 102
Parcerias: Fladem-Brasil, PIA, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, São Leopoldo e Escola Projeto.

PROGRAMAÇÃO

11/11/2019

TEMA: Música e Educação: dimensão poética da linguagem

8:00 – Credenciamento

9:00 às 10:00

Roda de Verso: "Rezo que vira canto", Cartografia sonora de território quilombola.
Palestrante: Valéria Labrea (FACEDUFRGS)
Mediação: Filipe da Silva Silveira (FACEDUFRGS)

10:00 às 10:30 Intervalo

10:30 às 12:00

Roda de Verso: "Com Posição: Educação Musical desde a educação infantil, agora é lei!"
Palestrante: Bianca Oliveira Cardoso e Dulcimara Lino
Mediação: Milene Compagnon (EMEI Vila Nova São Carlos)

TARDE

13:30 às 17:30

Roda de Verso: "Encontros com o Compositor", um projeto de educação musical na escola.
Palestrante: Beth Baldi (Escola Projeto)

12/11/2019

TEMA: Cardápio Sonoro: Inventários em territórios educativos

8:00 às 9:00

Roda de Verso: Educação Musical na Universidade
Palestrantes: Luga Petrucci (UNISINOS) e Denise Blanco Sant'Anna (FEEVALE)
Mediação: Gabriel Domelles (FACEDUFRGS)

9:00 às 10:30

Roda de Verso: Educação Musical em Porto Alegre
Performances: Babulatu, Lucas, Moraes, Poetas Slamers, Emily Ramão, Mika, Juliana Luise
Puckel Show do PIA: FACEDUFRGS
Mediação: João Vitor Costa

11:00/12:00

Roda de Verso: Educação Musical na Escola
Matheus Camilo Viana e Dulcimara Lemos Lino (FACEDUFRGS)

Bianca Oliveira Cardoso: Pesquisadora do Grupo Escola Poética (FACEDUFRGS). Especialista em Gestão na Escola (UNISINOS). Licenciada em Pedagogia (UNISINOS). Professora de Educação Infantil no município de São Leopoldo.

Beth Baldi: Diretora Pedagógica da Escola Projeto Porto Alegre. Graduada em Pedagogia (PUCRS) e Mestre em Métodos e Técnicas de Ensino (PUCRS). Colaboradora da Editora Projeto. Participa da intensa formação de educadores a nível regional, nacional e internacional. Publicações em diferentes revistas, blogs e cadernos de ensino.

Denise Blanco Sant'Anna: Doutoranda na FEEVALE. Coordenadora do Programa Cultura na Comunidade: FEEVALE. Mestre em Educação, Bacharel em Piano.

Dulcimara Lemos Lino: Licenciada em Educação Artística: habilitação em Música (UFRGS). Mestre e Doutora em Educação (UFRGS). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Escola Poética e do Programa de Extensão Pia: Concertos e Oficinas (FACEDUFRGS). Representante do FLADEM-BRASIL, pianista.

Filipe da Silva Silveira: pesquisador do Grupo de Pesquisa Escola Poética, integrante do Programa de Extensão Pia: Concertos e Oficinas, professor da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Gabriel Domelles: pesquisador do Grupo de Pesquisa Escola Poética, integrante do PIA: Núcleo Interinstitucional de MPB da FACEDUFRGS, graduando em Pedagogia (FACEDUFRGS), professor na Escola Marista Rosário, percussionista.

João Vitor Costa: Monitor de Educação Musical, Acadêmico do curso de Pedagogia (FACEDUFRGS).

Luga Petrucci: Produtora Cultural, Mestre em Artes Cênicas, Especialista em Política e Gestão Cultural, Coordenadora e Curadora do Projeto Utmúsica UFRGS desde 2001.

Matheus Camilo Viana: Músico, Acadêmico da Pedagogia Integrante do Programa de Extensão Pia: Concertos e Oficinas.

Valéria Labrea: Professora da FACEDUFRGS na área de Política e Gestão da Educação, Coordenadora do curso de Licenciatura em Educação do Campo, Doutora e Mestre em Educação (UNB). Especialista em Gestão Cultural pela Fundação Itaú Cultural/Universidade de Girona/ Espanha, coordenadora do Programa de Extensão Cantantes e Brincantes FACEDUFRGS.



EVENTO GRATUITO INSCRIÇÕES NO CREDENCIAMENTO

Escola Comkola Kilombola
Epè Layè
Convida para o diálogo

O ensino da História, literatura e Cultura Africana e Afro-brasileira:
um diálogo entre a educação kilombola CoMPaz e a escola tradicional

30/10 das 14h às 17h

Local: Comunidade Kilombola Morada da Paz
BR 386-KM 410-Distrito de Vendinha-Triunfo/RS

Gba Oya Nkan - Egbomí Ikawé (Flávia Rocha David), Licenciada em Letras - Português e Literaturas pela FAPA - Professora da Rede Pública Estadual de Educação.

Convidadas: Ana dos Santos, Licenciada em Letras, Português e Literaturas pela UFRGS, Especialista em História; Territórios Negros: Patrimônio Afro-Brasileiro em Porto Alegre - UFRGS, Professora de literatura da Rede Pública Estadual, Contadora de Histórias, Poetisa integrante do sarau de poesia negra Sapopá Poético.

Valeska Garbinatto - Professora da Rede Pública de Educação, Licenciada em História pela UFRGS, Especialista em História Africana e Afro-Brasileira pela FAPA. Trabalha com ações afirmativas desde 2003 em projetos pedagógicos interdisciplinares.

Contribuição:
R\$ 15,00 - 1kg alimento não perecível s/certificado
R\$ 20,00 - 1kg alimento não perecível c/certificado

Inscrições através do email: curso.compoz@gmail.com ou dos telefones (51) 99616842 e (51) 996218451

Apoio:



ajú Ayie

PLANTIO COMVIDA

19|09 Encontro Dialógico - Territorialidades de resistência. Grupo de Pesquisadores (as) Kilombolas Okaran. 14h - 17h Sala 303 Faced UFRGS - Porto Alegre

20|09 Vivência de Plantio CoMPaz - Comunidade Kilombola Morada da Paz território de Mãe Preta CoMPaz. 9h - 17h - Triunfo*

22|09 Diálogo sobre o Conceito de Organismos de Biodiversidade - Mulheres da Terra. 9h - 16h Assentamento Filhos de Sepé Tiarajú - Viamão*

* Contribuição sugerida para a pegada ecológica dos territórios de R\$ 20,00 (alimentação)

Mais informações | instituto.compaz@gmail.com

Realização: 

Apoio: 

ENCONTROS DIALÓGICOS COMPAZ 2ª EDIÇÃO A EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA KILOBOLA

Os Encontros Dialógicos CoMPaz são espaços de partilha da Escola CoMKola Kilombola Epè Layiè com a rede escolar e demais interessados. Tem como objetivo possibilitar uma reflexão sobre uma visão de educação integral, humanizada e revolucionária que é chamada de Pedagogia do Encantamento.

DATAS E TEMÁTICAS

- 25/06** – Território kilombola: vivência, lugar e espaço.
- 23/07** - Uma escola CoMKola kilombola na contramarcha do processo de educação do estado brasileiro.
- 20/08** – Quando o orisá é o curador do corpo e da mente: a visão de saúde integral da CoMPaz.
- 24/09** – Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar numa comunidade kilombola espiritual.
- 22/10** - Do quilombo com q ao quilombo com k: território de resistência e resiliência CoMPaz.
- 19/11** - Na minha casa toda forma de amor é sagrada: gênero e identidade sexual – um diálogo CoMPaz.

Local: Comunidade Kilombola Morada da Paz – Br 386 – KM 410 – Triunfo/RS
Horário: 14h as 17h

Inscrições: cursos.compaz@gmail.com
Contato: (51) 996218451, (51)982050750 e (51)986166842

APOIO & REALIZAÇÃO





ESCOLA KILOMBOLA
ePÉ Layiê
INSTITUTO COMPaz

Convidam para o diálogo

A corporeidade no processo de crescimento da criança
A dança no desenvolvimento espiritual e psicossocioambiental da/na qualidade do ensino-aprendizagem dos estudantes

Local: Comunidade Kilombola Morada da Paz
BR 386- KM 410-
Distrito de
Triunfo

**31/07 das
14h às 17h**

Mãe e Mãe: Astabkassou (Dany B. de Jesus Reis), Licenciada em Dança (UFPA), Mestranda da PPEDU/UFPA e Educadora Social. Brincante no grupo Paralelo 20.
Coordenadora: Nery Salazar, Pesquisadora em espiritualidade e em desenvolvimento de parábolas. Pedagoga com especialização em Ed. Infantil (Instituto), Formação em Danças Circulares. Supervisora Arte-educadora e Arte-terapeuta e integrante do grupo dança com prática em dança contemporânea.
Cláudia Kovarski, professora do Secretariado Municipal de Esportes, Recreação e Lazer de Porto Alegre. Licenciada em Educação Física e Pós-graduada em Pedagogias do Corpo e da Saúde.

Contribuição:
R\$15,00 mais 1kg de alimento não perecível ou
R\$20,00 mais 1kg de alimento não perecível com certificado.

Inscrições: Através do e-mail curso.compaz@gmail.com ou dos telefones (51) 986166842 e (51) 984032013




INSTITUTO COMPaz

CURSO DE DESFORMAÇÃO
espaço de diálogo e vivência da espiritualidade CoMPaz

Nos últimos sábados do mês, das 14h às 18h:

MAIO 25/05 | Disponibilidade: a espiritualidade no cotidiano.
JUNHO 28/06 | A morada é curandeira: o Orishá como curador.
JULHO 26/07 | Projetos de Vida CoMPaz: "Na minha encruzilhada quem manda Sou Eu".

*As atividades ocorrerão na Comunidade Kilombola Morada da Paz Território de Mãe Preta CoMPaz - localizada em Triunfo, acessível por carro e ônibus.

Inscrições e mais informações no email instituto.compaz@gmail.com



Comunidade Kilombola Morada da Paz
Território de Mãe Preta CoMPaz

Encontro Dialógico

A cosmovisão afrobudígena no Kilombo:
Um jeito de Ser e Viver CoMPaz

12 NOVEMBRO 2019 | 18h30m

Sala 612 | Faced UFRGS

Realização:



Apoio:



Encontro Dialógico

A PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO DA EPÉ LÁYIÈ
ESCOLA COMKOLA KILOMBOLA: EDUCAR ENCANTADO
COM AFETO E AMOR, TENDO COMO FORÇA MOTRIZ OS
VALORES CIVILIZATORIOS AFRICANOS E
AFRO-BRASILEIROS.

*Apresentação cultural: Semente de Baobá,
Cantantes e Brincantes e o Projeto Gente
Grande Também Brinca.*

20 NOVEMBRO 2019 | 10h às 12h

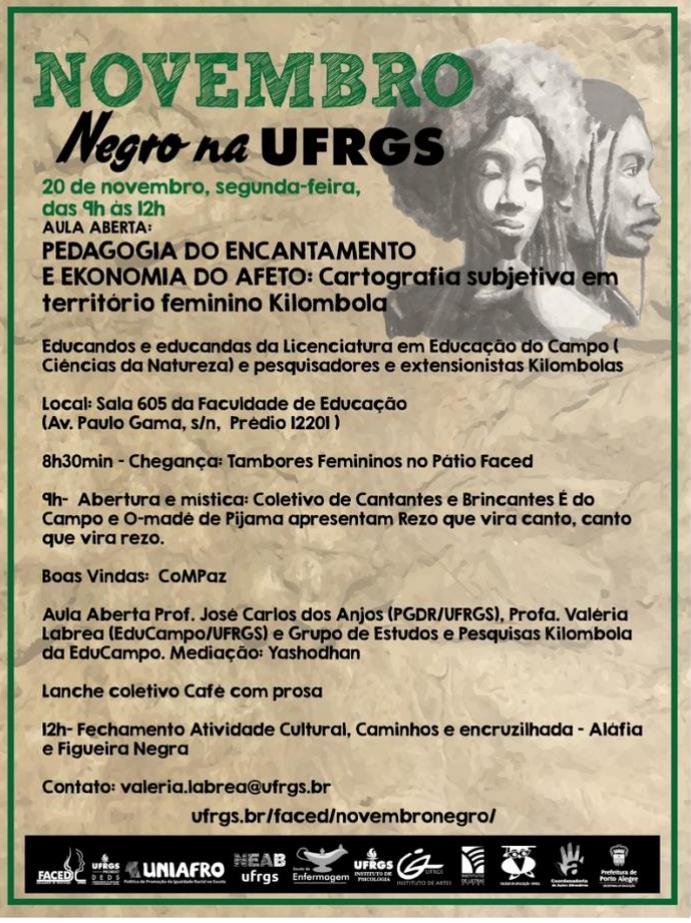
Sala 102 | Faced UFRGS

Realização:



Apoio:





NOVEMBRO
Negro na UFRGS

20 de novembro, segunda-feira,
das 9h às 12h
AULA ABERTA:

**PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO
E EKONOMIA DO AFETO: Cartografia subjetiva em
território feminino Kilombola**

Educandos e educandas da Licenciatura em Educação do Campo (Ciências da Natureza) e pesquisadores e extensionistas Kilombolas

Local: Sala 605 da Faculdade de Educação
(Av. Paulo Gama, s/n, Prédio I2201)

8h30min - Chegada: Tambores Femininos no Pátio Faced

9h- Abertura e mística: Coletivo de Cantantes e Brincantes *Ê do Campo* e O-madê de Pijama apresentam *Rezo que vira canto, canto que vira rezo*.

Boas Vindas: CoMPaz

Aula Aberta Prof. José Carlos dos Anjos (PGDR/UFRGS), Profa. Valéria Labrea (EduCampo/UFRGS) e Grupo de Estudos e Pesquisas Kilombola da EduCampo. Mediação: Yashodhan

Lanche coletivo Café com prosa

12h- Fechamento Atividade Cultural, Caminhos e encruzilhada - Aláfia e Figueira Negra

Contato: valeria.labrea@ufrgs.br
ufrgs.br/faced/novembronegro/

FACED UFRGS UNIAFRO HEAB ufrgs UFRGS Enfermagem UFRGS INSTITUTO DE ARTES UFRGS INSTITUTO DE EDUCAÇÃO UFRGS Instituto de Física Negro

TEXTO COLETIVO E ESBOÇO DE ARTIGO INDIVIDUAL

No início de 2018, o grupo de pesquisadores se reconfigurou, com a saída de três kilombolas da comunidade e a partir daí nos definimos como um Coletivo de Pesquisadores e Pesquisadoras Kilombolas OKARAN e passamos a produzir e assinar coletivamente as nossas pesquisas, embora cada pesquisador e pesquisadora tenha temas específicos, de acordo com sua formação e atividade desenvolvida na comunidade. A produção textual, no entanto, foi colaborativa, um dava início a um texto e a partir daí outros entravam e o modificavam. Versões eram apresentadas no OKARAN e na Comunidade e quando finalizadas se entendia que era de todos, inclusive da Comunidade pois nenhum texto foi finalizado sem seu aval.

Os textos apresentados a seguir são frutos do mapa mental inicial com as categorias que queríamos explorar, a saber: *cartografia; lugar, território e territorialidades; pedagogia do encantamento; economia do afeto; desformação, soberania alimentar e ekoespiritualidade*, fizemos leituras coletivas no Coletivo de autores que trabalham com essas categorias e a partir delas propomos vivências na Comunidade e organizamos pequenos artigos que respondessem às questões levantadas para serem debatidas e problematizadas na universidade.

Estes artigos foram escritos no período de 2018 a 2019, pois este ano (2020) nos dedicamos à escrita e revisão do nosso livro, em vias de publicação pelo projeto Sumaúma, um projeto da CoMPaz, feito em parceria com o OLMA (Observatório de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida). O livro apresenta os resultados de todas as atividades e categorias pesquisadas e sintetiza três anos de ações contínuas no kilombo e mostra um retrato da Comunidade neste período. No período da pesquisa e já com o convite para o livro, combinamos que focaríamos na cartografia, ou seja, mapear as atividades e vivências praticadas no território e em um segundo momento, com um novo grupo de pesquisadores, de outras instituições parceiras, iríamos nos debruçar no diálogo com autores e analisar os produtos da cartografia.

Entendemos que os textos que apresentamos a seguir em seu conjunto colaboram para os objetivos específicos do projeto tenham sido parcialmente atendidos, a saber: *descrever e analisar as vivências no Território Kilombola CoMPaz, junto com a comunidade, considerando as estratégias de sustentabilidade do território, especificamente a Economia Afetiva e refletir as práticas e os saberes que caracterizam a Pedagogia do Encantamento e as categorias que a compõe, junto com a comunidade*. A parte analítica preferimos focar no segundo projeto de pesquisa porque entendemos que agora o foco era o retrato da comunidade. Os textos aqui apresentados falam das duas categorias, a pedagogia do encantamento e a economia do afeto, considerando suas diferentes dimensões.

Junto com o Coletivo de Cantantes e Brincantes É do Campo, vinculado ao projeto de pesquisa Cartografias da EduCampo, realizamos juntos com os jovens da comunidade

a pesquisa de cancionero *Quando rezo é canto, quando canto é rezo* e isso nos possibilitou conhecer o terreiro de chão batido onde realizam o *Muzunguê* no primeiro sábado de cada mês e os *orins* que entoam no ritual. Com esse cancionero participamos ativamente das atividades do Novembro Negro desde 2017 em apresentações conjuntas com o Maracatu Semente de Baobá, formado pelos jovens da CoMPaz e rodas de conversas onde já trouxemos para a FACED mães de santo, os tambores femininos das mulheres que comandam os *orins* no terreiro, kilombolas do Norte e Nordeste, entre outros Mestres e Mestras da cultura negra e kilombola. Esta pesquisa resultou em dois artigos, no prelo, apresentados para o Sifedoc 2020 e a Revista de Educação do Campo em 2020. As duas pesquisas, Cartografias da EduCampo e Cartografias kilombolas, geraram várias parcerias e ações conjuntas, como será mostrado adiante na descrição de algumas atividades desenvolvidas.

Abaixo seguem os textos que elaboramos, de forma coletiva, no período de 2018 a 2020. Como partimos da pesquisa, muitas vezes repetimos o seu texto e isso ocorre em outros textos que seguirão, pois entendemos que o texto do projeto representa o núcleo daquilo que nos propomos fazer neste Coletivo. A repetição no relatório acontece em muitos textos, mas lembramos que cada um deles foi apresentado em lugares e eventos diferentes e por isso algumas informações são reiteradas. Entendemos que a repetição é pedagógica e o discurso pedagógico é circular e por isso esses textos vem e vão, faz parte do nosso processo de aprendizagem redizer aquilo que o OKARAN e a Comunidade já entendem como seu discurso fundador (ORLANDI, 1993).

O primeiro texto, escrito em 2019, CARTOGRAFIA SUBJETIVA EM TERRITÓRIO FEMININO KILOMBOLA: NADA SOBRE NÓS SEM NÓS, foi assinado por Yashodhan, Pedro Eduardo Kiekow e Valéria Viana Labrea, quando publicada em uma versão reduzida, e retoma os objetivos da pesquisa, ampliando e atualizando os dados e a reflexão. O artigo conta a história da Comunidade a partir de recortes dos depoimentos dos moradores que foram apresentadas nas Rodas de Conversa do OKARAN. A ideia do texto era visibilizar essas vozes e por isso temos várias citações diretas para mostrar como, no período de 2018 e 2019, a CoMPaz se percebia. Também esclarecemos o que se entende por

pedagogia do encantamento e economia afetiva, mostrando como essas categorias funcionam nas práticas da comunidade.

Quando rezo é canto, quando canto é rezo, de 2020, apresenta a descrição e análise de uma pesquisa cartográfica de construção de um cancionário de rezos entoados no terreiro em louvação aos Orixás. Este cancionário nos apresentou a parte da cultura e história de uma comunidade kilombola e dos povos de terreiro. Relacionamos esses conteúdos a uma proposta de educação do campo kilombola a partir da articulação da pedagogia do movimento sem terra às diretrizes da educação quilombola e educação das relações étnicas-raciais.

O texto *Lugar, território e territorialidade: uma análise a partir da comunidade Morada da Paz*, de 2018, escrito em primeira pessoa, resulta do diálogo que tivemos em nossos encontros semanais a partir das ideias de Milton Santos (1997) onde ele fala do lugar, território e territorialidades e tentamos olhar para a Morada da Paz a partir dessas lentes.

O texto da CoMKola, de 2019, resulta de um desafio coletivo: pensar como a pedagogia do encantamento funciona, o que é o encantar nas atividades realizadas com os pitocos do kilombo e como essas atividades ajudam a pensar o PPP da Escola CoMKola Kilombola Epè Layiè. O TCC de Pedro Kiekow, a ser defendido em 2020/1 fala desta experiência da CoMKola e de uma proposta de uma educação do campo kilombola. Os Encontros Dialógicos mostram a proposta de desformação que fizemos que é basicamente pensar fora da caixa e se abrir para conhecimentos que vão para além da academia. Os interlocutores deste processo de desformação são os professores da rede pública e os discentes da EduCampo, FACED e demais licenciaturas.

O OJU AYIÊ, de 2017, fala do modo como produzem e se alimentam no kilombo e de sua busca por soberania alimentar, ou seja, produzir os alimentos principais necessárias para a subsistência do kilombo e também para venda local. O Clã Oşùpá, de 2020, fala das mulheres que mexem com as ervas na ritualística africana e mostra um pouco (o que pode ser dito) da espiritualidade da Morada da Paz.

Esperamos que esses textos sirvam de mapa para conhecer um pouco desta comunidade.

CARTOGRAFIA SUBJETIVA EM TERRITÓRIO FEMININO KILOMBOLA: NADA SOBRE NÓS SEM NÓS

Denise Dornelles

Pedro Eduardo Kiekow

Valéria Viana Labrea

Eu canto pros antepassados
Pros meus aliados,
Pros meus Orixás.
Peço *Ago Yê Mojubá*
Pras minhas *Yás*
Pra saravá!
Semente de Baobá

O projeto de pesquisa e extensão universitária *Pedagogia do Encantamento e Economia do Afeto: Cartografia Subjetiva em Território Feminino Kilombola*, é realizado pelo Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas OKARAN formado por *kilombolas* moradores da *Comunidade Kilombola Ecológica Morada da Paz*, Território de Mãe Preta (CoMPaz) e pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O projeto de pesquisa tem como objetivos: elaborar uma cartografia subjetiva, para mapear, descrever e refletir sobre os saberes e fazeres da CoMPaz para salvaguardar o patrimônio material e imaterial kilombola, através das narrativas sobre a experiência social dos sujeitos que compõem a comunidade.

Para isso buscamos descrever e analisar as vivências no Território Kilombola CoMPaz, considerando as estratégias de sustentabilidade do território, especificamente a Economia Afetiva; refletir sobre as práticas e os saberes que caracterizam a Pedagogia do Encantamento e as categorias que a compõem e que buscam romper com o senso comum, racista e patriarcal predominante na sociedade.

De início, queremos esclarecer nossa opção pela grafia de *kilombo*, *kilombola* com *k*, desde o nome do projeto de pesquisa, pois entendemos que ao renomear, tentando

capturar um outro sentido, ligado à etimologia da palavra, optamos por ressignificar politicamente estes termos, antes associados historicamente a processos de colonização e ao capitalismo e, agora, redefinidos, falam da experiência social da Comunidade Kilombola Morada da Paz (CoMPaz) em ser kilombola e viver em um kilombo.

A língua, como se sabe, é um dos principais instrumentos de dominação política e cabe, portanto, resistir aos sentidos impostos pelo colonizador e se abrir para a polissemia. Em áreas bantas na África, nos contam as Yás, kilombo significava sociedades de homens guerreiros. No Brasil colonial, a denominação quilombo passou a designar o local para o qual homens e mulheres, africanos e afrodescendentes, que se rebelaram ante a sua situação de escravizados e fugiram das fazendas, se refugiaram em florestas e regiões de difícil acesso, onde reconstituíam seu modo de viver em liberdade. Entendemos que kilombo, grafado com q é uma adaptação do colonizador ao termo africano e a usaremos sempre que citarmos textos de outros autores que foram grafados desse modo. Mas para designar o Território de Mãe Preta, suas práticas e processos educativos e de sustentabilidade, iremos grafar kilombo com k a fim de afirmar que estamos em uma disputa que é política e linguística.

Da mesma forma, grafamos ekonomia com k para aludir a *oikos* que significa casa no grego. Ekonomia é uma grafia que para os kilombolas da CoMPaz tem o sentido de buscar essência da *oikonomia* grega, que visava o cuidado da casa. Esta cosmovisão, coerente com os valores e a ética kilombola, se opõe à economia ortodoxa condicionada ao pensamento capitalista, racional, lógico e utilitarista que não incorpora em seus modelos a subjetividade e o bem comum.

Este artigo³, ampliado e atualizado, traz resultados iniciais do projeto de pesquisa e extensão universitária Pedagogia do Encantamento e Economia do Afeto: Cartografia Subjetiva em Território Feminino Kilombola. Apresentaremos especificamente um

³ Uma versão resumida deste artigo foi originariamente publicada em 2019. Referência: LABREA, Valéria Viana; KIEKOW, Pedro Eduardo; DORNELLES, Denise Freitas. Cartografia subjetiva em território feminino kilombola: em busca da utopia do bem viver in: *Cadernos do Lepaarq*, v. XVI, n.31., p. 107-120, Jan-Jun. 2019.

primeiro nível deste mapa, a metodologia – a cartografia subjetiva -, e uma parte da história da Comunidade e de seus moradores, organizada a partir das narrativas dos pesquisadores e pesquisadoras e dos outros moradores do kilombo.

A CARTOGRAFIA SUBJETIVA

Desde a antiguidade, o mapa serve para delimitar território, fronteiras, rotas, referências, reserva de recursos, grupos sociais. A cartografia esteve a serviço da colonização e de processos hegemônicos de dominação a fim de legitimar a conquista de povos e territórios. Na contemporaneidade, ao incluir os sujeitos que vivem nos territórios para a realização de mapeamentos participativos, surge a cartografia social que pode *ser vista ora como esforço de resistência às dinâmicas da globalização, ora como instrumento de apoio à efetivação mesma dessas dinâmicas* (ACSELRAD, 2008, p.10).

Para os geógrafos, segundo Rolnik (1989, p.15), *"a cartografia é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem"*. Para ela:

Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, **acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – uma perda de sentido – e a formação de outros**: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para **afetos que pedem passagem**, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fizerem necessária (ROLNIK: 1989, p.15-6, grifo meu).

A metodologia adotada, a cartografia subjetiva, nos permitiu entender a Comunidade Kilombola Morada da Paz, Território de Mãe Preta, e o modo como ela se organizou coletivamente para participar da pesquisa, em diálogo com características do kilombo: a oralidade, a circularidade, o ensinar pela cultura, tradição e história, o fazer

junto, as decisões coletivas no *ipadê* - que em iorubá significa *encontro, união* e designa as rodas de conversa na Comunidade.

Foi dentro do Território que definimos uma *gramática* para a pesquisa e as categorias que iríamos privilegiar nessa etapa inicial da pesquisa: a memória dos moradores sobre sua chegada ao Território e como contam essa história, os elementos da cultura e espiritualidade que são incorporadas nos rituais do território, suas estratégias de sustentabilidade e o modo como se educam e educam os jovens e crianças. Por isso dialogaremos com as narrativas já produzidas pelos pesquisadores e pesquisadoras do OKARAN sobre a CoMPaz, principalmente BaOgan (2017), Yashodhan e Kiekow (2017), Yabacê e Yashodhan (2017), Opá Tenonde e Yamorô (2018), Folaiyan (FLORES, 2018), Labrea (2016).

A cartografia (DELEUZE; GUATARI, 1995) é uma *pesquisa-intervenção* (KASTRUP et al, 2015 e 2016) que nos permitiu entender os textos e as falas resultantes das vivências na CoMPaz como *narrativas*. A narrativa tradicionalmente é atribuída a uma obra literária e suas características são descritas por Todorov (2006, p.211): ela é simultaneamente história e discurso. A história evoca uma certa realidade, acontecimentos e personagens. E discurso porque existe um narrador que relata essa história.

Na nossa perspectiva, tomamos a narrativa como uma história e um discurso⁴ (PÊCHEUX, 1997) sobre acontecimentos reais, vividos nos cotidianos dos sujeitos da pesquisa. Todorov, na mesma obra, vai falar que a narrativa literária parte de uma visão ou ponto de vista. Na narrativa kilombola nos identificamos com o *lugar de fala* (RIBEIRO,

⁴ Pêcheux estabelece que o discurso é "efeito de sentidos entre interlocutores que enviam para lugares determinados na estrutura de uma formação social" (PÊCHEUX: 1997, p.82). Por efeito de sentido entende-se que o sentido sempre pode ser outro, dependendo do lugar social em que os interlocutores se inscrevem. As condições de produção mostram a conjuntura em que um discurso é produzido, bem como suas contradições. As CP remetem a lugares determinados na estrutura de uma formação social. As relações de força entre esses lugares sociais encontram-se representadas no discurso por uma série de "formações imaginárias que designam o lugar que o destinatário e o destinatário atribuem a si e ao outro", construindo desse modo o imaginário social (PÊCHEUX: 1997, p. 82).

2017) que é falar a partir da perspectiva de mulheres negras e de suas condições de produção, ou seja, suas condições materiais, sociais, culturais, simbólicas, políticas de existência.

As narrativas são entendidas como a materialidade discursiva que reflete uma experiência vivida e a elaboração dessa experiência por meio da palavra escrita. Essa escrita rompe deliberadamente com a tradição acadêmica que vê na impessoalidade e na generalização a marca do saber científico.

As narrativas apontam uma outra direção: *é um conhecimento contextual na medida em que o princípio organizador da sua produção é a aplicação que lhe pode ser dada* (SANTOS, 2005a, p.41). É um conhecimento transdisciplinar que, pela sua própria contextualização, obriga a um diálogo ou confronto com outros tipos de conhecimentos, o que o torna internamente mais heterogêneo e mais adequado a ser produzido em sistemas abertos menos perenes e de organização menos rígida e hierárquica (idem:43).

As narrativas produzidas na comunidade permitem que a voz da sabedoria popular se manifeste e os sujeitos problematizem rotinas e rituais, desvelando o cotidiano e impregnando de sentido práticas até então não refletidas. E as narrativas construídas na universidade pelos educandos visam articular a subjetividade social e um conhecimento enraizado - e por isso criador - à reflexão teórica e conceitual fomentada dentro da universidade. Entendemos que esse diálogo produza novos conhecimentos ainda não descritos pela academia, pois são articulados a partir de uma experiência vivida singular e constituem a ecologia dos saberes.

Neste projeto interessa particularmente reconhecer que essas narrativas criam uma ponte entre mundos - o mundo da experiência e o mundo do refletir sobre a experiência. Nossa pesquisa se insere no que Santos (2007) denomina como *epistemologia do Sul*. A epistemologia do Sul fala da construção do multiculturalismo emancipatório, ou seja,

na **construção democrática das regras de reconhecimento recíproco**, entre identidades e entre culturas distintas. Este reconhecimento pode resultar em múltiplas formas de partilha – tais como, identidades duais, identidades híbridas, interidentidade e transidentidade – mas todas

elas devem orientar-se pela seguinte pauta transidentitária e transcultural: **temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza** (SANTOS, 2005b:75, 2006a:313, grifo meu).

Santos (2007:55) diz que é cada vez mais necessária uma *utopia crítica, que reinvente as possibilidades emancipatórias e **avance entre o silêncio e a diferença***. Superar o contato colonizador, reaprender a dizer, fazer o silêncio falar para produzir autonomia e não a reprodução do silenciamento, só é possível por meio da democratização de todos os espaços, ao *substituir relações de poder por relações de autoridade compartilhada e da relação entre o respeito da igualdade e o princípio do reconhecimento da diferença* (SANTOS, 2007, p.62).

O lado político dessa utopia é a incompletude de propostas políticas e a necessidade de uni-las **sem** uma teoria geral, a partir do procedimento de uma tradução para criar inteligibilidade a partir da argumentação (SANTOS, 2007, p.99-100). Tais iniciativas estão enraizadas no espírito do lugar, na especificidade dos contextos, dos atores e dos horizontes de vida localmente constituídos. Não falam a linguagem da globalização e sem sequer linguagens globalmente inteligíveis. O que faz delas globalização contra-hegemônica é, por um lado, sua proliferação um pouco por toda a parte enquanto respostas locais a pressões globais – o local é produzido globalmente – e, por outro, as articulações translocais que é possível estabelecer entre elas ou entre elas e organizações e movimentos transnacionais que partilham ao menos parte dos seus objetivos (SANTOS, 2005b, p.75).

A opção metodológica pela *cartografia* se justifica porque preferimos deixar que as *narrativas* já estabelecidas contassem essa história. As subjetividades individuais e coletivas adquirem um papel relevante nos *estudos culturais sobre identidades construídas sob a forma de narrativas* (SANTOS, 2005: p.19). Nos propomos, a partir do método cartográfico, entender que práticas são desveladas e como se organizam esses novos sujeitos epistêmicos e seu lugar de fala. Essa abordagem pressupõe um novo modo de produzir conhecimentos, necessita de uma racionalidade mais ampla, em que se

amplia a diversidade epistemológica do mundo ao credibilizar a experiência social e ao reconhecer que existem infinitas formas de descrever, ordenar e classificar o mundo.

A cartografia proposta é relevante para entendermos as dinâmicas e experiências sociais da CoMPaz, ao refletirmos sobre a importância dos saberes e fazeres construídos pelos sujeitos que compõem o Território Kilombola que garantem uma pedagogia para transmissão de seus conhecimentos e seu modo de gerar sustentabilidade. Isso é necessário para a salvaguarda da memória do jeito de ser e de viver da CoMPaz, inspirado no Bem Viver, o *Buen Vivir* que por sua vez é inspirado no *Sumak Kawsay*, de origem *kíchwa* e que dialoga com o *teko porã* dos guaranis e na ética da filosofia africana do *ubuntu* "eu sou porque nós somos" que preza "viver em aprendizado e convivência com a natureza" e "se apresenta como uma oportunidade para construir coletivamente uma nova forma de vida" (ACOSTA, 2016, p. 11-14; 23).

Ao propormos cartografar e analisar as narrativas produzidas em território kilombola, organizando-as em categorias que possam dialogar com outros saberes e fazeres, buscamos ampliar a espacialidade do aprendizado, porque entendemos que esse território possui uma identidade – com sua história, valores e simbologias – que permite que os sujeitos que ali vivem desenvolvam estratégias relevantes do ponto de vista cognitivo para superar suas dificuldades e garantir sua sustentabilidade, a partir de experiências e tecnologias sociais locais e enraizadas, conectadas em redes de relações. As teorias sobre transformação social atualmente disponíveis não dão conta adequadamente desta novidade, pois os protagonistas destas políticas operam em um contexto político ainda pouco estudado.

A cartografia que ora propomos é igualmente relevante para entendermos as dinâmicas e experiências sociais da CoMPaz, ao refletirmos sobre a importância dos saberes e fazeres construídos pelos sujeitos que compõe o Território Kilombola que garantem uma pedagogia para transmissão de seus conhecimentos e seu modo de gerar sustentabilidade. Isso é necessário para a salvaguarda da memória do Jeito de Ser e de Viver da CoMPaz, para que possa servir como fonte de pesquisa para as gerações atuais e futuras da comunidade e de outros pesquisadores interessados nessa temática.

No OKARAN ficou claro, desde o início, que um dos aspectos fundamentais do kilombo eram as *narrativas* e as *vivências* - entendidas como experiências coletivas que atestam o estar no mundo e a forma como se educam e educam as crianças e jovens na CoMPaz.

As vivências são momentos em que nos possibilitamos experienciar, sentir, perceber, transcendendo padrões lógicos e racionais de pensamento. Podemos então “viver” na mais pura acepção da palavra, sem nos preocupar com conceitos, pré-conceitos ou juízos de valor, sentindo-nos plenos e conectados ao nosso real ser e ao cosmos. As vivências em nosso kilombo caracterizam-se além da subjetividade de percepções que provocam em cada um dos irmãos/irmãs, por terem um forte envolvimento coletivo/comunitário e um componente espiritual predominante. O lugar é a base para as nossas vivências e o conjunto de nossas vivências constitui a nossa história e sustentam a nossa territorialidade (BAOGAN, 2017, p.9-10).

Podemos então perceber que as vivências na perspectiva da CoMPaz são experiências coletivas que transcendem a realidade exclusivamente material, pois há um componente espiritual que permeia tudo o que acontece (rituais, oficinas, alimentação coletiva, preces práticas). São *experiências sociais do cotidiano*, pois as *vivências estão imbricadas diretamente dentro dele* (BAOGAN, 2017, p.13).

Desse modo, foi dentro do kilombo que decidimos o que iríamos pesquisar. Fizemos uma vivência onde participaram desde os mais novos aos mais velhos e todos revelaram aspectos da economia e da pedagogia que eram importantes incluir na pesquisa, também nessa vivência escolhemos as ideias-força que iriam orientar nosso estudo. Essa atividade foi gravada e é a referência a qual retornamos quando queremos retomar os combinados.

Essa pesquisa está sendo construída pela própria comunidade: *nada sobre nós sem nós* é um *ethos* que direciona a pesquisa e traduz um esforço de construir e difundir um saber kilombola singular, com categorias, metodologias, dinâmicas e expressões próprias. No caso do kilombo, utilizamos o *nada sobre nós sem nós* para marcar um território enunciativo no qual o lugar de fala sobre nossa pesquisa sobre e com o kilombo pertence a um kilombola ou a um pesquisador que o kilombo autorizou a falar ou

escrever sobre ele. Neste processo interessa particularmente reconhecer que essas narrativas criam uma ponte entre mundos - o mundo da experiência e o mundo do refletir sobre a experiência.

Este lema, *nada sobre nós sem nós*, emprestado da luta das pessoas com deficiências, alerta para uma prática comum tanto na elaboração das políticas públicas quanto na produção de conhecimento: a ausência ou irrelevância dos sujeitos, vistos como um *outro* que nada tem a dizer sobre a produção das condições de existência de sua própria vida. Essa é uma forma recorrente de violência simbólica e cognitiva, comum aos negros e negras no Brasil. Nosso *ethos* recusa essa visão apequenada e preconceituosa.

Com isso declaramos que todo o conhecimento produzido sobre o kilombo seria produzido coletivamente pelos kilombolas e deste lugar de fala - da perspectiva das mulheres negras que conduzem as ações da comunidade - olharíamos para o conjunto de atividades que a Morada realiza, desde sua rotina - que mostram uma forma de viver e ser que se diferencia em muito tanto de outros quilombos quanto do modo capitalista típico que vivemos na cidade - quanto aquilo que chamamos de conhecimento contextuais - ou seja, construídos a partir de uma experiência social particular ou tecnologias sociais - modos de fazer de certa forma originais que visam a sustentabilidade do território.

A presença do OKARAN na universidade atesta que as linhas divisórias entre *nós* e *eles*, linhas imaginárias que muitas vezes negam o direito à alteridade e à diferença e se recusam a responder ao outro não são naturais, mas uma construção artificial e perversa da nossa sociedade racista, sexista e homofóbica que tenta limitar a presença de vários grupos sociais, silenciando-os. Ao contrário, a mera presença desses negros e negras - que carregam no corpo as marcas das suas crenças e de sua cosmovisão -, denunciam a arbitrariedade e fragilidade de uma academia que muitas vezes sequer consegue acessá-los, que dirá entendê-los.

Na perspectiva adotada, as memórias, os saberes tradicionais, as tecnologias e experiências sociais, retratadas a partir de vivências e narrativas são territórios de

pesquisa, campos empíricos férteis para uma cartografia subjetiva que busca relacionar os conhecimentos do passado ao presente e ao futuro, caracterizada por uma narrativa afirmativa que mostra o que a comunidade quilombola possui e sua potência latente.

COMUNIDADE KILOMBOLA MORADA DA PAZ, TERRITÓRIO DE MÃE PRETA

Deus é uma mulher preta
E por natureza sei que vou sobreviver
Deus é uma mulher preta
Benção minha mãe para lutar e escrever

A morte meu país genocida reservou pra mim
Porém minha alma não é uma semente daqui
É semente da mente de Deus é de lá de onde eu
vim
Rainhas de ontem e hoje florescem em mim

A morte atravessa os sonhos de pretos aqui
Encaro e grito pro Estado não saio daqui
Minha mãe me abençoe e dê forças pra eu
prosseguir
Seus olhos d'água refletem a força que moram
em mim
Jéssica da Silva Gaspar

Carvalho et al (2002) descrevem a definição clássica de quilombo, que vigorou até meados da década de 1970. Em 1740, reportando-se ao rei de Portugal, o Conselho Ultramarino descreveu da seguinte forma o quilombo: "toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões neles"(CARVALHO et al: 2002, p.2). Nessa descrição há a presença de cinco elementos: "a fuga, uma quantidade mínima de fugitivos, isolamento geográfico, em locais de difícil acesso e mais próximos de uma natureza selvagem que da chamada civilização, moradia habitual, referida no termo rancho, autoconsumo e capacidade de reprodução, simbolizados na imagem do pilão de arroz" (CARVALHO et al: 2002, p.2).

O Decreto 4887/2003 amplia esse entendimento e reconhece que comunidades quilombolas são grupos étnico-raciais segundo critérios de "auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida"

(BRASIL, 2003, p.1). Em 2013, levantamento do governo federal indicava cerca de 214 mil famílias e 1,17 milhões de kilombolas em todo Brasil (BRASIL:2013). Algumas dessas famílias vivem na Comunidade Kilombola Morada da Paz, Território de Mãe Preta.

A CoMPaz é uma comunidade kilombola espiritual e ecológica, habitada por mulheres e homens negros que migraram da região metropolitana de Porto Alegre para a área rural do Distrito de Vendinha, no município de Triunfo, no Rio Grande do Sul, com o intuito de viver de um modo sustentável e solidário, em harmonia com o ambiente e com suas tradições ancestrais como caminho para uma melhor qualidade de vida.

Para chegar ao Território, contam que foram orientados por Mãe Preta que disse que encontrariam "duas velhas centenárias" que lhes mostrariam o caminho. Eles levaram algum tempo para perceber que ela se referia a duas poderosas velhas figueiras e não a duas senhoras idosas como imaginaram inicialmente. Quando viram as árvores no Território enfim compreenderam que ali seria sua Morada. Mãe Preta é uma preta velha que acompanha há mais de 20 anos Yashodhan, a *Sangoma*⁵, guia espiritual e guardiã da cosmovisão da Nação Muzunguê⁶, a Yá que guarda e comanda os ritos no terreiro.

Como aquela que guarda o poder da unidade, Yá é mãe de outros tantos, não apenas daquelas que compartilham consigo o sangue, mas de outras e outros filhas e filhos espirituais. Cada vez mais entregue à vida espiritual, busca fortalecer, com seus companheiros de vida e com as entidades que a guiam em busca de um mundo mais digno, a existência da Comunidade Morada da Paz: lugar de acolhimento, de cuidado, de cura, de vivências de saberes e de fortalecimento da vida. Aos seus filhos e filhas, ensina muito. Dentre tanto, o poder que cada

⁵ Sangoma, na tradição africana, é a pessoa que é chamada para curar e através dela os ancestrais do mundo espiritual podem se manifestar, dar conselhos para curar doenças e desarmonias.

⁶ O Muzunguê é oriundo do kikongo, cujo significado se aproxima da ideia de acolhimento. É um terreiro de chão batido onde se faz atendimentos espirituais, "assemelham-se às casas de Umbanda, ainda que também não sejam exatamente isso – pois em um mesmo espaço-tempo ritual manifestam-se as entidades do Batuque, do Candomblé e da Umbanda" (FLORES, 2018, p.108), e tem as "preces práticas e a noção de meditação ativa (...), o não consumo de carne e de álcool, a compreensão de que o corpo é formado por pontos energéticos, os chakras que são atribuídas ao Budismo"(FLORES, 2018, p.115). No Muzunguê há um trabalho de recuperação dos ritos ancestrais, como, por exemplo, a introdução dos tambores nos rezos ou orins, como chamam os pontos cantados em louvação aos orixás.

um carrega de ser a transformação que queremos ver no mundo (MORADA DA PAZ, 2018).

Mãe Preta é reconhecida como a Yabá⁷ ancestral e mãe da comunidade. Seu Sete, um Exu-Rei é o pai da comunidade. Conta Flores, em sua tese de doutorado, fala do encantamento da sua chegada no território ao se deparar com uma *comunidade espiritual feminina kilombola*:

Mulheres negras, moradoras de uma comunidade espiritual rural, onde todas as integrantes são filhas de um Exu e de uma Preta-velha. Mulheres negras que definiram suas práticas espirituais como universalistas, a partir da relação estabelecida entre três matrizes: budismo tibetano mahayana, práticas afro-brasileiras – incluindo Umbanda, Candomblé e Batuque – e xamanismo indígena mbyá-guarani (FLORES, 2018, p.15).

Afirmamos que Comunidade Kilombola Ecológica Morada da Paz, Território de Mãe Preta é um território negro feminino, pois a grande maioria das moradoras são mulheres que salvaguardam a cultura matricial de seu povo. Elas nos contam nas rodas de conversa que, aos poucos, "os homens foram indo embora" do território e as mulheres permaneceram. Essa característica não é incomum nos relatos de outras mulheres negras onde as famílias se desagregam e os homens deixam as mulheres, geralmente para criar seus filhos sozinhas.

O que é incomum nessa narrativa é como essas mulheres subverteram uma memória histórica de discriminação em função de raça, gênero e classe social porque em seu território reconstruíram essa memória a partir das atividades de cuidado que pautam sua organização, suas estratégias educativas e de sustentabilidade comunitárias (LABREA, 2017). Ficar, permanecer no kilombo é resistir e investir na vida comunitária e reinventar um modo de ser e estar no mundo diferente daquele que o mundo lhe apresentava (FLORES, 2018, p.142).

⁷ Yabá é o termo usado no candomblé para as Orixás femininas.

O feminino, nesta perspectiva é considerado uma *força* e em uma roda do grupo de pesquisas OKARAN, ao abordarmos esse assunto, sobre "as que ficaram" houve a seguinte reflexão: “a comunidade sempre foi uma força feminina, mesmo quando o número de homens era igual. Sempre se pensou como fazer, como falar, como conviver com mais cuidado, mais afeto, com mais flexibilidade” embora reconheçam que “tem momentos que a energia masculina é importante para a comunidade (...) quando se estabeleceram os princípios norteadores precisou de uma força mais dura, mais inflexível” (FLORES, 2018, p.169-170).

O masculino e o feminino enquanto *forças* estão presentes nos homens e nas mulheres do Território e que essa presença gera um equilíbrio, embora tanto os homens quanto as mulheres no Território de Mãe Preta tenham escolhido deliberadamente desenvolver seu lado espiritual⁸ e comunitário e priorizar as atividades de cuidado e cura que são identificadas como forças femininas.

A organização da comunidade é em uma *hierarquia circular*, há diferentes grupos que dialogam: as Yás e o *Baba*, as mais velhas e o mais velho da comunidade, fundadores da comunidade e responsáveis pelas principais decisões; as *Egbomis*, as irmãs mais velhas da comunidade; as *laôs*, as iniciadas mais novas. Há também os *Odomodês*, os jovens, os *Omadês*, as crianças e os *pitocos*, que são as crianças de até 5 anos de idade (FLORES, 2018, p.16). As decisões são tomadas nos *lpadês*, círculo de diálogos, onde todos, desde os pitocos às lyás falam e escutam e as entidades protetoras do território indicam caminhos possíveis.

A CoMPaz, explica Baogan (2017), é um lugar constituído por muitas identidades, pois é uma comunidade espiritual, um espaço educativo, um Território Kilombola, um

⁸ Na CoMPaz, entende-se por espiritualidade a conexão que qualquer ser pode estabelecer com quaisquer forças que participam do cosmos. O conceito de cosmos é o espaço por excelência da diferença. Atenta para o fato de que há inúmeros povos e seres que o habitam – incluindo ar, sol, árvore, cachorro, homens brancos, mulheres negras, eguns, divindades e outros tantos possíveis de nomear em suas diferenças, outros que não se sabe nomear e outros, ainda, que nem ao menos se sabe da existência. A espiritualidade possibilita que essa heterogeneidade possa se comunicar, através do que é chamado de mediunidade. Essa, por sua vez, pode ser realizada de muitas formas, por conversas, visões, sonhos, sensações, incorporações, intuições, criações, entre outras tantas (FLORES, 2018, p.174).

Ponto de Cultura que acolhe pessoas. Todas estas dimensões estão conectadas umas as outras, se interpenetram, constituindo uma comum unidade em princípios e propósito. A CoMPaz acaba sendo também um lugar de passagem, pois assim como há os que vêm, criam vínculos e desenvolvem raízes, há aqueles que se relacionam com o seu universo de uma forma transitória, ou seja, cumprem um tempo que em geral não é pré-estabelecido e depois seguem o seu caminho.

Os moradores e moradoras do kilombo, ao longo do tempo, lutaram para tornar o território um espaço no qual as tradições, a religiosidade e a ancestralidade fossem a base de suas práticas no qual o "bem viver coletivo busca respeitar o direito intrínseco de como cada sujeito se coloca no Kilombo" (YASHODHAN; KIEKOW, 2017, p.18.). Na CoMPaz construíram uma leitura holística de vida e de mundo que contempla aspectos materiais e imateriais que permitem uma vivência da espiritualidade e da vida comunitária como processo de afirmação da possibilidade de outras formas de existir e resistir e "imaginar outros mundos", nos termos de Acosta (2016).

EKONOMIA AFETIVA

A espiritualidade é um caminho sem volta
Morada da Paz

Na CoMPaz as estratégias de sustentabilidade também passam pelo coletivo e cada um oferece o que pode em termos de dinheiro - há uns poucos que trabalham fora do Território e todos trabalham muito dentro da CoMPaz - e o recurso financeiro é utilizado de forma coletiva e nos *ipadês de ecogestão* decidem como que irão gastar, dando prioridade para as demandas coletivas e, na medida em que é possível, atendem as demandas individuais. Os recursos que entram provenientes de salários, projetos, doações ou prestação de serviços, são canalizados para o caixa comunitário e a partir daí conforme os encaminhamentos da área de Planejamento e Gestão são alocados para suprir as várias necessidades existentes.

Não há salários para os moradores, mas ninguém fica desassistido quanto às suas necessidades básicas (alimentação, vestuário, transporte, educação, moradia). Todas as entradas e saídas de caixa são dialogados e planejados, pois na CoMPaz tudo está

interconectado, isto é, a vida de um é a vida de todos e todas. Esses elementos compõem o que chamamos *ekonomia afetiva*, que condensa as estratégias de sustentabilidade da CoMPaz.

Um aspecto marcante da *ekonomia afetiva* diz respeito ao seu caráter empreendedor que motiva a alocação de *recursos* como mão-de-obra, tempo, habilidades na construção de soluções criativas para gerar trabalho e renda em benefício de toda a comunidade. Os *recursos* extrapõem o dinheiro, é o tempo, a força de trabalho, os diferentes níveis de conhecimentos, os interesses são também contribuições que cada morador oferece, a partir das suas condições de existência.

Para a comunidade tudo pode ser recurso: o tempo e a presença, os braços disponíveis para auxiliar no plantio ou na construção de estruturas dentro do território, pessoas dispostas a cuidar das crianças, a cozinhar, a tecer relações com outros coletivos externos, todo trabalho e dedicação de tempo dados à comunidade são percebidos como recursos. O que chamam espiritualidade, e suas muitas ferramentas, fornece recursos de cura, de cuidado, de “manutenção energética”. A natureza oferece recursos, de cura, de alimento e nutrição, de moradia. As doações de comida, de roupa (a partir da qual a comunidade seleciona o que deseja para si e o restante alimenta o brechó que realizam), de materiais de construção ou outros. Materiais reciclados podem ser recursos de artesanato, assim como retalhos de tecidos. O dinheiro, portanto, não é concebido como o único recurso. Ao contrário, é tomado como um entre tantas possibilidades (FLORES, 2018, p.217).

Na busca pelo bem viver seus doze moradores adultos - três homens e nove mulheres - aos poucos foram deixando seus empregos na cidade, seguindo a orientação de Mãe Preta, e se dedicaram a transformar a Morada em um espaço do qual tiram seu sustento por meio de vários projetos ali desenvolvidos - tem hortas de verduras, legumes, chás e temperos, pomar de frutíferas, tudo orgânico ao lado de matas nativas. As mulheres e jovens confeccionam bolsas e acessórios, oferecem pães e produtos alimentícios em feiras e em um Café situado na universidade. Suas crianças - três meninos e cinco meninas, entre dois e catorze anos - e seus jovens - um homem e uma mulher, ambos na idade de dezessete anos, participam de todo processo, acompanhando seus pais e parentes no horário em que não estão na escola.

Toda a comunidade optou por seguir a orientação de Mãe Preta e se organizar para *viver de projetos, e dedicar a vida às ações em que se acredita. Ações que atuam na mudança que queremos ver no mundo* (FLORES, 2018, p.219) e a partir daí desenvolveram várias estratégias que passam pela agricultura, pelas atividades de ensino, cura e cuidado, por participar de editais públicos, por chás e almoços comunitários, pela produção e venda de produtos alimentícios e acessórios, por doações e campanhas. O conjunto de estratégias de sustentabilidade da CoMPaz são denominadas *ekonomia afetiva*, atividades de cuidado que buscam garantir a sustentabilidade financeira dos moradores.

Atualmente a CoMPaz desenvolve projetos por meio do Instituto CoMPaz que surge em 2015 para dar sustentação ao que Mãe Preta havia orientado: *viver de projetos*, possibilitar o oferecimento de cursos de formação e a participação da CoMPaz em feiras e outros eventos. *Mais do que isso, seria uma forma de aliar os diferentes desejos de desenvolverem ações que lhes fossem prazerosas, atuantes na criação de um mundo que se deseja e, ao mesmo tempo, fornecessem as bases materiais para suas vidas* (FLORES, 2018, p.222).

Das ações que visam a sustentabilidade do território, destacamos: *Apoiwa*⁹ CoMPaz é o braço empreendedor comunitário, presente nas feiras dentro e fora do território CoMPaz, onde são oferecidos produtos artesanais do kilombonas feiras que a CoMPaz promove ou participa, onde produtos artesanais confeccionados são oferecidos (sacolas, bolsas, jogos), assim como produtos gastronômicos (flocadas, pães, cucas) e mesmo produtos manufaturados com a marca CoMPaz (ímãs de geladeiras, camisas, postais). Na perspectiva da CoMPaz, essas atividades são *trabalho de verdade* pois estão atreladas à sua espiritualidade e torna possível desencadear processos criativos que possibilitam um bem viver de matriz comunitária no qual apostam em um futuro diferente, em um kilombo que irá "durar dez mil anos", como bem prediz Mãe Preta.

⁹ *Apoiwá* é um termo em iorubá que significa saco de criação.

Segundo BaOgan, o que garante a sustentabilidade da economia afetiva no Território Kilombola CoMPaz é um processo eco-espiritual que foi passado pelo Baba Afra: *Se todos souberem comer juntos na mesma cumbuca, então todos terão aprendido o verdadeiro significado da humildade e da simplicidade.* É possível afirmar que essa assertiva sintetiza e expressa com clareza o significado da economia afetiva na cosmovisão da Nação Muzunguê.

PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO

Há portas que só se abrem pelo lado de dentro
Mãe Preta

Uma característica importante dos adultos que ali vivem é seu alto grau de escolarização – a grande maioria têm graduação e pós-graduação e continuam estudando – e a valorização da educação, não como um mero instrumento de ascensão social ou para se encaixar nos valores defendidos pelo capitalismo e globalização hegemônica, mas como uma forma de acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade e direito à memória e história. A educação formal, segundo essa lógica, abre portas que tornam possível o acesso a tecnologias e experiências sociais que podem ajudar na qualidade de vida no kilombo e se contrapor aos ataques de fundamentalistas e à criminalização dos terreiros e kilombos.

Para além dessa educação formal, defendem um projeto de escola intercultural, pautada na diversidade e nos direitos dos homens, mulheres e crianças e para isso batalham por uma educação do campo kilombola, que ofereça alternativas credíveis para permanecerem e fortalecerem a comunidade. Como sabem que o nome tem poder, chamam de Pedagogia do Encantamento as práticas educativas que desenvolvem na CoMPaz.

Ela se expressa nos processos de *Desformação* onde estudam e praticam a mediunidade mensalmente. *Mas entende-se também a desformação como um processo a partir do qual todo sujeito passa na medida em que aceita viver a espiritualidade nos termos propostos pela Morada da Paz. (...) Desformar é, como Mãe Preta diz, tirar da forma em que fomos formatados, ou aprender a desaprender o modo como fomos ensinados (FLORES, 2018, p.229).*

Há também os *Encontros Dialógicos*, espaços de partilhas com a rede escolar e demais interessados em dialogar sobre uma visão de educação integral e humanizada que é guiada pela cosmovisão *afrobudígena* da CoMPaz. Os encontros ocorrem uma vez por mês, iniciando em junho e finalizando em novembro. Cada encontro tem uma temática específica que dialoga com os saberes e fazeres da comunidade (YAMORÔ; OPÁ TENONDÉ, 2018).

O ponto de cultura da infância Odomodê desenvolvem várias atividades de que envolvem a etnoludicidade que é um termo que Yamorô, uma das Yás, criou para designar as brincadeiras tradicionais que vem sendo pesquisadas junto aos mais velhos e às mais velhas dos povos e comunidades tradicionais e que falam dessas brincadeiras tradicionais que aparecem em várias tradições e temporalidades. O brincar educa e ensina a história e a cultura dos povos africanos e afrobrasileiros.

Todos os jovens e as crianças do Território frequentam regularmente a escola regular, fora da CoMPaz, têm bom rendimento escolar e os jovens se preparam para o vestibular em universidades públicas. As crianças e jovens que cursam o ensino fundamental têm que caminhar muito para chegar à escola porque não há transporte público disponível e os jovens que cursam o ensino médio tem que ir até Porto Alegre para poderem cursar a escola pública.

As crianças pequenas – entre dois e quatro anos – que ainda não frequentam a educação infantil participam de atividades educativas no kilombo, antecipando as vivências de desformação na Comkola, a Escola Comunitária Kilombola *Epé Layie* - que significa *terra viva*, gestada desde 2013 e que está em vias de se concretizar: os trâmites burocráticos para sua implementação estão sendo organizados, seu projeto político pedagógico sendo elaborado e o local já viabilizado.

A Comkola surge da necessidade de uma educação biocêntrica, intercultural, baseada na diversidade, na cooperação e nos direitos humanos, que contemple a história e a tradição dos povos africanos que compõem a população brasileira porque apesar de previsto na legislação – Lei 10639/03, as escolas públicas raramente incluem em seu currículo disciplinas de história e cultura africana e afro-brasileira. A ideia é que os mais

novos possam ser alfabetizados já na escola kilombola e ter acesso a uma educação que valorize sua história e cultura.

Sem abrir mão da sua história, tradições e religiosidade, vemos que no Território de Mãe Preta os mais novos produzem várias manifestações culturais contemporâneas como poesias e músicas nas quais traduzem esteticamente a violência simbólica que sofrem em cada episódio de preconceito racial ou de gênero que vivenciam fora do território. Uma música do Coletivo Maracatu Semente de Baobá, formado pelos jovens moradores e moradoras do kilombo, descreve as situações de preconceito e arbitrariedades que os jovens kilombolas estão sujeitos:

É, quando eu vou no mercado
Vejo o segurança me seguindo, todo espiado. (...)
Na madrugada todo mundo voltando do fervo
E mesmo assim, a polícia para o negro.
Muitas vezes são de bem, estavam só na curtição
Mas para eles temos mesmo é cara de ladrão. (...)
Ai eu me deparo com a situação:
A polícia gritando e eu deitado no chão.
Não importa quantas vezes eu pare e pense
Nunca parece ter um motivo convincente.

Ayan (2017).

Não obstante todas as dificuldades, todos moradores da CoMPaz veem na educação uma possibilidade de qualificar sua presença no Território e lutam por uma escola enraizada, dialógica, que propõe um projeto humanizado e humanizador, de cunho emancipatório, construído a partir do diálogo que as Yás e o Baba mantém com a universidade e o conhecimento formal e as orientações de Mãe Preta, Seu Sete e os Orixás que frequentam o território e os educam para reafirmar seu modo de ser e viver kilombola ancorado na espiritualidade onde o passado é honrado e valorizado porque contém e perpetua a experiência social dos mais velhos e dos ancestrais a partir das narrativas e vivências.

O conjunto das atividades desenvolvidas pela CoMPaz, aqui rapidamente descritas, sugere que várias tecnologias e experiências sociais são desenvolvidas dentro da comunidade e suas narrativas são importantes fontes de pesquisa. O kilombo, seu

terreiro e diferentes territorialidades têm suas regras, uma ética e uma estética: produzem cultura, tem uma economia que garante sua sustentabilidade e simbologia.

Essas práticas, em nossa leitura, indicam um futuro de possibilidades já existentes, "plurais e concretas, simultaneamente utópicas e realistas, concretizadas através das atividades de cuidado" (SANTOS: 2006, p.116). Dialogam com um saber tradicional, matricial, crítico e autocrítico, contextual que permite gestar projetos produtivos de caráter autosustentáveis e emancipatórios que buscam transformar e transcender a realidade. O Kilombo realiza um trabalho de recuperação da sabedoria ancestral africana e afrobrasileira, que relacionamos com a ideia de Bem Viver que é um "processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza" (ACOSTA, 2016, p.24). Este autor sustenta que os indígenas - e nós acrescentamos os kilombolas e demais povos tradicionais - não são pré-modernos nem atrasados.

Seus valores, experiências e práticas sintetizam uma civilização viva, que demonstrou capacidade para enfrentar a Modernidade colonial. Com suas propostas, imaginam um futuro distinto que já alimenta os debates globais. O Bem Viver faz um primeiro esforço para compilar os principais conceitos, algumas experiências e, sobretudo, determinadas práticas existentes nos Andes e na Amazônia, assim como em outros lugares do planeta (ACOSTA, 2016, p.24).

Neste artigo apresentamos uma cartografia possível que vem ao encontro da percepção da comunidade da necessidade de sistematizar toda uma gama de saberes amalhados para qualificar e prosseguir a sua missão de transformação civilizatória. Nesse sentido, entendemos que este estudo se insere no conjunto de uma série de propostas oriundas de diferentes culturas que buscam bem conviver em comunidade e com a natureza, revelando as potencialidades, as contribuições, as articulações, as novas configurações, os alcances, os desafios, os limites e as tensões que a produção de um conhecimento crítico sobre o kilombo, com o kilombo, do kilombo pode visibilizar.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. *O bem viver; uma oportunidade para imaginar outros mundos*. SP: Editora Elefante, 2016.

ACSELRAD, Henri (org.). *Cartografias sociais e território*. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRGS,

2008.

ALMEIDA, A.W. Os quilombos e as novas etnias In: LEIT O (org.) *Direitos Territoriais das Comunidades Negras Rurais*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1999.

AYIAN. *Pare e pense*. Triunfo, Música, 2017.

BAOGAN. *Lugar, vivências e territorialidade kilombola: um ensaio sobre a Comunidade Morada da Paz*. Porto Alegre, Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas OKARAN/FACED/UFRGS, 2017.

BRASIL. *Decreto no. 4887, de 20 de novembro de 2003*. Diário Oficial, Brasília, DF, 2003.

BRASIL. *Guia de políticas públicas para Comunidades Quilombolas – Programa Brasil Quilombola*. Brasília: SEPPPIR, 2013.

CARVALHO, M.C.P; TURATTI, M.C.M.; SCHMITT, A. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas IN: *Ambiente e Sociedade*, Ano V - No 10 - 1o Semestre de 2002.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia*. Vol1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FLORES, Luiza Dias. *Ocupar: composições e resistências quilombolas*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018. (Tese de Doutorado).

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo, ESCOSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia; pesquisa intervenção e produção da subjetividade*. Porto Alegre, Sulina, 2015.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo, ESCOSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia; a experiência da e o plano comum*. Porto Alegre, Sulina, 2016.

KIEKOW, Pedro E. *Epé Layiè (Terra Viva)*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, FACED/EduCampo, 2017.

LABREA, Valéria Viana. *Cartografias de memória social, tecnologias sociais e produção de conhecimento contextual na Educação do Campo*. Projeto de Pesquisa e Extensão Universitária. Porto Alegre: FACED/UFRGS, 2017.

LABREA, Valéria Viana, YASHODHAN, BAOGAN, FLOYAN, YAMORO, YABACE, OPA TENODE, KIEKOW, Pedro, Eduardo. *Pedagogia do encantamento e economia do afeto: cartografia subjetiva em território feminino kilombola*. Porto Alegre, Faced/UFRGS, 2017 (Projeto de Pesquisa OKARAN).

LABREA, Valéria Viana; KIEKOW, Pedro Eduardo; DORNELLES, Denise Freitas. Cartografia subjetiva em território feminino kilombola: em busca da utopia do bem viver in: *Cadernos do Lepaarq*, v. XVI, n.31., p. 107-120, Jan-Jun. 2019.

MORADA DA PAZ. *Quando foi que você se tornou Yashodhan?* Depoimento colhido por ocasião do Edital no. 01, de 26/04/2018, Culturas Populares: Edição Selma do Coco, categoria mestres e mestras, pessoa física, concedido a Yashodhan.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. São Paulo: Pontes, 1997.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala*. BH, Letramento: Justificando, 2017.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. SP: Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. (org.) *Democratizar a democracia: Os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Conhecimento prudente para uma vida decente. Um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. (org.) *Semear outras soluções; os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a.

_____. *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2005b.

_____. *A gramática do tempo; para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006a.

_____. *Pela mão de Alice; o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2006b.

_____. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.

SEMENTE DE BAOBÁ. *Negra Essência*. Música, 2017.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

YASHODHAN; KIEKOW, Pedro E. *Inventário em Comunidade Kilombola Morada da Paz Território de Mãe Preta*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, FAGED/EduCampo, 2017.

YABACÊ; YASHODHAN. *Contando história para resistir no Kilombo de Mãe Preta*. Porto Alegre, Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas OKARAN/FAGED/UFRGS, 2017.

YAMORO; OPÁ TENONDÉ. *Encontros Dialógicos de uma escola Comkola Kilombola Epè Layiè*. Porto Alegre, Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas OKARAN/FAGED/UFRGS, 2018.

QUANDO REZO É CANTO, QUANDO CANTO É REZO: TRAJETÓRIA EDUCATIVA DE UM COLETIVO DE CANTANTES E BRINCANTES NA EDUCAÇÃO DO CAMPO KILOMBOLA

Antakharana

Valéria Viana Labrea

Introdução

Laroyê Bará
Abra o caminho dos passos
Abra o caminho do olhar
Abra caminho tranquilo para eu passar

Laroyê Eleguá
Tomba o mal de joelhos
só levantando o Ogó
Dobra a força dos braços que eu vou só

Laroyê Legbá
Guarda Ilê, Onã, Orum
Coba xirê deste funfum
Cuida de mim que eu vou pra te saudar!
Kiko Dinucci - Pade Onã

Os caminhos que percorre um coletivo de cantantes e brincantes na construção de seu cancionário é o mote dessa reflexão. O *Coletivo de Cantantes e Brincantes É do Campo* nasce no Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza (EduCampo), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2015, dos encontros dos educandos e educandas que nos intervalos das aulas cantam, dançam e reproduzem a sua tradução da mística¹⁰ que aprenderam com os movimentos sociais do campo.

¹⁰ Sobre esse tema sugiro a leitura de Labrea, V. V.; Sousa, G; e Ferreira, A. A mística na educação do campo e sua interlocução com a ecologia dos saberes: apontamentos de percurso in: *Anais do III SIFEDOC*, UFFN: Erechim/RS, 2017.

O *cantante*, na nossa percepção, é um educador popular do campo, pois, não é um cantor ou um músico, mas um educador que canta. *A própria ideia de cantantes provoca um deslocamento na ideia de quem é a pessoa autorizada a cantar, pois o educador em geral não é um cantor, mas mesmo assim pede licença e canta, na sua voz e nas suas condições* (Labrea, Sousa, Ferreira, 2017, p.7).

O *brincante* vem da tradição dos mestres e mestras da cultura popular que são artistas populares itinerantes que percorrem o interior do Brasil, as diferentes ruralidades, dedicados aos folguedos tradicionais; onde podem cantar, dançar, tocar instrumentos, improvisar versos e cordéis, fazer brincadeiras em geral *em roda*. Para os brincantes a brincadeira é coisa séria, levada de geração a geração pelos mais velhos aos mais novos - porque gente grande também brinca.

A escola do campo¹¹ e a comunidade, nessa perspectiva, podem ampliar o espaço do brincar e do cantar e ensinar pela cultura, através de tradições que atravessam a realidade dos educandos. *A pedagogia da cultura, a pedagogia da organização coletiva e a pedagogia da história* (Caldart, 2000) se articulam e se mostram como possibilidade de uma educação crítica, enraizada, emancipatória e transformadora, voltada ao reconhecimento e respeito à diversidade sociocultural e aos direitos humanos.

No Coletivo de Cantantes e Brincantes buscamos conhecer a cultura, a história e as manifestações culturais de três grupos em particular: quilombolas, indígenas e assentados de reforma agrária. Essa escolha se deu em função das atividades de tempo comunidade

¹¹ A Resolução 342/2018 que Consolida as Diretrizes Curriculares da Educação Básica nas Escolas do Campo e estabelece condições para a sua oferta no Sistema Estadual de Ensino entende por escola do campo: aquela situada em área rural, conforme definição da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a população do campo (RS, 2018).

desenvolvidas por orientandas e grupo de pesquisa e extensão universitárias¹² junto com essas populações do campo¹³.

Em nosso Coletivo notamos que não obstante as Leis 10.639/2003 e 11645/2008¹⁴ que estabelecem as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (Brasil, 2003; 2008), muito pouco sobre essas culturas são estudadas com profundidade na EduCampo¹⁵ e nas licenciaturas em geral¹⁶.

Desde 2004 o MEC, através do Conselho Nacional de Educação, instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais¹⁷ e para o

¹² Desenvolvemos juntos com o Coletivo de Cantantes e Brincantes É do Campo o projeto de Pesquisa e Extensão Cartografia social da memória e da produção de conhecimento contextual - Educação do Campo - o sujeito da política é sujeito do conhecimento desde 2015. Com o Coletivo de Pesquisadoras e pesquisadores quilombolas OKARAN desenvolvemos o projeto de pesquisa e extensão universitárias Pedagogia do encantamento e economia do afeto: cartografia subjetiva em território feminino quilombola desde 2017. Ambos os projetos têm diversas publicações que são citadas ao longo deste artigo e constam na bibliografia.

¹³ A Resolução 342/2018 que Consolida as Diretrizes Curriculares da Educação Básica nas Escolas do Campo e estabelece condições para a sua oferta no Sistema Estadual de Ensino entende por populações do campo: agricultores familiares, pecuaristas familiares, assentados e acampados da reforma agrária e atingidos por barragens, quilombolas, indígenas, agricultores e pescadores, silvicultores, extrativistas, trabalhadores assalariados rurais e outros que obtenham suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural (RS, 2018).

¹⁴ A Lei 11645 altera a 10639 porque inclui os indígenas no escopo da legislação anterior tornado obrigatória no ensino fundamental e médio o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

¹⁵ Atualmente temos uma pesquisa de TCC em curso para analisar a percepção por parte dos educandos e educandas do curso sobre a presença (ou não) da ERER no currículo e em sala de aula e duas pesquisas de TCC que se debruçam sobre Educação do Campo e Educação Indígena. Os dados desta pesquisa serão publicados depois das defesas do TCC.

¹⁶ Um mapeamento inicial realizado no âmbito do Grupo de Trabalho Direitos Humanos, ERER, Inclusão e Educação Ambiental da Coordenadoria das Licenciaturas (COORLICEN) da UFRGS mostrou que dos 25 cursos de licenciatura (18 presenciais e 07 em EaD) apenas 2 têm disciplinas obrigatórias que contemplam a ERER. Estes dados são analisados em um artigo que atualmente está no prelo.

¹⁷ É importante destacar os sentidos de raça e etnia que são defendidas nas "relações étnico-raciais" apresentadas pelo MEC: o termo raça é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor de pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira. Contudo, o termo foi ressignificado pelo Movimento Negro que, em várias situações, o utiliza com um sentido político e de valorização do legado deixado pelos africanos. É importante, também, explicar que o emprego do termo étnico, na expressão étnico-racial, serve para marcar que essas relações tensas devidas a diferenças na cor da pele e traços fisionômicos são também devido à raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, européia e asiática (Brasil, 2004, p.13).

Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Brasil, 2004) que buscam normatizar e orientar a formulação de projetos empenhados *na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a de educação de relações étnico-raciais positivas* (idem, p.9). Segundo o MEC, a EREER trata *reeducação das relações entre negros e brancos, designada como relações étnico-raciais* (Brasil, 2004, p.13). A EREER procura corrigir a assimetria estrutural entre negros e brancos visando *a reparações, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros e das negras do país* (Brasil, 2004, p.13) A EREER impõe *aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime* (Brasil, 2004, p.14). Para isso, precisa estar presente nos currículos escolares e no currículo das licenciaturas.

No currículo da EduCampo, descrito no projeto pedagógico do curso (PPC), podemos entender que a EREER entra como um *tema transversal*¹⁸ a ser trabalhado de forma interdisciplinar na etapa 5 do curso. Essa etapa tem o seguinte *eixo temático*¹⁹: *Diversidade cultural da contemporaneidade e Sucessão familiar: gênero, gerações e etnia* é o *tema gerador*²⁰ a ser problematizado e debatido nas seguintes disciplinas: *Diversidade Cultural: perspectivas antropológicas; Psicologias da Aprendizagem: alteridade e*

¹⁸ No PPC da EduCampo, a concepção de temas transversais, neste projeto, é entendida na perspectiva apresentada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para Educação Básica (UFRGS, 2013, p.13).

¹⁹ Os eixos temáticos possibilitam uma estrutura curricular flexível e dinâmica na medida em que favorecem um diálogo entre a realidade local e o conhecimento acadêmico. Como enfatiza Freire (1987), a investigação temática deve se fazer “[...] tão mais pedagógica quanto mais crítica e tão mais crítica quanto, deixando de perder-se nos esquemas estreitos das visões parciais da realidade, das visões ‘focalistas’ da realidade, se fixe na compreensão da totalidade.” (Freire, 1987 p. 57). Nesta perspectiva, os eixos temáticos orientam a interdisciplinaridade, promovendo a construção de conhecimentos pedagógicos nas relações entre saber social e saber escolar (UFRGS, 2013, p.14)

²⁰ Os temas geradores, por sua vez, norteados pelos eixos temáticos, problematizam questões, dúvidas e discussões desafiadoras oriundas do diálogo entre a prática social e os saberes produzidos. Tais temas interligam-se e constituem uma rede de subtemas que acenam interdisciplinarmente para uma totalidade. Para Freire, o tema gerador não se encontra isolado da realidade “[...] nem tão pouco na realidade separada dos homens. Só pode ser compreendido nas relações homens-mundo. Investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar o seu atuar sobre a realidade que é sua práxis [...]” (Freire, 1987, p.98-100 apud UFRGS, 2013, p.14).

gerações do campo; Educação em Ciências Naturais 9: Ciência no cotidiano; Desenvolvimento Rural; Matemática para as Ciências Naturais 3; Educação em Ciências Naturais 10: Espaços educativos; Seminários Integradores 5 (UFRGS, 2013, p.13-19; 35-38).

Podemos entender, no contexto do PPC da EduCampo, que este seria o momento de falar sobre a diversidade que constituem as diferentes populações do campo, em particular aquelas com as quais desenvolvemos as atividades de tempo comunidade: agricultores familiares, assentados e acampados da reforma agrária, quilombolas, indígenas, entre outros povos do campo. Ou seja, a EREER teria nesta etapa um espaço para ser problematizada.

No entanto, uma leitura das ementas dos planos de ensino mostra que a EREER não é tematizada especificamente em nenhuma destas disciplinas²¹. Uma estratégia dos(as) docentes do curso para inserir a EREER na trajetória educativa dos(as) discentes do curso foi organizar grupos de pesquisa e extensão universitária, seminários e rodas de conversa, visitas às comunidades para desenvolver atividades pedagógicas dentro desta temática. Este artigo resulta deste esforço e descreva uma das diversas atividades desenvolvidas no curso.

A Lei 10.639/2003 também instituiu o Dia Nacional da Consciência Negra em 20 de novembro. No âmbito universitário, o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos (NEAB) propôs em 2017 o programa de extensão Novembro Negro e o Coletivo de Cantantes e Brincantes foi convidado a compor a programação *com o objetivo de fortalecer a luta diária pela igualdade étnico-racial no ambiente acadêmico*. O NEAB, junto com diversas unidades acadêmicas e administrativas, grupos de estudo e coletivos

²¹ Em 2018 foi apresentado o novo PPC da EduCampo resultante de um processo de redesenho curricular que contou com a participação de todos(as) os(as) docentes e discentes do curso. A disciplina de Diversidade Cultural: perspectivas antropológicas teve sua bibliografia atualizada e contempla povos indígenas e diferenças culturais. Foram incluídas as seguintes disciplinas obrigatórias alternativas: *Cultura Musical Afro-Brasileira; Educação das relações étnico-raciais e interculturalidade; Saúde, Meio Ambiente e a Cosmovisão Afro Indígena* (UFRGS, 2018) que contemplam as demandas deste coletivo pelos temas da EREER. Este novo currículo será implementado a partir da entrada da turma 4 com entrada prevista para 2020/2.

da Universidade, realizam uma série de atividades ao longo do ano, com ênfase em novembro, *para comemorar os avanços e refletir sobre as demandas da população negra, reafirmando a necessidade de sua (re)existência na sociedade* (UFRGS, 2019).

Para participar do Novembro Negro, o Coletivo de Cantantes e Brincantes se uniu ao Coletivo de Pesquisadores e Pesquisadoras OKARAN e ao Maracatu Semente de Baobá, formado por jovens da Comunidade Kilombola Ecológica Morada da Paz (CoMPaz) e fez uma pesquisa sobre *orins*²² que são os *rezos* cantados em louvor aos Orixás²³.

O Coletivo de Cantantes procurou na MPB e em outros terreiros da religião afro-brasileira cantos desta temática. O Semente de Baobá buscou na ritualística da *Nação Muzunguê os rezos que viram canto* e, portanto, poderiam ser cantados fora do terreiro de chão batido onde se reúnem mensalmente para suas louvações. Dessa compilação se construiu o cancionário que foi apresentado em 2017, 2018 e 2019 no Novembro Negro, no dia da Consciência Negra, em 20 de novembro na Faculdade de Educação e em outros espaços para os quais fomos convidadas.

O Coletivo, como já afirmamos acima, não é composto por cantoras, mas sim por *cantantes* que são educadoras populares que cantam, nas suas condições, como parte de um processo de ensinar e aprender com sentido. Como um grupo de pesquisa e extensão tivemos desde 2017 o acompanhamento de orientação de um professor de canto, discente da Música e, desde 2019, de uma professora de Educação Musical da Faculdade de Educação. Assim aprendemos nas reuniões semanais a colocar nossa voz, a compor com as outras vozes do Coletivo e adequar os cantos ao nosso timbre. Optamos por utilizar somente instrumentos de percussão nos nossos cantos e, de preferência, a

²² No caso das religiões de matriz africana, com ênfase para as de origem yorùbá, os orins são o conjunto de louvores que compõem o *şiré* - festa-, de um ou de vários *òrìşà*. Os orins evocam os *òrìşà* no dia do seu *şiré*. Cada *òrìşà* possui o seu conjunto de orins, cujo número total não se tem notícia. No dia das festas, vê-se frequentemente, cantar três, sete, quatorze ou vinte cantigas para cada *òrìşà*, no entanto, é possível que o *şiré* seja feito com outro número qualquer de cantigas a depender do *òrìşà* celebrado (Hawany, 2017). A palavra *orin*, segundo Hawany, significa cântico e serve para se referir a qualquer música, quer seja profana, quer seja sagrada.

²³ Os Orixás, do yorùbá *Òrìşà*, são deuses que receberam de Olurum, o Ser Supremo, a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por um aspecto da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana (Prandi, 2001, p.20).

cantar em roda, sem microfones pois esse é contexto de uma escola ou comunidade rural e também a característica dos brincantes da cultura popular brasileira.

Este artigo acompanha a trajetória educativa deste coletivo de mulheres que adentrou nas manifestações culturais de um kilombo e, com a permissão desta comunidade, trouxe para a universidade e escolas da região os cantos e os *orins* ou os *rezos* cantados no terreiro em uma pesquisa-intervenção, uma nova cartografia chamada de *Quando rezo é canto, quando canto é rezo*²⁴ que nos possibilitou um mergulho na cultura afro-brasileira kilombola. Buscamos relacionar as aprendizagens nesta pesquisa à educação do campo e à educação quilombola e suas implicações para uma educação para as relações étnicas-raciais.

A metodologia: cartografia subjetiva em território kilombola

Abre o caminho
O sentinela está na porta
Abre o caminho
Pro mensageiro passar
Kiko Dinucci - Pade

Desde a antiguidade o mapa serve para delimitar território, fronteiras, rotas, referências, reserva de recursos, grupos sociais. A cartografia no seu início esteve a serviço da colonização e de processos hegemônicos de dominação a fim de legitimar a conquista de povos e territórios. Na contemporaneidade, ao incluir os sujeitos que vivem nos territórios para a realização de mapeamentos participativos, surge a cartografia social que pode *ser vista ora como esforço de resistência às dinâmicas da globalização, ora como instrumento de apoio à efetivação mesma dessas dinâmicas* (Acselrad, 2008, p.10 in: Labrea, Dornelles, Kiekow, 2019)

Deleuze e Guattari (1995) vão falar em *cartografia como um método para acompanhar processos* (Kastrup, 2015, p.32), em que se constrói, a cada pesquisa, um dispositivo (Foucault, 2018) metodológico, teórico e analítico particular, adequado ao contexto sociocultural do território pesquisado. Para Foucault, o dispositivo é uma rede

²⁴ Este título foi inspirado no cd de Roberta Sá, *Quando o canto é reza*, de 2010.

heterogênea de práticas discursivas e não-discursivas que articulam poder, saber e produção de subjetivação em uma grade específica de análise e esta estrutura possibilita traçar relações entre estes elementos, ao fazer uma *intervenção racional e organizada nestas relações de força*. O dispositivo seria composto por *estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles* (Foucault, 2018, p.365).

A cartografia (Deleuze; Guatari:1995) é uma *pesquisa-intervenção* (Kastrup et al, 2015) que nos permitiu organizar coletivamente o cancionário da pesquisa *Quando rezo é canto, quando canto é rezo* como um mapa - ainda parcial - das manifestações culturais que ocorrem na Comunidade Kilombola Morada da Paz, Território de Mãe Preta, em Triunfo/RS ao mesmo tempo que nos permitiu uma pesquisa na MPB de músicas que tem como tema a louvação aos orixás (Labrea, Dornelles, Kiekow, 2019)

A metodologia adotada, a cartografia subjetiva, nos permitiu entender a Comunidade Kilombola Morada da Paz, Território de Mãe Preta, e o modo como ela se organizou para participar da pesquisa a partir de suas características: a oralidade, a circularidade, o ensinar pela cultura, tradição e história, o fazer junto, as decisões coletivas no *ipadê* - que em yorùbá significa *encontro, união* e designa as rodas de conversa na Comunidade (Labrea, Dornelles, Kiekow, 2019). Foi dentro do Território que definimos quais os cantos e rezos que melhor mostrariam os elementos da cultura e espiritualidade que foram incorporadas nos rituais do terreiro e como problematiza-los à luz das diretrizes da ERER, da Educação do Campo, em particular *pedagogia da cultura*, a *pedagogia da organização coletiva* e a *pedagogia da história* (Caldart, 2000) e a Educação Kilombola, tal como proposta nas atividades pedagógicas da CoMPaz.

Quando rezo é canto, quando canto é rezo

Eu canto pros antepassados
Pros meus aliados,
Pros meus Orixás.
Peço Ago Yê Mojubá
Pras minhas Yás
Pra saravá!

Semente de Baobá

O primeiro movimento desta cartografia foi conhecer a CoMPaz²⁵ e suas territorialidades, seus diferentes espaços, em particular, o terreiro de chão batido da Nação Muzunguê.

O Muzunguê é oriundo do *kikongo*, cujo significado se aproxima da ideia de acolhimento. É um terreiro de chão batido onde se faz atendimentos espirituais, “assemelham-se às casas de Umbanda, ainda que também não sejam exatamente isso – pois em um mesmo espaço-tempo ritual manifestam-se as entidades do Batuque, do Candomblé e da Umbanda” (Flores, 2018, p.108), e tem as “*preces práticas* e a noção de *meditação ativa (...)*, o não consumo de carne e de álcool, a compreensão de que o corpo é formado por pontos energéticos, os *chakras* que são atribuídas ao Budismo”(Flores, 2018, p.115). No Muzunguê há um trabalho de recuperação dos ritos ancestrais, como, por exemplo, a introdução dos tambores nos rezos ou *orins*, como chamam os pontos cantados em louvação aos orixás (Labrea, Dornelles, Kiekow: 2019, p.112).

Um dos aspectos fundamentais do kilombo são as narrativas porque o povo negro, kilombola aprende a partir de uma hierarquia circular, nos *ipadês* com base na tradição oral e as *vivências - entendidas como experiências coletivas que atestam o estar no mundo e a forma como os adultos se educam e educam as crianças e jovens na CoMPaz* (Labrea, Dornelles, Kiekow, 2019, p.110). Assim, fomos para os *ipadês* para conhecer a história, cultura e organização comunitária e, aos poucos, fomos também participando das celebrações e alguns ritos, incluindo o encontro mensal no terreiro para louvar os orixás, o Muzunguê.

Ao nos inserirmos na comunidade pudemos observar o terreiro, o entendendo como um movimento sagrado da ritualística da nação Muzunguê. Os cantos daquele ritual são de duas vertentes, alguns *orins* são de matriz africana, principalmente aqueles cantados em yorùbá e outros *rezos* são músicas já gravadas por artistas da MPB. Esses rezos, independente de sua origem, são entoados em uma ordem determinada, e no

²⁵ Para conhecer mais detalhadamente essa cartografia sugerimos a seguinte leitura: Labrea, Valéria Viana; Kiekow, Pedro Eduardo; Dornelles, Denise Freitas. Cartografia subjetiva em território feminino kilombola: em busca da utopia do bem viver in: *Cadernos do Lepaarq*, v. XVI, n.31., p. 107-120, Jan-Jun. 2019.

Muzunguê inicialmente se pede licença a Exu ou Bará porque *sem Exu não se faz nada*, e cada mês é celebrada uma entidade:

Todo primeiro sábado de cada mês há um Muzunguê. Cada mês corresponde a um Orixá, ou seja, o tempo está sob guardiania deste Orixá. Em Janeiro ocorre o Trabalho dos Homens e das Mulheres, orientado e guiado pelas pomba-giras. Em fevereiro e em março a Morada da Paz fecha para o público externo, seguindo uma série de ritualísticas e retiros para seus membros. Em março, há o chamado Muzunguê da Vacuidade, dedicado aos processos de cura. Esse muzunguê é direcionado para pessoas específicas, e não é aberto à comunidade. Em abril os trabalhos abertos iniciam, com o Muzunguê de Ogum. Este é seguido, em maio, pelo das Yamis Ochorongás (chamadas de Mães Ancestrais), de Exu em junho, de Xangô em julho, de Omulu em agosto, dos Ibeji em setembro, das Mães das águas em outubro, de Iansã em novembro e, por fim, o Muzunguê Xamânico em dezembro, também conhecido como Muzunguê de limpeza. (...) Cada Muzunguê tem as suas particularidades, mas o que é de praxe em todos é iniciarmos com os “orins de sustentação”, cantos dedicados às entidades regentes do território, a saber, Seu Sete, Ogum Beira Mar, Yemanjá, Mãe Preta, Ibejis e, por fim, Oxalá. Após, há os orins dos Exus e Giras que “são para limpar”. Logo iniciam-se os Orins da entidade que rege os trabalhos (Flores, 2018, p.118-9).

Os *orins* de sustentação e os *pontos* do Orixá que regem os trabalhos do terreiro são entoados ao som de tambores ou *atabaques* e essa prática considerada ancestral foi incorporada na ritualística. Os *alabês* do Muzunguê fazem parte do Maracatu Semente de Baobá que leva para além do território músicas autorais e também alguns *orins* que são permitidos cantar fora do terreiro. *Alabê*, do yorùbá *alagbê*, designa o responsável pelos toques rituais e pelos instrumentos musicais sagrados do terreiro. Desde 2019, os tambores do Muzunguê são femininos. Este aspecto não é trivial, na cultura afro-brasileira é um avanço porque antigamente só se viam homens a tocar e a dançar. O kilombo, como já mencionamos em artigo anterior (Labrea, Dornelles, Kiekow, 2019), é um território feminino, habitado por mulheres negras e empoderadas.

Afirmamos que a CoMPaz é um território negro feminino, pois a grande maioria das moradoras são mulheres que salvaguardam a cultura matricial de seu povo. Elas nos contaram nas rodas de conversa que, aos poucos, “os homens foram indo embora” do território e as mulheres permaneceram. Essa característica não é incomum nos relatos

de outras mulheres negras onde as famílias se desagregam e os homens deixam as mulheres. O que é incomum nessa narrativa é como essas mulheres subverteram uma memória histórica de discriminação em função de raça, gênero e classe social porque em seu território reconstróem essa memória a partir das atividades de cuidado que pautam sua organização, suas estratégias educativas e de sustentabilidade comunitárias (Labrea, Dornelles, Kiekow: 2019, p.113).

Ao reconhecer da MPB alguns cantos cantados no terreiro, entendemos que no terreiro *vira rezo* tudo que for cantado para homenagear os Orixás, mas nem todo rezo *vira canto* e pode ser cantado fora do terreiro. Trabalhamos no Coletivo principalmente com os compositores e cantores Kiko Dinucci e Serena Assumpção e com clássicos da MPB, principalmente na voz de Clara Nunes que trouxe para as rádios músicas de louvação aos Orixás e ao povo de terreiro já nas décadas de 1970 e 1980. Vimos que não por acaso o samba²⁶ é o gênero musical preferido pelos compositores que trazem o batuque para o centro da MPB, pois em sua origem, o *samba de roda* é muito semelhante ao *coco* que sincretiza o batuque africano com os cantos indígenas e esse gênero musical se tornou a principal referência musical do país desde meados da década de 1940.

Para cada *rezo* que o Semente de Baobá²⁷ trouxe para o Novembro Negro, buscamos um canto correspondente. Nessa trajetória, além dos cantos descritos abaixo²⁸ que fizeram parte do cancionário das apresentações do Novembro Negro de 2017, 2018 e 2019, também revisitamos vários outros compositores e cantores contemporâneos como Itamar Assumpção, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Martinho da Vila,

²⁶ Para conhecer um pouco mais dessa questão, sugerimos a seguinte leitura: JOST, Miguel. A construção/invenção do samba: mediações e interações estratégicas. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 112-125, dez. 2015.

²⁷ Orins entoados pelo Semente de Baobá: Padê de Kiko Dinucci, Balogum Oxum de Cris Pereira e Beto da Xambá https://youtu.be/7hX2fl_49yE, acesso em 26/03/2020, Yemanjá Mães D'água Yeyê Omó Ejá de Margarete Menezes <https://youtu.be/WDEWZ112b9M>, acesso em 27/03/2020, Galo Macuco da Tia Maria do Jongo (Jongo da Serrinha) https://youtu.be/u_9S6BMogzQ, acesso em 27/03/2020 e orins em yorùbá que não foram escritos mas passados oralmentemas na ritualística e só entoados nesse contexto.

²⁸ Padê Oná do Kiko Dinucci <https://youtu.be/BSfsypAACdw>, acesso em 26/03/2020; Oxum, Iemanjá e Iansã de Serena Assumpção; Na boca da mata do Guitinho da Xambá; Canto das três raças de Mauro Duarte e Paulo Pinheiro. O Cancioneiro do **quando rezo é canto, quando canto é rezo** é formado pelos cantos do Coletivo de Cantantes e pelos rezos do Semente de Baobá.

Roberta Sá, Paulinho da Viola, Vinicius de Moraes e Baden Powell, Jamelão, entre outros.

Embora a maioria dos *orins* sejam absolutamente contemporâneos, oriundos de compositores conhecidos da MPB, ao adentrarem no terreiro viram *rezos* e são incorporados às memórias e à tradição do povo de santo que assim são reinventadas e constantemente atualizadas. Esse movimento entre *o novo e o velho, o que era e o que está sendo* mostra que a cultura é viva e está em constante movimento de reconfiguração. O terreiro nesse sentido sinaliza o encontro entre a tradição e a renovação desta tradição, é um espaço de *entremeio*, onde circula a história e a memória da comunidade que vai ao encontro da contemporaneidade e aponta para futuros possíveis.

Um aspecto importante a destacar nessa pesquisa foi a percepção de que todo *rezo* vinha acompanhado de uma história ou explicação e que até o momento quase nada havia sido registrado textualmente. A base oral da história e cultura afro-brasileira e africana influenciam também sua musicalidade e os *rezos* são cantadas e substituídos sem um registro escrito dessa passagem. As motivações e os critérios de inclusão e exclusão de *rezos* faz parte da história e memória oral e eles em geral sinalizam um aprofundamento em alguma questão específica da espiritualidade da CoMPaz que em geral chega através da manifestação dos Orixás que guiam os trabalhos do terreiro.

Mãe Preta tem um papel de guia importante, pois não foram poucas as vezes que vimos que ela iniciou um outro *rezo* que ela preferiu ao que estava planejado apresentar no Muzunguê. Assim Mãe Preta, a entidade que guia a tomada de decisões do território, muitas vezes traz *rezos* para o Muzunguê e com isso enfatiza alguma questão do momento. *Mãe Preta é uma preta velha que acompanha há mais de 20 anos Yashodhan, a Sangoma, guia espiritual e guardiã da cosmovisão da Nação Muzunguê, a Yá que guarda e comanda os ritos no terreiro* (Labrea, Dornelles, Kiekow: 2019, p.112). Junto com Seu Sete, um Exu-Rei, eles são considerados o pai e mãe da Comunidade.

As músicas em *yorùbá* nunca foram escritas, algumas não tem título, e são passadas de geração a outra ao *pé de ouvido* nos diferentes terreiros onde são entoadas

e fazem parte do processo de iniciação em um terreiro. A memória musical do território é longa e remonta a sua ancestralidade e de muitos *rezos* não se sabe a autoria.

Nossa presença em um kilombo, durante três anos, foi de diferentes formas transformadora, pois esse espaço educativo foi desafiador e nos desacomodou, pois lá vimos e participamos de práticas educativas que nos *tiraram da forma*, dançamos e cantamos, compartilhamos o alimento, participamos de oficinas, rimos e choramos com a profundidade e a delicadeza dos ritos, e todo o conjunto dessas atividades nos fez estar mais atentas para as manifestações culturais das populações do campo, em especial da cultura negra e kilombola. A pesquisa partiu de realidades concretas, foi vivenciada intensamente e, seguindo o método cartográfico, nos deu *pistas* importantes para pensarmos, junto com a CoMPaz, o que aproxima a Educação do Campo e a Educação Kilombola que esta comunidade defende e preconiza.

A encruzilhada onde a Educação do Campo e a Educação Kilombola se encontram

Exú é o começo
Atravessa o avesso
Exú é o travesso
Que traça o final
É o laço e o atalho
É o braço e a mão
Do falho e do justo
Exu é o custo
Do movimento
O tormento do ser
Que não é
Exú!

Serena Assumpção

A Educação do Campo (EdoC), já afirmamos anteriormente (Labrea, Dornelles, Kiekow, 2018. p.153-4), surge tanto para denunciar a desigualdade econômica, social, cultural e cognitiva que estão sujeitas as famílias camponesas, desumanizando-as, quanto para propor uma mobilização por uma nova escola no/do campo, necessária, vinculada e vinculante à realidade do viver camponês, enraizada nos territórios e comprometida com a mudança do atual modelo de desenvolvimento sócio-econômico.

Esse enraizamento que vincula a atividades realizadas na escola do campo, aos saberes e fazeres da comunidade na qual ela está inserida e aponta para novos desenhos pedagógicos que, em nossa leitura, estão sintetizados com muita clareza em Caldart (2000), quando ela descreve as pedagogias do movimento sem terra na qual afirma que a "escola é mais que escola", ampliando as territorialidades da produção e difusão de conhecimento, para além da escola e constatando que a comunidade e a família também educam e devem ser tematizadas em sala de aula.

As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, instituídas pela Resolução no. 1 de 3 de abril de 2002, validam esse entendimento sinalizando que as escolas do campo irão contemplar a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia (Brasil, 2012, p.34):

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (Brasil, 2012, p.33).

Assim, foi na EdoC que procuramos inicialmente dispositivo teórico e analítico para desenvolver as atividades propostas neste projeto de pesquisa e extensão universitárias, principalmente amparadas na leitura de Caldart (2000), relacionando a pedagogia do Movimento Sem Terra às vivências coletivas no kilombo. Foram chaves de leitura a Pedagogia da Organização Coletiva, a Pedagogia da Cultura e a Pedagogia da História que descreveremos brevemente abaixo.

A Pedagogia da Organização Coletiva fala sobre como os sem-terra se educam ao enraizar em uma coletividade em movimento. Caldart fala do esforço intencional de um grupo social para se constituir em um sujeito coletivo que tem uma agenda de lutas em comum (Caldart, 2000, p.215). Dadas as devidas proporções, vimos que os kilombolas também se educam a partir de um profundo enraizamento, de uma imersão no estudo

de suas tradições, de sua história, de sua cultura e de uma coletividade que está sempre em movimento, não só entre si, mas com grupos parceiros que podem ajudar a alavancar processos no quilombo.

A organização da comunidade é em uma hierarquia circular, há diferentes grupos que dialogam: *as Yás e o Baba, as mais velhas e o mais velho da comunidade, fundadores da comunidade e responsáveis pelas principais decisões; as Egbomis, as irmãs mais velhas da comunidade; as Iaós, as iniciadas mais novas. Há também os Odomodês, os jovens, os Omadês, as crianças* (Flores, 2018, p.16). As decisões são tomadas nos Ipadês, círculo de diálogos, *onde todos, desde os pitocos às Iyás falam e escutam e as entidades protetoras do território indicam caminhos possíveis* (Labrea, Dornelles, Kiekow, 2019, p.114).

Essa imersão na cultura remete à Pedagogia da Cultura que mostra que os sem terra se educam ao cultivar um modo de vida produzido pelo Movimento (Caldart, 2000, p.227). No quilombo esse modo de vida se traduz na utopia do Bem Viver: o território, seu terreiro e as diferentes territorialidades têm suas regras, uma ética e uma estética: produzem cultura, educam, tem uma economia que garante sua sustentabilidade e simbologia (Labrea, Dornelles, Kiekow, 2019. 117). O Kilombo realiza um trabalho de recuperação da sabedoria ancestral africana e afro-brasileira, que relacionamos com a ideia de Bem Viver que é um “processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a natureza” (Acosta, 2016, p.24 apud Labrea, Dornelles, Kiekow, 2019, p.117) e assim dialogam com um saber tradicional, matricial, crítico e autocrítico, contextual que permite *gestar projetos produtivos de caráter autossustentáveis e emancipatórios que buscam transformar e transcender a realidade* (Labrea, Dornelles, Kiekow, 2019. 117).

A Pedagogia da História falam de como os sem terra se educam preservando sua memória e sua história, sendo um desdobramento da Pedagogia da Cultura (Caldart, 2000, p.232-3). Os quilombolas tem um cuidadoso trabalho de preservação da memória de seus ancestrais, seja na manutenção da ritualística, seja nas estratégias pedagógicas para a difusão e valorização dos conhecimentos produzidos no quilombo, seja na afirmação de sua identidade. Em nosso entendimento, o quilombo e o terreiro são espaços

educativos que relacionam essas três dimensões pedagógicas e se encontram com a Educação Quilombola e a EREER.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (Brasil, 2012b) convergem sobre essas três dimensões pedagógicas a partir dos seus fundamentos:

a) da memória coletiva; b) das línguas remanescentes; c) dos marcos civilizatórios; d) das práticas culturais; e) das tecnologias e formas de produção do trabalho; f) dos acervos e repertórios orais; g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; h) da territorialidade (Brasil, 2012b, Art. 1o.,§1o, I, p.3).

A Educação Quilombola, desde a formulação, defende que sua implementação deve ser articulada à EdoC e à Educação Indígena *reconhecidos os seus pontos de intersecção política, histórica, social, educacional e econômica, sem perder a especificidade* (Brasil, 2012b, Art. 1o.,§1o, VI, p.3), e as escolas do campo atendem estudantes oriundos de quilombos já que estes grupos são considerados populações do campo. Os princípios da educação escolar quilombola dialogam com a EdoC, embora contemple especificidades da história e cultura afro-brasileira, seus saberes e fazeres tradicionais, e a diversidade étnico-racial, comprometida com *a superação do racismo, sexismo, machismo, homofobia, lesbofobia e transfobia* (Brasil, 2012b, Art.7o., p.5).

Na nossa leitura, a *encruzilhada* onde EdoC e Educação Quilombola se encontram passa pela possibilidade da ampliação do espaço escolar, *a escola é mais que escola*, na percepção de que todo o quilombo é um espaço educativo onde os mais novos e os mais velhos se educam reciprocamente nas diferentes territorialidades do quilombo pois este local é simultaneamente local de moradia, espaço cultural, ponto de cultura, horta e produção de agricultura familiar, terreiro, espaço de preservação ambiental, escola²⁹, brinquedoteca e biblioteca.

²⁹ A CoMPaz está desenvolvendo desde 2013 o projeto político pedagógico da Escola Comunitária Quilombola *Epé Layé*, que em yorubá significa terra viva.

Passa também pelo entendimento de que há diferentes tempos educativos, que na EdoC caracteriza Pedagogia da Alternância (Caldart, 2000) e que no kilombo se mostra na valorização das diferentes temporalidades como transmissoras de saberes e fazeres que estruturam o kilombo e que pautam a organização curricular a fim de ofertar uma educação básica imersa na (pedagogia) cultura, (pedagogia) história e na (pedagogia) mobilização comunitária.

O encontro da EdoC com a Educação Quilombola no kilombo de Mãe Preta permite um enraizamento profundo na história e cultura afro-brasileira, nos vários saberes, fazeres e tecnologias sociais que são produzidos no cotidiano da CoMPaz. Seus saberes e fazeres dialogam com o senso de continuidade, com a oralidade, respeitam a ancestralidade, todos aprendem com todos, desde os mais novos aos mais velhos, todos têm voz nessa hierarquia circular na qual tudo está conectado com a espiritualidade que compõe aquele *Ilé*³⁰. E é no terreiro, onde se conecta esse coletivo à sua história e sua cultura, que a riqueza da identidade quilombola se mostra com mais evidência, pois no terreiro toda a comunidade, desde os mais novos aos mais velhos, vive e se expressa com liberdade e sem preconceitos.

Há uma pedagogia que permeia todas as ações do terreiro de chão batido e de toda a CoMPaz, denominada no kilombo de Pedagogia do Encantamento que fala do modo amoroso como o kilombo se organiza para educar os mais velhos e os mais novos por meio deste resgate e da reinvenção das tradições, história e cultura afro-brasileira e articulada aos modos de produzir e de sustentação das atividades desenvolvidas na CoMPaz. Em nosso entendimento essa Pedagogia atesta a possibilidade de uma Educação do Campo Kilombola.

A Educação do Campo Kilombola, enraizada na CoMPaz e que trata de seus processos de ensino e aprendizagem surge da necessidade de uma educação biocêntrica, intercultural, baseada na diversidade, na cooperação e nos direitos humanos, que contemple a história e a tradição dos povos africanos que compõem a população

³⁰ *Ilé é casa em yorùbá.*

brasileira e pode ser entendida como possibilidade de acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade e direito à memória e história. A Educação do Campo Kilombola possibilita o acesso a tecnologias e experiências sociais que podem ajudar na qualidade de vida no kilombo e se contrapor aos ataques de fundamentalistas e à criminalização dos terreiros e kilombos (Labrea, Dornelles, Kiekow, 2019, p.116).

Os kilombolas com a Pedagogia do Encantamento defendem um projeto de escola intercultural, humanizada e humanizadora, de cunho emancipatório, construída a partir do diálogo que a comunidade mantém *com a universidade e com o conhecimento formal e as orientações de Mãe Preta, Seu Sete e os Orixás que frequentam o território* (Labrea, Dornelles, Kiekow, 2019, p.116). A Pedagogia do Encantamento é pautada na diversidade e nos direitos dos homens, mulheres e crianças, e para isso batalham por uma *educação do campo kilombola*, que ofereça alternativas credíveis para permanecerem e fortalecerem a comunidade. Os kilombolas se educam para *reafirmar seu modo de ser e viver, ancorado na espiritualidade onde o passado é honrado e valorizado porque contém e perpetua a experiência social dos mais velhos e dos ancestrais a partir das narrativas e vivências* (Labrea, Dornelles, Kiekow, 2019, p.116).

Considerando a proposta da Pedagogia do Encantamento de uma Educação do Campo Kilombola, que articule os princípios e fundamentos de cada modalidade para melhor atender às necessidades e especificidades do kilombo, podemos inferir a importância de uma pesquisa realizada em parceria entre o kilombo e a universidade sobre os *orins* que podem ser cantados fora do terreiro. Consideramos que essa pesquisa produziu um conhecimento contextual, enraizado nas tradições, memórias e história da Nação Muzunguê.

A pesquisa *Quando rezo é canto, quando canto é rezo* exigiu um mergulho profundo na espiritualidade e nos ritos dos povos de terreiro, em particular na Nação Muzunguê. Com cuidado e respeito criamos o cancionário desta pesquisa com a intenção de que ele fosse apresentado em espaços da universidade e escolas onde transitam negros e brancos e problematizado em oficinas temáticas. Para implementarmos os princípios da educação do campo kilombola, entendemos que é necessária *uma*

reeducação das relações entre negros e brancos (Brasil, 2004, p.13), como preconizada nas diretrizes da EREER e que as atividades desenvolvidas nesta pesquisa colaboram para o enfretamento do racismo e a valorização da contribuição das populações afro-brasileiras na história e cultura do país.

Para finalizar, retomamos o objetivo deste artigo, descrever e analisar a trajetória educativa do Coletivo de Cantantes e Brincantes É do Campo junto aos quilombolas da Comunidade Morada da Paz, em particular o Coletivo Okaran e o Maracatu Semente de Baobá, na construção de um cancionário que trouxe os *rezos* do terreiro e canções da MPB para louvação dos Orixás para serem conhecidos e debatidos na universidade e escolas por meio de oficinas de *desformação*. Trouxemos os quilombolas, através do Coletivo OKARAN, todos os semestres para a UFRGS, entre 2017 e 2019, para o que chamamos de oficinas de *desformação* que buscam *tirar da forma* e pensar *fora da caixa* a fim de questionar o racismo e o mito da democracia racial que ainda persistem em habitar a escola e a universidade.

Nessas oficinas vimos que falta na formação dos futuros educadores e educadoras conhecimentos consistentes, materializados através de disciplinas em seus cursos de licenciaturas, que os habilitem a trabalhar dentro de suas áreas com a história e cultura afro-brasileira e africana, e a mediar e direcionar positivamente as relações étnico-raciais que surgem em ambiente escolar e *criar estratégias pedagógicas que possam auxiliar a reeducá-las* (Brasil, 2004, p.16). Há ainda uma lacuna na formação dos professores que vai para além do currículo que os mobilize para a reeducação de brancos e negros que a EREER preconiza e por isso é importante que os grupos de pesquisas, articulados com o movimento negro, continuem pautando a universidade para abertura de novos espaços de interlocução entre a academia, o movimento e o quilombo.

A pesquisa *Quando rezo é canto, quando canto é rezo* buscou combater o racismo por meio da celebração e problematização da cultura e história do povo de terreiro, mostrando a beleza e profundidade da sua espiritualidade, a força dos tambores femininos, dos cantos e danças em homenagens aos Orixás. A universidade ainda tem muito que avançar a fim de incorporar, ao menos em seus cursos de licenciatura, os

princípios da ERER em seus currículos e planos de ensino, mas ao mesmo, possibilita espaços para pesquisas e atividades extensionistas que permitem algum conhecimento sobre essas populações do campo e que mobilizam uma parte da comunidade acadêmica.

Considerando todos os aprendizados compartilhados no kilombo de Mãe Preta, defendemos uma Educação do Campo Kilombola que se pautar por uma aprendizagem ativa tendo como base um saber tradicional, matricial, crítico e autocrítico, contextual que permite gestar projetos de caráter emancipatórios que buscam transformar e transcender a realidade, através de práticas antirracistas e que defendam a diversidade sociocultural. Esperamos que nossa pesquisa tenha contribuído, ao menos parcialmente, para dar visibilidade a uma proposta de educar pela mobilização social, pela cultura e pela história, revelando as potencialidades, as contribuições, as articulações, as novas configurações, os alcances, os desafios, os limites e as tensões que a produção de um conhecimento crítico sobre o kilombo, com o kilombo, do kilombo pode visibilizar.

Axé!

Referências

- Acosta, Alberto (2016). *O bem viver; uma oportunidade para imaginar outros mundos*. SP: Editora Elefante.
- Achselrad, Henri (org.) (2008). *Cartografias sociais e território*. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRGS.
- Brasil. (2004) *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, MEC/SECADI.
- Brasil. (2008, 10 de março) *Lei no. 11645* que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, D.O.U. de 11.03.2008.

Brasil. (2003, 9 de janeiro) *Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, D.O.U. de 10.1.2003.

Brasil. (2012a) *Marcos normativos da Educação do Campo*. Brasília, MEC/SECADI.

Brasil. (2012b) *Resolução no 8, de 20 de novembro de 2012*. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília, MEC/CNE.

Caldart, Roseli Salette.(2000) *Pedagogia do movimento sem-terra*. SP: Editora Expressão Popular.

Cunha, Antônio Geraldo.(2007) *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Lexikon.

Deleuze, G.; Guattari, F. (1995) *Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia*. Vol1. Rio de Janeiro: Ed. 34.

Flores. Luiza Dias. (2018) *Ocupar: composições e resistências quilombolas*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Museu Nacional. RJ.

Foucault, Michel. (2018) *Microfísica do poder*. RJ/SP, Paz e Terra.

Hawany, Thonny. (2017) Àdùrà, oríkì, ọfọ, ìtàn e orin. Recuperado de http://www.thonnyhawany.com/2017/02/adura-oriki-ofo-itan-e-orin_16.html.

Jost, Miguel. (2015) A construção/invenção do samba: mediações e interações estratégicas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 62, p. 112-125, dez. 2015.

Kastrup, Virginia; Passos, Eduardo, Escossia, Liliana da.(2016) *Pistas do método da cartografia; a experiência e o plano comum*. Porto Alegre, Sulina.

Kastrup, Virgínia; Passos, Eduardo, Escossia, Liliana da. (2015) *Pistas do método da cartografia; pesquisa intervenção e produção da subjetividade*. Porto Alegre, Sulina.

Labrea, V. V; Sousa, G; Ferreira, A. (2017) A mística na educação do campo e sua interlocução com a ecologia dos saberes: apontamentos de percurso in: *Anais do III SIFEDOC*, UFFN: Erechim/RS.

Labrea, Valéria Viana; Dornelles, Denise Freitas; Kiekow, Pedro Eduardo. (2018) Cartografias da EduCampo: alternância, trabalho e estratégias para conter a evasão in: RTPS – *Rev. Trabalho, Política e Sociedade*, Vol. III, no 04, p. 151-170.

Labrea, Valéria Viana; Kiekow, Pedro Eduardo; Dornelles, Denise Freitas. (2019) Cartografia subjetiva em território feminino kilombola: em busca da utopia do bem viver in: *Cadernos do Lepaarq*, v. XVI, n.31., p. 107-120.

Prandi, Reginaldo. (2001) *Mitologia dos Orixás*. SP: Companhia das Letras.

Ribeiro, Djamila. (2017) *O que é lugar de fala*. Belo Horizonte, Letramento.

RS. (2018) *Resolução no 342, de 11 de abril de 2018*. Consolida as Diretrizes Curriculares da Educação Básica nas Escolas do Campo e estabelece condições para a sua oferta no Sistema Estadual de Ensino. Porto Alegre, Conselho Estadual de Educação, 2018.

UFRGS. *Novembro Negro*. Recuperado de: <https://www.ufrgs.br/novembronegro/quem-somos/>, 19/03/2020.

UFRGS. (2013) *Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação Licenciatura em Educação do Campo*. Porto Alegre, FAGED/Programa Especial de Graduação.

UFRGS. (2018) *Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação Licenciatura em Educação do Campo*. Porto Alegre, FAGED/Programa Especial de Graduação.

LUGAR, TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA COMUNIDADE MORADA DA PAZ

Rogério Ferreira Teixeira - Baogan

Esse texto surgiu a partir de diálogos e reflexões no Grupo de Pesquisadores e Pesquisadoras Kilombolas Okaran onde ao abordarmos as temáticas de lugar, território e territorialidade identificamos a sua relevância enquanto categorias de análise, pertinentes para subsidiar as estratégias das ações, projetos e tomadas de decisões que visam a sustentabilidade e o bem viver na CoMPaz.

Na escrita utilizarei como metodologia a cartografia subjetiva que dialoga com as narrativas, as histórias de vida, o registro pictórico, fotográfico, as filmagens, entendendo-as como *textos* que registram as memórias e a experiência social e que devem, portanto, ser estendidos ao coletivo pesquisador, para que eles possam, por si mesmos, estabelecer as estratégias de registro da sua experiência (LABREA:2017). Dessa forma entendemos que é uma estratégia adequada a sua utilização, considerando a riqueza de detalhes e a complexidade de elementos que compõe o universo da Comunidade Morada da Paz (CoMPaz).

Busco cartografar a CoMPaz, sendo um dos seus co-fundadores, Bábà Guardiã do Conselho de Anciões(ãs), sem a pretensão de esgotar essas temáticas (lugar, território

e territorialidade), uma vez que cada uma delas pode nos levar a uma gama imensa de reflexões, que poderão ser aprofundadas em outros textos a posteriori a partir da busca dos significados subjetivos que cada um de seus moradores(as) possa lhes atribuir.

SOBRE A COMUNIDADE MORADA DA PAZ (COMPAZ) – TERRITÓRIO KILOMBOLA DE MÃE PRETA

Meu Kilombo tá lindo como o quê,
Meu Kilombo tá lindo como o quê.
Ô mamãe, abraça eu mamãe,
Embala eu mamãe, cuida de mim!

(Orin (rezo sagrado) entoado nos rituais da CoMPaz).

Nossos ancestrais kilombolas em sua grande maioria construíram suas comunidades após um processo de fuga devido à condição de escravização a que foram submetidos no Brasil e em toda a América Latina. Realizamos um movimento com algumas singularidades. Não saímos das fazendas para locais interioranos de difícil acesso e localização, numa migração rural-rural como eles, mas fizemos um percurso da cidade para o campo, ao adquirirmos um terreno de 4,2 hectares em 2002, quando iniciamos na CoMPaz um trabalho de profunda entrega à espiritualidade, de conexão com a terra e todos os seres vivos.

A CoMPaz é um kilombo situado em Triunfo/RS, município da região metropolitana, de colonização portuguesa (açoriana) e alemã. Desde 10.01.2003, a CoMPaz é uma associação sem fins lucrativos, registrada na Receita Federal com CNPJ, estatuto social e participação em conselhos municipais. Nossas primeiras interações com a comunidade do entorno foram através de vivências com escolas da região, voltados à educação ambiental, com um programa piloto de oficinas de agroecologia, culinária ancestral, reciclagem de papel, trabalhando princípios da nossa espiritualidade. Essas vivências continuam a acontecer até hoje. Começamos nesta época a realizar seminários temáticos voltados à paz, à solidariedade e à espiritualidade agregando pessoas e instituições afins, constituindo uma rede de envolvimento solidário (ReSol).

Fomos inicialmente nos autorreconhecendo como negros e negras herdeiros(as) de um povo lutador, buscando recuperar a nossa história, a nossa cultura e a nossa identidade. O processo de autorreconhecimento kilombola foi fruto de um movimento endógeno que culminou em 2016 com a Certificação da Fundação Cultural Palmares foi acontecendo ao longo de nossa caminhada. Nenhum de nós chegou à Comunidade Morada da Paz em 2002 com o propósito de fundar um kilombo. Com o passar do tempo fomos recuperando a nossa história, a nossa cultura e fazendo um mergulho profundo na espiritualidade.

A Nação Muzunguê (braço espiritual da CoMPaz) que emerge deste mergulho traz consigo 3 (três) fontes de orientação: afrodiaspórica (que constitui a base dos rituais), budista Mahayana e indígena Mbyia-Guarani (estas duas últimas complementando a primeira, pois todas estão interconectadas). Pessoas vinculadas à irmandade levam a ritualística e o jeito de ser e de viver para os lugares que vão em missão ou que moram em tempo parcial. Com isso o lugar energético CoMPaz extrapola a dimensão física e se constitui em um importante elemento do patrimônio imaterial da Nação Muzunguê.

DE LUGAR A TERRITÓRIO: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A COMPAZ A PARTIR DA PERSPECTIVA DE MILTON SANTOS.

Tambor, tambor, vai chamar
quem mora longe tambor.
Oxóssi nas matas, Xangô na pedreira,
Ogum no Humaitá, Mamãe Oxum na Cachoeira!

(Orin entoado nos rituais da CoMPaz).

O lugar é um elemento criador de consciência para o sujeito, que aos poucos vai fazendo novas descobertas e ressignificando a sua caminhada. Santos (1997, p. 264) a este respeito coloca que:

Ao contrário do que deseja acreditar a teoria atualmente hegemônica, quanto menos inserido o indivíduo, mais facilmente o choque da novidade o atinge e a descoberta de um novo saber lhe é mais fácil.

Ainda se referindo a lugar, Santos (1997, p. 322) considera que:

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada um exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é quadro de uma referência pragmática ao mundo, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

Nossa relação com o nosso novo lugar, a Morada, ao adentrarmos em 2002 foi de muitas surpresas e descobertas a todo o instante, pois vindos da cidade tudo era novidade: o desenvolvimento das plantas após semearmos, os hábitos dos animais silvestres, as configurações celestes, o regime pluviométrico. Fomos aos poucos interagindo com esse lugar e nos apropriando de suas características, reconhecendo suas singularidades, desconstruindo conceitos sobre o viver rural e construindo saberes baseados no nosso próprio cotidiano. Esse processo não findou. Podemos dizer que ele é contínuo, pois estamos sempre refletindo sobre os movimentos que desencadeamos. Sobre esta temática, Santos (1997, p. 224) afirma que:

O homem de fora é portador de uma memória, espécie de consciência congelada, provinda com ele de um outro lugar. O lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação.

No novo lugar, Santos aponta que o ser precisa reaprender o que nunca lhe foi ensinado, para construir um conhecimento inicial, mesmo que seja fragmentado. Salienta que o meio ambiente age como um detonador deste processo. Constrói-se então uma territorialidade nova e uma cultura nova, gerando uma nova integração e entendimento e por fim a recuperação do ser.

Santos reflete que a memória olha para o passado enquanto que a nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nesta descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato,

um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado. Os seres que estão na borda (periferias das cidades ou mesmo no campo), dão um outro sentido ao lugar, com relações mais ricas, próximas, a comunicação e a interação com o meio são mais plenas e intensas construindo uma nova sociabilidade (Santos, 1997). Complementando, Santos (1997, p. 258) pondera que:

No lugar, nosso próximo, se superpõem dialeticamente, o eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando definitivamente as noções e as realidades de espaço e de tempo.

Nosso Kilombo é um lugar que se encontra na “borda”, exatamente em uma linha de fronteira entre 2 municípios (Triunfo/Montenegro). Literalmente estamos na borda da BR 386, no KM 410. Mesmo assim nossa acessibilidade não é tranquila devido às condições dos caminhos e à falta de sinalização adequada.

Em nosso lugar as relações são próximas, fortes e intensas. Todos se cumprimentam com o *Namastê Odirê*, se abraçam ao sair e ao chegar, ao iniciar um novo dia. Nos *ipadês* (Círculos sagrados de diálogo) há o pedido de *Ago Yê Mojubá* (*Benção para ter a licença*) para que a fala e a escuta seja sagrada e há muitos momentos de partilha, nas refeições e nos ritos.

É muito interessante observar como os o-madês (crianças) se relacionam com esse lugar, pois para eles, esse foi o primeiro ambiente de moradia. Há aqueles mais destemidos, outros que são mais observadores, mas no geral todos têm um grande carinho e respeito por ele. Para os o-madês tudo é uma novidade no que se refere ao lugar: o contato com os animais, a textura das folhas das plantas, as poças da água depois das chuvas. Experimentar todas as sensações que isso provoca é um aprendizado muito encantador para cada um!

A CoMPaz já passou por muitas transformações desde a nossa chegada e continua a se transformar, o que é sua característica reconhecida por todos(as) os(as) que a , sejam mudanças nos ambientes construídos ou na paisagem natural. Isso é muito natural para os moradores, mas aqueles que a visitam não percebem todas essas

transformações, pois elas conseguem perceber apenas fragmentos desse universo. Isso lhes causa muitas vezes surpresas. O relato que geralmente dão em rodas de avaliação após as vivências é de que *“nunca tinham se deparado com um lugar assim”*. Muitas dessas pessoas sentem-se atraídas para se juntarem a irmandade, outras ficam inquietas, curiosas, ou assustadas, mas raramente indiferentes. A propósito, Santos (1997, p. 224) considera que:

Quanto mais instável e surpreendedor for o espaço tanto mais surpreendido será o indivíduo e tanto mais eficaz a operação da descoberta. A consciência pelo lugar se sobrepõe à consciência no lugar.

A CoMPaz é um lugar constituído por muitas identidades, pois é: uma comunidade espiritual, um espaço educativo, um Território Kilombola, um Ponto de Cultura que acolhe pessoas como moradoras, flutuadoras, peregrinas, simpatizantes. Os moradores vivenciam o lugar com toda a sua complexidade cotidiana, com seus ritos, preces práticas, compromissos e agendas. Os flutuadores têm uma vinculação espiritual com o Kilombo, porém sua presença física se restringe a algumas datas sagradas ou movimentos específicos, como retiros, celebrações, atividades direcionadas a um público determinado (colônia de férias, por exemplo).

Todas estas dimensões estão conectadas umas às outras, se interpenetram, constituindo uma comum unidade em princípios e propósito. A CoMPaz acaba sendo também um lugar de passagem, pois assim como há os que vêm, criam vínculos e desenvolvem raízes, há aqueles que se relacionam com o seu universo de uma forma transitória, ou seja, cumprem um tempo que em geral não é pré-estabelecido e depois seguem o seu caminho. Alguns retornam, outros não. O retorno ou não está muito ligado a forma como se processou o desenlace.

Os anciões(ãs), Yás e Bábàs, guardam a memória deste lugar, são a biblioteca viva, capaz de narrar a sua história, suas transformações, suas conquistas e desafios pretéritos, contemporâneos e futuros. Os demais moradores e flutuadores têm uma percepção que é diferente ao olhar para este lugar, pois cada um o encontra em um espaço-tempo de

sua caminhada enquanto buscadores espirituais e o Kilombo os acolhe em um determinado momento de sua evolução.

Os Projetos desenvolvidos a partir de 2011 tiveram um forte impacto sobre o lugar, alçando a CoMPaz a um outro patamar institucional. Houve melhorias na condição de infra-estrutura para acolhermos as pessoas, desenvolvermos as atividades e sobretudo adquirirmos experiência para nos candidatarmos a outros projetos.

Hoje encontram-se em vigência o Projeto Sumaúma Raíces Afroindígenas do Brasil que viabiliza através da parceria com o OLMA a partilha de saberes e viveres com comunidades quilombolas, ribeirinhas, indígenas, povos de terreiro em todo o Brasil, estando já no seu terceiro ano. O outro Projeto que nesse momento contribui para as articulações externas é o Omorodê Ponto de Cultura da Infância, em parceria com a Sedac-RS.

A CoMPaz, por mais paradoxal que possa parecer, ainda é desconhecida de grande parte da população de Triunfo/RS e mesmo de Vendinha, Distrito onde está inserida. A maior parte do público que participa das suas atividades é proveniente de Porto Alegre e municípios da região metropolitana. A articulação com outros lugares acontece com a ida a outros e aldeias indígenas, participação na Rede RS de Pontos de Cultura, na Rede Nacional de Pontos de Cultura Rurais, Rede de Envolvimento Solidário, Rede Mocambos, entre outros movimentos. As conexões externas trazem elementos, ideias e inspirações que contribuem para “oxigenar” o Território.

O lugar tem a necessidade de encontrar seus novos significados. Santos (1997, p. 252) para isso utiliza-se da dimensão do cotidiano. Segundo o autor:

Este presta-se a um tratamento geográfico do mundo vivido que leve em conta como variáveis os objetos, as ações, a técnica e o tempo.

Para Santos (1997) são nos lugares que se desenrolam as paixões humanas, a vida social se individualiza, a política se territorializa e ocorrem as manifestações de espontaneidade e criatividade. O cotidiano na comunidade é sempre temática de reflexão, estudo e pesquisa contribuindo para a evolução espiritual de cada irmão ou irmã. Muitas orientações espirituais referentes a esta temática já chegaram à CoMPaz.

Com a certificação da Fundação Cultural Palmares de autodefinição como Kilombo, a CoMPaz passa a ser um *Território*, segundo Yashodhan, Sangoma (Guiança Espiritual) da Nação Muzunguê e co-fundadora da CoMPaz. Podemos inferir que este lugar se transfigura, pois ao mesmo tempo ele continua sendo um *locus* de acolhimento, partilhas e vivências, e também passa a ter normas e legislações específicas incidindo sobre si, como a Constituição da República Federativa do Brasil (1988), o que o leva a ser caracterizado também como um território, segundo critério sugerido por Santos (1997). O Território é a base onde se desenrolam todos os processos econômico-afetivos da Comunidade Kilombola Morada da Paz. Nesse desenrolar estão inseridas as relações de partilha de saberes, fazeres, o zelo de cada um(a) com o(a) outro(a), as preces práticas, o cuidado com o ambiente e os seres que o compõe, o manejo agroecológico, a produção artesanal, o preparo das refeições, a saúde integral. As formas de expressão oral, artística e visual também são manifestações da nossa territorialidade e integram o nosso patrimônio imaterial.

Hoje, passados 17 anos que iniciamos nossa caminhada na CoMPaz, assistimos e ao mesmo tempo protagonizamos um movimento de reconstrução do nosso Território, com a chegada de novos moradores, a construção de uma escola que representa nossa cosmovisão (visão de mundo), a CoMKola, e a consolidação de um processo de identidade e valorização da história e da cultura ancestral do povo negro.

A recente aquisição de um terreno vizinho (1,5 hectares), há três anos provocou um reordenamento territorial na CoMPaz. A Terra da Água, como chamamos carinhosamente essa área nova, pois abrigar algumas nascentes, demandou realizarmos um estudo e elaborar um novo zoneamento de ocupação, onde foram definidas as áreas de construção de novas moradias, de plantio e manejo agroflorestal, novas áreas de compostagem, piscicultura. Gradativamente incorporamos a Terra da Água nas dinâmicas do Território de Mãe Preta.

Temos nossos Ipádès de Estudo e Reflexão sobre nossas práticas e vivências espirituais, que são o Curso Básico e a Desformação. São cursos realizados na CoMPaz em que estudamos e aplicamos conhecimentos/saberes sobre a mediunidade e

paranormalidade baseados na Cosmovisão da Nação Muzunguê uma vez por mês nesses Ipádès, tendo como participantes os próprios moradores(as) e o público externo (no caso da Desformação que acontece de maio a novembro). Seria preciso trabalhar com a desformação do pensamento, segundo nossa Yabá Ancestral Mãe Preta, isto é, tirar o pensamento da forma, para acessar o coração e a mente crística.

A atenção e o cuidado com as emoções e os sentimentos de cada um e cada uma também são elementos muito importantes e integram o universo de tomada de decisões nesse campo da economia afetiva, que é uma força feminina, pois carrega em sua essência os princípios do zelo e do cuidado, da guardiania da vida. É algo que permeia as relações que se estabelecem entre os seres de diferentes mundos e reinos que compõe o universo material e imaterial do Kilombo, onde o diálogo franco e verdadeiro é uma práxis constante nesse constructo, existindo sim uma hierarquia, mas é uma hierarquia circular, diferente da hierarquia vertical, cujo eixo é o respeito.

A afetividade envolve a dimensão da compreensão, que deve extrapolar os desejos meramente individuais. As necessidades de um irmão ou irmã serão atendidas levando-se em consideração o contexto coletivo e as implicações daí derivadas.

Outro aspecto marcante no *modus operandis* da economia afetiva diz respeito ao seu caráter empreendedor que motiva a alocação de recursos como mão-de-obra, tempo, habilidades na construção de soluções criativas para gerar trabalho e renda em benefício de toda a comunidade. Exemplo disso são as feiras que a CoMPaz promove ou participa, onde produtos artesanais confeccionados são oferecidos (sacolas, bolsas, jogos), assim como produtos gastronômicos (flocadas, pães, cucas) e mesmo produtos manufaturados com a marca CoMPaz (ímãs de geladeiras, camisas, postais).

Nesse empreendimento, chamado Apoiwá CoMPaz, o resultado das vendas é partilhado por todo o grupo envolvido no processo. Os saberes e fazeres apreendidos cotidianamente são fruto de um processo metodológico em que a disciplina, a busca pela excelência e a disponibilidade para a superação dos desafios motiva a um constante movimento de reinventar-se. Assim a troca de funções em áreas é algo rotineiro, tendo como preocupação a melhoria dos fluxos organizacionais e também o

ensino/aprendizagem a quem está assumindo uma nova função como um Gba Oya Nkan (gestor ou responsável).

Esse é um processo que sempre provoca a desconforto, tanto individual como coletiva e por si só é extremamente valioso, pois incita a desenvolvermos a criatividade, a versatilidade e a aplicarmos estratégias diversas para buscar êxito em nossos objetivos. Finalizando, poderíamos afirmar que o que garante a sustentabilidade da economia afetiva no Território Kilombola CoMPaz é um processo eco-espiritual e assim nos ensina nosso Bábà Afra: *“Se todos souberem comer juntos na mesma cumbuca, então todos terão aprendido o verdadeiro significado da humildade e da simplicidade”*. É possível afirmar que essa assertiva sintetiza e expressa com clareza o verdadeiro significado da economia afetiva na cosmovisão da Nação Muzunguê.

AS VIVÊNCIAS E O SENTIDO DE TERRITORIALIDADE NA COMPAZ

Vida que sopra em meu peito.
Vida de liberdade.
Me ama, porque sou grato ao ar.
Me acolhe porque sou filho do criador.
E que eu possa a cada minuto da minha existência,
reconhecê-la com sabedoria, fé e evolução.

(Oração da vida – CoMPaz – 2003).

Para Ambrosini e Filippi (2007), a territorialidade é apreendida a partir da motivação humana e está diretamente relacionada à tentativa de influenciar ou determinar processos, comportamentos ou acessos, inscritos em uma área geográfica delimitada.

Na perspectiva da CoMPaz fica mais explícita então a visibilidade de sua própria Territorialidade Kilombola, constituída pelas seguintes dimensões: espiritual (envolve e transpassa todas as demais), cultural (Omorodê – Ponto de Cultura da Infância), política (cuja manifestação mais genuína são os ipadês), educacional (ComKola, Encontros Dialógicos, Multiversidade dos Povos da Terra, oficinas e vivências), econômica (Instituto CoMPaz), ecológica/sustentável (projetos agroecológicos, bioconstruções, saneamento

ecológico). A Territorialidade Kilombola CoMPaz é o conjunto das diversas expressões do Jeito de Ser e de Viver da comum unidade.

Nosso tempo no Kilombo não é o tempo de Kronos, mas de Yô, divindade do tempo para o Povo Bambara da África. Não contamos o tempo pelos anos que se sucedem, mas pela intensidade do que vivenciamos, o que é revelador para nós mesmos de profundos aprendizados. As vivências em nosso kilombo caracterizam-se além da subjetividade de percepções que provocam em cada um dos irmãos/irmãs, por terem um forte envolvimento coletivo/comunitário e um componente espiritual predominante. O lugar é a base para as nossas vivências e o conjunto de nossas vivências constitui a nossa história e sustentam a nossa territorialidade.

As vivências são momentos em que nos possibilitamos experienciar, sentir, perceber, transcendendo padrões lógicos e racionais de pensamento. Podemos então “viver” na mais pura acepção da palavra, sem nos preocupar com conceitos, pré-conceitos ou juízos de valor, sentindo-nos plenos e conectados ao nosso real ser e ao cosmos. Segundo Bello (2004), a reflexão, a percepção, a imaginação, a fantasia e a lembrança podem ser consideradas iguais às estruturas de vivências, ressaltando que os conteúdos delas podem variar de indivíduo para indivíduo.

Os grupos que vêm à CoMPaz são de muitas procedências: estudantes, professores, artistas, ativistas sociais, membros de pontos de cultura, entre outros(as). Desde a sua chegada no Território são convidados(as) a participar dos rituais que são praticados pelos moradores(as) para adentrar, pois a CoMPaz é uma comunidade que têm como orientação a espiritualidade.

Há um movimento que vai se processando gradativamente para ambientação das pessoas, desacelerando seus pensamentos, acolhendo-as com um abraço afetuoso, um sorriso no rosto, ofertando-as um cumprimento, o Namastê Odirè (O Deus que há em mim saúda o Deus que há em você para que tu tenhas o melhor dos teus dias no dia de hoje!). As pessoas percorrem a Trilha da Paz, após passar pela fogueira, realizando o seu percurso no interior da mata nativa respirando o ar puro do Kilombo e conhecem os

demais recantos a seguir. A vivência na Trilha da Paz é realizada em alguns momentos também à noite, trabalhando a confiança, a unidade e a solidariedade dos grupos.

Em um Ipádè (círculo sagrado de diálogos), as pessoas conhecem mais sobre a História e a Memória da CoMPaz, conversando com os anciões(ãs) (Yás e Babàs). As vivências na CoMPaz também contemplam um momento de celebração nas refeições, com a irradiação dos alimentos e a ingestão de comida ovolactovegetariana, preparada no fogão a lenha do Templo Alquímico de Saúde Alimentar (TASA), e de água da fonte do Território.

Durante as vivências e imersões realizadas na CoMPaz as pessoas e grupos podem se envolver com o cotidiano, acordando pela manhã, realizando as ritualísticas, as preces práticas, dialogando nos Ipadès, buscando uma conexão consigo mesmas e seu propósito original (projeto de vida). Tudo isso significa em alguma medida o que é uma Vivência no Território Kilombola de Mãe Preta.

Recordo uma ocasião em que por orientação de nossos Mestres estávamos pesquisando sobre Vacuidade, temática importante da cosmovisão Budista Mahayana. Tínhamos muita dificuldade em compreender os escritos sobre vacuidade, pois os originais perderam muito conteúdo na tradução para o português.

Foi então que nossa Yashodhan (Anciã do Kilombo) propôs uma Vivência, ambientada no pomar da CoMPaz. Sentimos a terra, as árvores, suas raízes, caules, folhas, o frescor do vento, o aroma das flores e nos entregamos de corpo e alma para aquele momento. Incorporamos, isto é, trouxemos para dentro dos nossos corpos tudo o que havíamos sentido e acabamos percebendo o pomar como um “Ser”, com vida e Consciência. Naquele instante nos tornamos um só, uma unidade.

Até hoje confesso que tenho alguma dificuldade em conceituar Vacuidade, mas só lembrar dessa Vivência sinto o que seja Vacuidade: uma integração potente com os vários seres, mundos e reinos. Podemos então perceber que as vivências na perspectiva da CoMPaz são experiências coletivas que transcendem a realidade exclusivamente material, pois há um componente espiritual que permeia tudo o que acontece (rituais,

oficinas, alimentação coletiva, preces práticas). São experiências sociais do cotidiano, pois as vivências estão imbricadas diretamente dentro dele.

São exemplos de algumas vivências que acontecem anualmente dentro do Território CoMPaz a Colônia de Férias Curumim-O-Madê (para crianças de 0 a 12 anos acontecendo em janeiro de cada ano, com oficinas de agroecologia, canto, dança, artesanato), o Ipadê da Juventude Kilombola (para jovens de 12 a 21 anos após as colônias de férias, onde são trabalhados o significado da unidade, o respeito e a solidariedade, assim como a cidadania e o empoderamento dos jovens para salvaguardarem a história e a cultura de seu povo com o uso de tecnologias digitais), a Vivência Kilombola (aberta às escolas da região em um dia de novembro para os estudantes vivenciarem o cotidiano da CoMPaz) e o Plantio Com Vida (vivência que ocorre sempre em setembro celebrando a chegada da primavera e onde realizamos o plantio agroecológico com a força das nossas divindades). Podemos sentir que nas vivências se (re)afirmam o Território e a Territorialidade Kilombola da CoMPaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que ter fé, é preciso ser fé!
Mãe Preta

Há um perfil institucional do Território de Mãe Preta, em que ele se apresenta com múltiplas identidades, mas como é um território de acolhimento, também acaba sendo o nosso lugar, pelo qual nutrimos carinho, respeito, gratidão e onde nos sentimos acalentados. Há uma interconexão entre essas múltiplas identidades que se dá de uma maneira muito orgânica e fluídica.

Existem diferentes maneiras de expressar as territorialidades em cada Kilombo, por conta das suas histórias e caminhadas. A CoMPaz se configura assim pela sua orientação espiritual Afrobudígena, que é a sua base de sustentação. Essa territorialidade representa a expressão de um jeito de ser e de viver onde há a recuperação da história e da memória ancestral. Ocorre um diálogo externo com o mundo através dos jovens e dos anciões que partilham a história do seu povo honrando seus princípios e buscando

aprender o que poderá auxiliar nas melhorias e no bem viver do povo do Território de Mãe Preta.

Como alternativas para a superação dos desafios dos tempos atuais e dos que se anunciam no Território Kilombola CoMPaz, apresentam-se a pedagogia do encantamento, a economia afetiva e a valorização das vivências locais que fortalecem a sua territorialidade e foram sendo construídas ao longo da sua caminhada, trazendo consigo a força da comum unidade e do seu propósito original.

Diante de uma conjuntura bastante desafiadora, com a perda de tantas liberdades e a supressão de direitos conquistados com muita luta, as estratégias que vêm sendo utilizadas pela CoMPaz nos últimos anos podem apontar caminhos interessantes para muitos indivíduos, comunidades, organizações sociais e coletivos empenhados em construir um cenário de mais paz, ética e amorosidade para o mundo.

REFERÊNCIAS

AMBROSINI, L. B.; FILLIPI, E. E. Território, um diálogo multidisciplinar a partir da economia ecológica na legitimação de sistemas de produção territoriais em áreas rurais marginalizadas. Artigo apresentado no V CONGRESO EUROPEO DE LATINOAMERICANISTAS. Bruxelas: 11-14 de abril de 2007. <http://www.ulb.ac.be/soco/cercal/accueil.html>.

BELLO, A. A. Fenomenologia e Ciências Humanas: psicologia, história e religião. Bauru: Edusc, 2004.

LABREA, Valéria Viana. Cartografias de memória social, tecnologias sociais e produção de conhecimento contextual na Educação do Campo. Projeto de Pesquisa e Extensão Universitária. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 2017.

PARREIRA, A. Economia e Sociedade em Angola na época da Rainha Jinga (séc. XVII). Lisboa: Estampa, 1990.

SANTOS, Milton. A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

COMPAZ. Ipadês CoMPaz 2015 – 2020;

COMPAZ. Curso de Desformação CoMPaz 2016 – 2019;

COMKOLA: PROPOSTA DA ESCOLA KILOMBOLA EPÈ LAYIÈ

Denise Freitas Dornelles - Yashodhan
Rogério Ferreira Teixeira - Baogan
Cláudia Rocha David - Yamoro
Manoela Dutra Ramos - Opa Tenonde

Nos dias atuais vivemos uma automatização das relações familiares, da educação no âmbito da escola e também no brincar das crianças. Por esse motivo a CoMPaz em seus 17 anos de existência, vivenciou, refletiu e dialogou como romper o que estava sendo imposto pela sociedade.

A Comunidade Morada da Paz é uma instituição que zela pela infância. Para isso, buscamos nós adultos uma autoeducação a partir de Ipádès (círculos de diálogos sobre nossas posturas), visando sermos referências sadias para os nossos omadê e odomode (respectivamente, crianças e jovens em yorubá).

Como uma instituição zeladora da infância sempre tivemos como foco de nossos trabalhos as crianças, assim a cada ano de nossa existência aprofundamos nossos estudos vivenciais realizando projetos que pudessem ancorar nossa energia de realização e fortalecimento da educação integral de nossas crianças (físico, mental, emocional, espiritual, lúdica e criativa), como por exemplo Círculos de diálogos dos pais, mães e zeladores do kilombo (Ipadè dos Cuidadores), Brincando com o ou/na Morada (Brincando CoMPaz – projeto na qual convidamos para os adultos trazerem suas brincadeiras da infância para brincarem com seus filhos, netos... resgatarem sua criança interior), Colônia de Férias Curumim-Omadê, Cine Pipoca (projeção de filmes comentados para trabalhar princípios e regados com pipoca), Eco-Formação com educadores (momentos de diálogo, troca de saberes entre educadores sobre o jeito de ser e viver no kilombo CoMPaz), Seminários sobre a Pedagogia do Encantamento (Diálogos realizados com educadores e profissionais ao cuidado de criança e jovens, realizados na comunidade de Vendinha/Triunfo sobre a Pedagogia vivenciada na comunidade Kilombola Morada da Paz) e “Auxílio Extra escolar”(o auxílio extra escolar tem como objetivo principal potencializar o gosto pela aprendizagem, fortalecendo o “ser curioso” que há na criança, fazendo-os construtores de suas próprias aprendizagens, para isso usamos de uma metodologia lúdica educativa para despertar de suas potencialidades).

A Pedagogia do Encantamento traduz a importância de encantar-se pelo processo de educar e de aprender. O educar encantado tem afeto e amor para a construção do conhecimento baseado no que toca o coração para além do cérebro. O autoconhecimento e os valores são instrumentos desse saber que edifica, se forma para toda a vida, assim ressignifica sua própria existência e a existência do outro. O ato de cuidar, educar e amar passa pelo processo de encantar-se e manter vivo em ações, pensamentos, atitudes e sonhos. É uma educação baseada na ancestralidade e na

unidade, tendo como base a circularidade com valores matriciais e kilombolas, mantendo esse sonho vivo no dia a dia, ressaltando o zelo pela memória dos povos.

Essa pedagogia é livre de formulas, possibilita a troca de saberes através de exemplos mais que palavras. Propõe a manutenção da esperança, do sonho e da fé. É acreditar nas possibilidades, fortalecendo e tecendo uma sustentação, um olhar para o respeito e gratidão pela vida”. É uma filosofia que está sendo construída conjuntamente com a comunidade kilombola, educamores e colaboramores da CoMPaz nos Ipádès de elaboração do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Escola CoMKola Kilombola Epè Layiè.

O encantar-se para encantar para encantar, plantando a semente em todo o terreno que necessitasse de nossa força e com essa energia, desde 2016 estamos enquanto Território Kilombola – Território de Mãe Preta sonhando e construindo a muitas mãos e corações a nossa Escola CoMKola Kilombola Epè Layiè. Que a cada encontro, ipádè, vivência, sonho se torna grande dentro de nós e se espalha e fortalece nos corações daqueles que compartilham conosco desse sonho.

E assim crescemos, envelhecemos, vivenciamos a Pedagogia do Encantamento conosco para além dos projetos, mas para um sonho que nos acompanha como um filho, que da estrela nos escolhe enquanto progenitores (denominação de pai e mãe no kilombo de Mãe Preta) fica por um bom tempo nos acompanhando para nos conhecer, até descer para dentro da progenitora (denominação de mãe no kilombo de Mãe Preta) e/ou do progenitor (denominação de pai no kilombo de Mãe Preta) e vai crescendo, crescendo até nascer e ser um potencial de luz e criação na Terra.

Temos construído círculos de amorosidade, sonhos, fortalecimento congregando várias pessoas que ouviram o chamado da esperança e do encantamento, na qual dialogamos, brincamos, *comermoramos* e fortalecemos a esperança que precisa ficar viva em cada um de nós. Não somente viva, mas crescendo e gerando sementes, árvores e frutos, para que a continuidade possa se estabelecer apesar das adversidades que estamos vivendo nesse momento.

E como diz a nossa Yabá Ancestral Mãe Preta “Nada justifica a falta de esperança”, então juntos sonhando, criando seremos fortes, seremos resistência. Assim nasce a

CoMKola, um espaço educativo construído no Kilombo de Mãe Preta, tendo como meta ser oficializada para acolher além de o-madês (crianças) da CoMPaz o público do entorno. Essa proposta surgiu a partir da constatação de que as Escolas da região não representam os anseios da comunidade quanto à sua proposta educativa. Isso passa desde a total inobservância da Lei 10.639/03 que institui a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana no currículo escolar até a total ignorância dos princípios e valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros, como a circularidade, a territorialidade, a corporeidade, a musicalidade, na pedagogia das escolas onde as crianças e jovens do kilombo estão matriculados. As crianças e jovens da Comunidade Kilombola Morada da Paz ao cursarem a rede pública de ensino se depararam com uma metodologia de ensino que simplesmente ignora e invisibiliza a História e a Memória Ancestral do povo negro, seus princípios, suas raízes, sua espiritualidade.

A CoMKola nasce para que nossas crianças e jovens (e outras que vierem a compor), possam se sentir orgulhosas, empoderadas e sabedoras da força de resiliência, da ancestralidade e da cultura que carregam dentro de si, trazendo como proposta a Pedagogia do Encantamento, uma pedagogia construída dentro da própria CoMPaz, que têm como propósito a construção de saberes e fazeres e a sua partilha de uma maneira lúdica, prazerosa, amorosa e vivencial.

Nesse momento a CoMKola está atendendo aos “pitocos” da comunidade e crianças do entorno e da região metropolitana que têm entre 8 meses à 6 anos. E foi assim enquanto educadores ³¹ através de muitos diálogos e vivências com educadores(as)/professores(as) vimos em seus olhos e seus corações o desencantamento, a desesperança, a frustração, a angústia de um sistema educacional falido, não só no externo da instituição escola, mas nos protagonistas (educadores, educandos e comunidade escolar-família) e como comunidade comprometida com a

³¹ Através de reflexões realizadas na construção do PPP da CoMKola refletimos que Educadores designa os educadores da CoMKola porque esses estão comprometidos e pautam em seu trabalho pedagógico na amorosidade e no zelo.

infância, zelamos e compartilhamos nossos sonhos com todos e todas que se sentem o chamado para uma mudança interna.

A CoMKola vem há quatro anos reunindo a Comunidade Kilombola Morada da Paz, seus amigos(as), colaboradores, filhos e filhas de Mãe Preta para dialogar seu projeto político pedagógico, junto com os professores da Licenciatura em Educação do Campo para estruturá-la como um espaço escolar comunitário.

A CoMKola têm um espaço próprio ocupado, atualmente na área de entrada da CoMPaz, que é seu local de referência (alojamento e espaço lúdico-pedagógico), porém todo o Kilombo é um ambiente educativo. Trabalhamos nos últimos 2 anos com a alternância das/nas temporalidades, como preconiza a Educação do Campo, havendo o Tempo CoMKola e o Tempo Casa, conforme detalhamos a seguir:

Tempo CoMKola: imersão de segunda-feira pela manhã até quinta pela manhã. Os pitocos dormem, fazem suas refeições, tomam os banhos, realizam seus ritos de chegada e saidança. Interagem principalmente entre si, com os educadores e alguns voluntários que fazem vivências específicas. Circulam no Território nas suas vivências de aprendizagens, onde a teoria-prática dos conhecimentos estudados é uma constante: história, agroecologia, espiritualidade, ciências da natureza, expressão corporal, música, gastronomia ancestral, brincadeiras e sapequices.

Tempo Casa: De quinta-feira pela manhã até segunda pela manhã, os pitocos são acolhidos pelos seus progenitores, irmãos e irmãs, interagindo normalmente na rotina da CoMPaz: participam dos rituais, brincam, jogam, auxiliam nas preces práticas, exercitam a guardiania da CoMPaz. O processo educativo é constante, o tempo todo e todo o tempo: “É preciso uma comunidade inteira para educar uma criança” (provérbio africano). Os pitocos são seres que carregam a força da espiritualidade CoMPaz, interagem com as divindades, aprendem a história do seu povo com os seus anciões(ãs), têm o seu asè de fala e de escuta nos Ipádès e são muito respeitados.

A metodologia de trabalho da equipe pedagógica se desenvolve por meio de Ipádès que são círculos sagrados de escuta e de fala. Há Ipádès semanais de avaliação e planejamento com os educadores e também momentos de estudo e reflexão sobre

temáticas ligadas à educação para as relações étnico-raciais e as diretrizes curriculares da educação escolar quilombola, com a participação também dos membros da comunidade e colaboradores.

Os processos pedagógicos da escola têm como referências autores brasileiros, afro-brasileiros e africanos como Paulo Freire, Frantz Fanon, Milton Santos, Kabengele Munanga, Rosa Margarida de Carvalho Rocha entre outros que apresentam a cosmovisão africana e a Educação Quilombola que são fundamentais para formação da CoMKola. Educadores é uma ideia criada na Morada da Paz para designar os educadores da CoMKola porque esses educadores estão comprometidos com uma educação amorosa e acolhedora, característica da Pedagogia do Encantamento. O termo educamado descreve as crianças da CoMKola porque se tem a intencionalidade educativa de que elas sintam amor em aprender e gostem do espaço onde se encontram.

A CoMKola possui seu calendário próprio com base na Nação Muzunguê, onde os meses do ano e os dias da semana são regidos pelas divindades, entidades e deidades que compõem as três matrizes filosóficas que embasam o nosso jeito de ser e viver (Indígena, Budismo Mahaiana na figura do 14^o Dalai Lama e Afro), por isso nos autodenominamos Afrobudígenas. Por exemplo, em maio temos o Puja do Buda (12/05) e também a reverência as òyamis que são as mães ancestrais – a Grande Mãe África. As principais vivências da CoMKola ofertadas pelos educadores nesses últimos dois ciclos foram: agroecologia, percussão, canto, dança e expressão corporal, astronomia, gastronomia ancestral, História, Cultura e Memória Afrobrasileira Diaspórica.

Os projetos da CoMKola para os próximos ciclos incluem além da manutenção e qualificação das suas atividades em andamento: a sua legalização enquanto espaço educativo, fortalecer intercâmbios com outros Espaços Educativos dentro e fora do Estado do Rio Grande do Sul e acolher outras crianças e jovens em suas oficinas e vivências e constituir a Associação dos Pais, Progenitores, Responsáveis e Colaboradores da CoMKola (APREMACOM).

Açé!

Chuva de Luz!

ENCONTROS DIALÓGICOS COMPAZ: *DESFORMAR-SE A PARTIR DE UMA COMUNIDADE ESPIRITUAL KILOMBOLA*

Denise Freitas Dornelles - Yashodhan
Rogério Ferreira Teixeira - Baogan
Cláudia Rocha David - Yamoro
Manoela Dutra Ramos - Opa Tenonde

Os encontros dialógicos são espaços de trocas da Escola Comkola Kilombola Epè Layiè da Comunidade Kilombola Morada da Paz (CoMPaz) com a rede escolar e demais interessados. As partilhas ocorrem através de rodas de conversas e dinâmicas proporcionadas pelos moradores do território e parceiros da comunidade. Esse projeto nasce num diálogo no TASA (templo alquímico de saúde alimentar) entre três mulheres da irmandade da CoMPaz que tinham um sonho de criar um espaço a fim de problematizar, refletir sobre a situação atual da Educação do Brasil, trazendo a visão da comunidade, a Pedagogia do Encantamento. um olhar sobre educação a partir de uma comunidade espiritual kilombola. A Yalase do território acolheu a proposta e materializou através de um texto que trouxe todo uma metodologia de como esses encontros seriam. Desta forma, iniciou-se o primeiro ciclo dos encontros dialógicos de 2017.

Os encontros ocorrem desde Junho de 2017 na CoMPaz, uma vez por mês, tendo diversas temáticas que dialogam com o modo de viver da comunidade, trazendo temáticas de estudos, prática e formação dos moradores. Desta forma, trabalha a interdisciplinariedade no desenvolvimento dos diálogos propostos. Além disso, visa a criação de vínculos com as escolas da região para projetos futuros o que consiste a Lei 10.639/03. Esse projeto é de suma importância, pois visa dar visibilidade para a educação kilombola, trazendo sobre as formas de pensar e de ver a vida a partir da educação Kilombola CoMPaz. É importante salientar também a não eficácia da lei 10.639/03 nas escolas e a pouca formação para a prática dessa lei em nível nacional, estadual e regional.

As temáticas dos Encontros Dialógicos CoMPaz trazem sobre a visão de saúde integral dentro da comunidade, a Pedagogia do Encantamento da Escola Comkola

Kilombola Epè Layiè, Etnoludicidade – o brincar dentro do território; Território, lugar e espaço, dentre outros.

Este projeto também nasce a partir de um desejo de auxiliar os educadores que estão inseridos no ensino tradicional através de um processo de sensibilização de outras formas de se educar. Possibilitar um espaço de promoção de saúde e bem estar aos educadores e todos interessados através de momentos de escuta e fala respeitosa. Um ambiente onde eles possam trazer suas percepções, angústias e ideias em relação a diversos assuntos que envolvem a educação. Eles vivenciam algumas horas do nosso jeito de ser e viver, das ritualísticas da Nação Muzunguê. São recebidos na porteira por um dos moradores, depois na fogueira onde passam por um processo de limpeza dos corpos de todas as energias negativas que possam estar nos seus corpos. Este rito proporciona uma consciência corporal, das emoções, pensamentos, atitudes e fortalece as pessoas no sentido de ser responsável por conduzir, limpar suas incomodações, angústias, ansiedade para estar dentro do território com o coração tranquilo. Na sequencia são acompanhados até o espaço do Encontro para iniciar a atividade. No início é realizado uma abertura onde é invocado as entidades , é pedido licença para as divindades para iniciar os trabalhos e também é pedido licença para os povos da terra, especialmente Odé, guardião da CoMKola. Em seguida, se pede o Asé de fala e de escuta. Para os povos originários, a fala e a escuta são atos sagrados e devem ser respeitados.

A educação que acreditamos e vivemos na comunidade tem uma pedagogia que é chamada de Pedagogia do Encantamento. Esta integra corpo, mente e espírito com a natureza, zelando por um convívio de amor, respeito e sentimentos. É fundamentada na espiritualidade e nos princípios civilizatórios dos povos originários, mantendo o princípio do diálogo, da escuta, da oralidade, do cuidado como fortalecimento da Comum Unidade. É também importante salientar que esse projeto visa a formação da comunidade escolar na rede pública de ensino, a partir da lei 10.639/03.

Os encontros dialógicos são um projeto de extensão da UFRGS, estando vinculado ao OKARAN (Grupo de Pesquisadores Kilombolas da UFRGS). No último ano, 2019, o objetivo dos encontros foi um movimento interno de aprofundamento de conteúdo para

no segundo semestre poderemos aprofundar a Pedagogia do Encantamento na UFRGS, visando uma ampliação no alcance de pessoas para trocas e construção de saberes e práticas em educação. Desta forma, considera-se a importância desses diálogos com a rede escolar e demais interessados na ampliação dos olhares sobre a educação, ressaltando a importância de falar sobre Educação Kilombola dentro da educação a partir dos olhares de um kilombo.

REFERÊNCIAS

Ipadês com as Yas e o Babá da Comunidade Kilombola Morada da Paz (2017)

Ipadês de Todos Nós da CoMPaz. (2017 – 2020).

Okaran- Grupo de Pesquisadores(as) Kilombolas – UFRGS. (2017 - 2020).

OJU AYIÊ: CONSTRUINDO SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL NA COMUNIDADE KILOMBOLA MORADA DA PAZ

Denise Freitas Dornelles - Yashodhan
Rogério Ferreira Teixeira - Baogan
Cláudia Rocha David - Yamoro
Manoela Dutra Ramos - Opa Tenonde

Kosi Ewe Kosi Orisá
(Sem folha não há orisá)
provérbio yorubano - África.

Nossa comunidade têm 5,5 hectares e está inserida na área rural de Triunfo/RS, região metropolitana de Porto Alegre/RS, distante 50 quilômetros da Capital do Estado, na bacia hidrográfica do Baixo Jacuí. Estamos em uma região de transição entre os biomas Mata Atlântica e Pampa. A monocultura de eucalipto é uma das principais atividades econômicas do entorno, impactando a terra e reduzindo o nível dos lençóis freáticos há algumas décadas. Na nossa localidade somos um dos poucos núcleos de resistência e cultivo agroecológico. Há 17 anos estamos na CoMPaz, promovendo um trabalho dedicado a recuperação da fertilidade da terra utilizando princípios da agroecologia e da

permacultura juntamente com os saberes tradicionais de nossos ancestrais e divindades.

Nosso Kilombo é o único no município de Triunfo. Esse sistema agroecológico que praticamos têm um componente agro-eco-espiritual, onde há uma presença das divindades do povo negro (Orishás), interagindo permanentemente, trazendo suas orientações. A Ciência da CoMPaz é a Ciência Boa, termo designado por nosso povo para referir essa integração com esse saber ancestral.

Trabalhamos na Comunidade Morada da Paz – CoMPaz com sistemas agroecológicos agroflorestais, construídos através de um zoneamento permacultural, onde realizamos o consórcio de culturas (verduras, legumes, frutíferas, grãos). Promovemos a semeadura e o cultivo de espécies de plantas medicinais e fitoterápicas em estufa, assim como coletamos frutos e plantas nativas existentes em nosso Território. Não existem lotes individuais. A terra é de uso comunitário e as roças são coletivas.

O plantio segue em sincronia com nosso Ciclonário (movimento de orientação com base nas fases da lua e na potência solar orientados por nossos Orisás e Divindades, sobretudo, as divindades que acreditamos serem as responsáveis pelo sistema agrícola e agroflorestal: Iroko- Nanã Buruke-Ewá-Ossaim) geralmente é feito entre os meses de fevereiro a novembro, após a preparação da terra, onde ela é virada manualmente e adubada. Entre os meses de novembro e fevereiro, realizamos a manutenção do sistema agroecológico agroflorestal, reduzindo o plantio. Momento em que zelamos cuidadosamente a terra com rezos e asés repousando sobre o solo cultivo de proteção, adubação natural (preparada com as folhas das árvores e cavas de valas preenchidas com o resíduo de orgânicos advindo da cozinha ovolactovegetariana comunitária). As épocas de poda, para as árvores frutíferas, são entre os meses de maio a agosto, observando as fases da lua seguido de ritual para Ewá e Ossaim (Divindades que intensificam o recolhimento cura-cuidado para a futura renovação que se dará nos próximos ciclos – setembro/outubro).

As principais culturas são: alface, couve, alho poró, cebolinha, salsa, rúcula, rabanete; Legumes, como: beterraba, cenoura, aipim, moranga, abóbora, berinjela,

pimentão. Quanto às frutas, destacamos as cítricas, como: laranja, limão, bergamota. Frutas nativas temos a banana-do-mato, andiroba, butiá, entre outras.

Conseguimos alcançar desde 2014, com o Projeto Oju Ayiê (cuidar da terra, em uma livre interpretação do idioma yorubá de África), um nível de produtividade que garante entorno de 60% de autonomia em relação à aquisição de verduras, legumes e frutas considerando a sua sazonalidade. Fomentamos consideravelmente o cultivo de ervas medicinais para chás, banhos, fluídos, pomadas caseiras. Isso nos estimula a prosseguir com as práticas agroecológicas a fim de aumentarmos esse percentual gradativamente. Assim reduzimos as compras externas e o que é excedente podemos comercializar junto às pessoas que frequentam a CoMPaz em nossas atividades.

As trocas acontecem em eventos na CoMPaz, onde oferecemos sacolas de produtos orgânicos para venda e em feiras que eventualmente participamos em outros locais. Aceitamos também encomendas de sacolas de produtos orgânicos e entregamos para as pessoas da cidade.

Sejam atos e não palavras teus ensinamentos (Mãe Preta – Yabá ancestral da comunidade Kilombola Morada da Paz).

O aprendizado agroecológico se dá no cotidiano, com a participação nas atividades, onde há a presença dos Oluwás (em uma livre interpretação do yorubá, anciões que têm a sabedoria ancestral para passar adiante) partilhando seus saberes com os mais jovens do Kilombo. Realizamos vivências e rituais onde essa integração intergeracional é potencializada. Os saberes são sistematizados, há momentos de estudo e troca entre os participantes e o público externo, que interagem em alguns momentos, como no Plantio Com Vida, que acontece sempre em setembro de cada ano, celebrando a chegada do equinócio da primavera e a Vivência Kilombola, que ocorre durante um dia, no mês de novembro e é uma atividade voltada às escolas da região, que vêm conhecer um pouco mais sobre o nosso jeito de ser e de viver e o manejo agroecológico Kilombola da CoMPaz.

As novas gerações estão integradas às atividades aprendendo e experimentando constantemente. Todas as crianças e jovens fazem um estágio com os Oluwás (guardiões

da sabedoria ancestral) da terra. Há oficinas de agroecologia para as crianças na Escola CoMKola Kilombola Epe Layiê, espaço educativo não-formal da CoMPaz, há 3 anos. Também se percebe pelas escolhas que alguns jovens do Kilombo fazem ao escolher seus estudos de ensino médio-graduação-e outros quando optam por cursos ligados ao zelo e cuidado com a natureza; com práticas alimentares bioenergéticas-vegetarianas. Quando possibilitam, participam e potencializam espaços de trocas de sementes crioulas, seminários entre comunidades Kilombolas e indígenas intergeracional sobre manejo e cultivo do solo – como o ocorrido este ano 2019 – organizado pela juventude Kilombola da Comunidade Morada da Paz, são indicadores de que há profundo interesse em se envolver e dar continuidade ao Sistema Agroecológico como uma marca de nosso Jeito de Ser e viver.

A divisão do trabalho se orienta pelo sistema de ciranda (principalmente entre os mais novos). Na ciranda não há distinção de gênero – é o espaço em que há a possibilidade de aprender o ciclo inteiro do processo no movimento de cirandar, e isto, é muito importante e necessário. A horta é de todos nós, e a origem deste nome se deu pelo movimento próprio em que todos nós precisamos conhecer os processos e saber como zelar e cuidar por cada etapa do mesmo. Para que melhor seja compreendido destacamos o cirandar do Clã da Terra, composto por 8 pessoas, (5 mulheres e 3 homens), que se envolve mais diretamente nas atividades agroecológicas, mesclando experiência e juventude. Há os Oluwás (1 mulher e 2 homens) que orientam o trabalho. Nesta ciranda há o revezamento de zelo-cuidado, mas todos se envolvem com o processo na sua integridade e totalidade.

O cirandar segue o fluxo do ciclonário do preparo da terra-ofertório aos orisás-escolha das culturas-manejo-acompanhamento-colheita-limpeza/organização-separação do excedente-troca/comercialização-partilha-feiras-preparo/transformação. As principais ameaças que enfrentamos para a manutenção do nosso Sistema Agroecológico Agroflorestal kilombola são o uso de agrotóxicos por parte dos vizinhos, que não respeitam a natureza, e muitas vezes somos impactados diretamente por suas ações na nossa terra, água e no ar da CoMPaz. E, por conta disso deixarmos de existir.

Nossa principal ameaça é nosso desaparecimento. É a Comunidade Kilombola deixar de existir!

As pessoas que frequentam nosso Território (cerca de 250-300 pessoas bimestralmente) são colocadas em contato com nosso Sistema Agroecológico Kilombola, uma vez que sempre que adentram o Kilombo são convidadas a realizarem uma das trilhas do território, e deste modo, são conduzidas intencionalmente a partilharem de nosso processo de zelo pela natureza, assim como são também convidadas ao colha e pague – momento em que um mais jovem ou Oluwá mostra como o alimento cultivado no kilombo chega a té a nossa a mesa e chega até a sacola ecológica que ela estará levando para a sua casa na cidade. O Plantio Com Vida, que é uma celebração que acontece desde 2012, em uma data no mês de setembro, geralmente dia 20, em reverência ao equinócio de primavera e o Clã Osúpa, que se reúne toda Lua Nova para o preparo de banhos, fluídos, pomadas, chás, unguentos com o uso de ervas fitoterápicas cultivadas no espaço Arakitembo de forma agroecológica na CoMPaz ofertando aos moradores(as) e às pessoas que vêm ao Território de Mãe Preta.

As verduras, frutas e legumes cultivados são utilizados para a preparação de pratos típicos da culinária afro-brasileira, constituintes da gastronomia ancestral sagrada do nosso Território, servidos em momentos de celebração, como no Terreiro de Chão Batido, evento que ocorre sempre no segundo sábado do mês de junho e invoca a força dos povos originários, kilombolas e indígenas.

O sistema agroecológico agroflorestal na CoMPaz contribui para que tenhamos um nível satisfatório de autonomia em relação às compras externas, além de possibilitar a alimentação com produtos de qualidade, cultivo de ervas fitoterápicas/medicinais sem agrotóxicos, fortalecendo a nossa saúde e nos trazendo soberania e segurança alimentar e nutricional.

O Projeto Oju Ayiê iniciou com a análise inicial do solo da CoMPaz por técnicos e estudantes que estavam integrados às ações. A partir daí definimos um roteiro de atividades incluindo principalmente: a construção do zoneamento permacultural do nosso Território, a implantação de um sistema agroflorestal agroecológico e estratégias

para a proteção das nascentes de água. Após a fase inicial em 2014, quando tivemos o apoio do Fundo Socioambiental CASA, prosseguimos as atividades, aprofundando a pesquisa e a aplicabilidade do que havíamos começado.

Construímos uma estufa para abrigar as culturas mais sensíveis ao frio e para a preparação de mudas de verduras em 2015. Investimos no aumento da captação da água da chuva para irrigação dos canteiros e também para não sobrecarregar as nascentes do Território com o consumo em 2016. Iniciamos também um trabalho de piscicultura em pequena escala, com a criação de carpas para auto-consumo em um açude integrado ao sistema agroflorestal agroecológico a partir de 2015 e 2016. Seguimos fazendo atividades de ensino-aprendizagem para estudantes de escolas e universidades da região. Hoje temos o envolvimento direto das sete famílias existentes no Kilombo, de 8 pessoas adultas, do total de 24 moradores(as), com o manejo agroecológico na CoMPaz, sendo 5 mulheres e 3 homens.

As crianças e jovens de 3 a 18 anos (16 pessoas no total) também estão integradas nas cirandas - práticas de zelo/cuidado/aprendizagem realizando vivências periódicas com os adultos que são responsáveis pelo Sistema Agroecológico Kilombola. O projeto Oju Ayiê contou com apoio do Fundo Socioambiental CASA , com o aporte de recursos financeiros (2014), a Rede Orientada ao Desenvolvimento em Agroecologia da UFRGS (Rede RODA), com apoio e capacitação técnica, bem como a Rede de Sistemas Agroecológicos Agroflorestais do Sul (Rede SAFAS). A participação nessas redes têm contribuído para o intercâmbio de saberes, fazeres e viveres que têm sido aplicados para o fortalecimento das nossas práticas agroecológicas internas. Tudo o que temos acesso em termos de novos saberes partilhamos com grupos e pessoas interessadas na temática que visitam a CoMPaz ou aqueles que participam de nossas palestras e encontros externos. Sobretudo, a participação da Comunidade Morada da Paz nas redes fortalece as ações do kilombo e estimulam os mais jovens a troca de experiências e aos mais velhos a comunhão, pois faz com que percebamos que não estamos sós.

Há um forte engajamento de todos e todas da CoMPaz no desenvolvimento das atividades, propondo e participando das oficinas e vivências realizadas. A integração

inter-geracional é muito importante, entre jovens e adultos. As mulheres dentro do nosso Território são maioria, imprimindo uma característica feminina de zelo e cuidado com a terra ao Projeto Oju Ayiê.

Algumas plantas são consideradas sagradas pelo nosso povo, elas são utilizadas nos nossos rituais (arruda, manjerição, guiné, alecrim, alevante, malva cheirosa, entre outras) e processos de cura tradicionais para o povo negro (benzeduras, rezos). O cultivo dessas plantas através do Projeto Oju Ayiê foi potencializado, com o desenvolvimento do Sistema Agroecológico Agroflorestal na CoMPaz e isso é muito importante para nós, porque a nossa relação com a terra está intimamente ligada às nossas práticas espirituais e às nossas divindades. Realizamos nossas orações para o plantio, irradiamos durante o desenvolvimento das plantas e agradecemos a terra quando da colheita, pois reconhecemos nela uma consciência que nutre a vida.

Há verduras que são utilizadas na nossa gastronomia ritualística, que a partir do Projeto Oju Ayiê também foi possível garantir que a sua procedência fosse da CoMPaz, sem necessidade de compras no mercado externo, porque conseguimos construir uma estufa, semear essas culturas e evitar a incidência do frio e da geada sobre plantas muito sensíveis, como a mostarda, utilizada na preparação de um prato sagrado para o ritual do Terreiro de Chão Batido, que faz parte da nossa agenda anual e ocorre no segundo sábado do Mês de Junho.

Temos também em nossa estufa o Baobá, árvore de origem africana, que é sagrada para o nosso povo, que só pôde ser plantada porque essa estufa construída a partir do Projeto Oju Ayiê possibilita a ela um micro-clima favorável ao seu crescimento, pois ela é de clima tropical. Assim esse Projeto contribuiu muito para a salvaguarda deste patrimônio cultural imaterial da CoMPaz que é a sua eco-espiritualidade.

Isso favorece a salvaguarda desses saberes, na medida em que potencializamos o cultivo de espécies que são importantes para a gastronomia e a medicina do nosso povo, para nossos rituais e celebrações. Assim mantemos viva a nossa memória e nossa cultura para que as gerações futuras continuem essa vivência ancestral profundamente conectada com as nossas divindades e os seres da terra.

A CoMPaz se beneficia economizando em compras externas, comercializando ou trocando excedentes, consumindo alimentos saudáveis, partilhando saberes e viveres e gradativamente melhorando seu nível de soberania e segurança alimentar e nutricional. Também conseguimos aumentar a quantidade de ervas medicinais utilizadas para o preparo de chás, pomadas, banhos e fluídos caseiros. E mantemos e sustentamos a morada de nossos Orisás e Divindades!

Esta prática agroecológica é uma prática exitosa de recuperação da terra aliando o uso de saberes agroecológicos ancestrais e contemporâneos. Há um know-how construído pela CoMPaz na sua área de agroecologia, que lhe coloca como uma referência na sua biorregião nesse tipo de manejo com a terra. Estamos constantemente aprendendo com o estudo e a aplicabilidade na nossa vivência agroecológica, em sintonia com as nossas divindades, qualificando nossa metodologia no cultivo de verduras, legumes, frutíferas e ervas medicinais, fortalecendo a eco-espiritualidade na CoMPaz. Impactamos na promoção do cultivo agroecológico com a experiência Kilombola na região, estimulamos a integração intergeracional nesta esfera de produção de riqueza; produzimos e partilhamos riqueza e sustentabilidade com os mais novos e o respeito aos mais velhos, assim como o zelo e cuidado com a terra que é morada de nossos orisás e divindades; também realizamos um trabalho pedagógico sobre a origem dos alimentos e os modos de plantio sustentável-ecológico-orgânico; assim refletimos que (plantar-cuidar-esperar-colher-partilhar) partilhar-colher-esperar-cuidar-plantar é um ato político e revolucionário e nós estamos fazendo isso aqui no Kilombo!

REFERÊNCIAS

Vivências na Comunidade Kilombola Morada da Paz 2003 a 2020 – Território de Mãe Preta – Vendinha/Triunfo-RS.

Ipádés Yás e Bábàs da CoMPaz: 2003 a 2020 – Território de Mãe Preta – Vendinha/Triunfo-RS

OȘÙPÁ: CLĂ DA LUA NOVA TRADIÇÃO E EKOESPIRITUALIDADE EM TERRITÓRIO DE MĂE PRETA

Denise Freitas Dornelles - Yashodhan

Rogério Ferreira Teixeira - Baogan

Claúdia Rocha David - Yamoro

Manoela Dutra Ramos - Opa Tenonde

Clă Oșùpá é um rito realizado por mulheres kilombolas de diferentes gerações: Yaôs - iniciadas na ritualística africanista, Yalossae - guardiã do Așé das ervas sagradas, que têm a permissão, a bênção e são preparadas em ritual próprio para cuidar e zelar das ervas medicinais da Comunidade Kilombola Morada da Paz e celebram a relação de respeito, reciprocidade e de complementaridade com a natureza. Estas mulheres são escolhidas pelo Conselho Sagrado de Yas e Baba, onde recebem a licença dos Orishás Ossae, Ewá, e Iroco para que suas mãos auxiliem no cuidado espiritual de todos os moradores do Kilombo de Mãe Preta da Nação Muzunguê, daquelas pessoas ligadas ao Kilombo e de quem mais necessitar.

O Clă Oșùpá realiza o ritual no quarto dia da Lua Nova, este dia foi escolhido pela potência de força que esta fase da lua exerce sobre as plantas, a terra e a água. Os encontros iniciam-se no turno da manhã e seguem no turno da tarde. O Clă inicia seu preparo no despertar: primeiro é feito caminho de oração até a ciranda da fogueira. No segundo momento são realizados os banhos de ervas - para limpeza e harmonização dos corpos físicos, emocionais e espirituais - e depois as mulheres vestem seus Axós e reúnem-se para ir ao templo da Nação Muzunguê aonde o rito é realizado.

O Oșùpá Clă do Rito da Lua Nova inicia seus ritos pedindo licença para as entidades das matas Ossae, Ewá e Iroko invocando a força ancestral através dos Orins (rezos sagrados dos Orishás). Logo após a abertura do rito as Yaôs e Yalossae vão em direção à Sala da Terapia, também conhecida como Sala Azul, que fica dentro do Templo da Nação Muzunguê. A Sala da Terapia é um espaço de refazimento dos corpos físico,

emocional e espiritual; da cura que vem do cosmos interior de cada ser na sua individualidade. Neste espaço são guardados os fitoterápicos preparados pelo Clã, e é, principalmente, um lugar de estudo e diálogo com as entidades espirituais que muito nos ensinam sobre o cuidado e compreensão destes corpos.

Estas entidades espirituais são por nós conhecidas como médicos do astral superior. Com frequência reafirmam que este rito só é possível porque: “homens e anjos caminham juntos”, ou melhor, mulheres caminhando juntas. Existe uma particularidade quando citamos mulheres, pois somos a maioria na Comunidade e somos, muitas vezes canais de manifestação destas entidades.

As Yaôs preparam a mesa do Clã com todos os elementos que a compõem: o ojá (toalha sagrada), o incenso, as xícaras, o bule, as bacias, a água, as ervas medicinais e outros elementos necessários no decorrer do preparo. Após a mesa posta as Yaôs e Yalossae apanham suas cestas de colheita e vão em direção ao espaço Arakitembo Ti Ossae (espaço de salvaguarda, plantio e colheita, cuidado e zelo com as ervas medicinais; e o respeito com o tempo do corpo com as bênçãos de Ossae).

A fase de colheita é sempre iniciada com o Orin *Kosi ewe, kosi Orishá* (Sem folha não tem Orishá). Este Orin é um rezo sagrado para o Orishá guardião das folhas. A escolha das ervas se dá após diálogo das Yaôs e Yalossae e, principalmente, no processo intuitivo de cada uma das mulheres, através do qual percebem o chamado das ervas que estão prontas e desejam ser colhidas. A propriedade medicinal da planta é um elemento muito importante, mas quando a maceração da erva inicia que se dá a manifestação mais potente deste movimento: a conexão das mãos das mulheres com o espírito das ervas. Nesta alquimia vão surgindo os elementos fitoterápicos: os banhos, os fluídos, as tinturas, as pomadas, os sabonetes, entre outros.

Os elementos alquimicamente transformados beneficiam todos os moradores e moradoras da Comunidade Kilombola Morada da Paz, Território de Mãe Preta – CoMPaz, da Nação Muzunguê. Alguns destes elementos compõe os ritos diários dos moradores. Cada Yaô, Ogan (homens guardiães do Território), O-madê (crianças), Odomode (jovens),

Yas e Baba, recebem seus fluídos em ritual de entrega com a participação dos O-madê, na partilha de saberes e fazeres ancestrais.

Estes benefícios também são ofertados a outras pessoas em eventos, vivências e ritos realizados ao longo do ano.

A experiência do Oşúpá Clã da Lua Nova vem demonstrando que todos devem compartilhar os saberes e fazeres ancestrais, guardados na memória dos povos que constituem nossas matrizes e na memória das plantas sagradas que habitam o nosso Território.

“Plante, cuide, regue, colha, distribua e aprenda a ofertar amor” nos ensina nossa Yabá Ancestral, Mestra Espiritual do Território, Mãe Preta. O ensinamento ofertado por nossa Yabá reverbera em nossas preces práticas e nutre o propósito de salvaguarda do patrimônio imaterial manifestado no jeito de ser e viver CoMPaz. Um exemplo disto é quando os O-madê, em suas andanças pelo Território reconhecem as ervas medicinais e brincam de preparar banhos e fluídos para os moradores. A partir disso é que o rito é realizado como prática pedagógica e ancestral na Escola Comkola Kilombola Epe Layè, espaço educativo não formal, situado dentro da Comunidade Kilombola Morada da Paz, destinado ao ensino dos O-madê e demais integrantes do Kilombo. Outro resultado que demonstra a importância do rito protagonizado por estas mulheres é a condição de vitalidade dos moradores sem a dependência de medicamentos alopáticos.

Outro resultado que se destaca é a preservação de espécies nativas e medicinais raras, fato que deu origem, em 2016, a um Calendário de árvores e espécies nativas raras, presentes em nosso território. A elaboração do calendário partiu do curso de biologia da UFRGS. As mulheres construíram uma cartilha das ervas medicinais cultivadas dentro do Território e já estão indo para a segunda edição.

Quem tem como práticas ancestrais o cultivo e o manejo das ervas medicinais, descobre a ciência que o Kilombo de Mãe Preta revela através da força feminina que acompanha as fases da lua no céu de seu próprio território. Vendo neste processo inúmeras possibilidades de compartilhamento, cuidado, acolhimento para todos os

seres. O encantamento e força do rito protagonizado por estas mulheres salvaguarda a vida e os saberes para as próximas gerações.

ATIVIDADES DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



Relatório Ação de Extensão

Nome: VALERIA DA CRUZ VIANA LABREA

Cartão UFRGS: 31550

Departamento/Unidade: Faculdade de Educação / Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Categoria Funcional: PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR

Título: [40810] - ENCONTROS DIALÓGICOS: EDUCAÇÃO DO CAMPO KILOMBOLA

Nível: PROJETO/ATIVIDADE

Modalidade: SEMINÁRIO, ENCONTRO, JORNADA, COLÓQUIO, FÓRUM E REUNIÃO

Órgão gestão institucional: Faculdade de Educação

Área Temática: EDUCAÇÃO

Linha de Extensão: Metodologias e Estratégias de Ensino/Aprendizagem

Linha Programática: --x--

Área Temática Secund.: EDUCAÇÃO

Linha de Extensão secund.: Desenvolvimento Rural e Questão Agrária

Linha Programática Secund.: --x--

Carga Horária Total: 48h

Página da Web: <https://www.facebook.com/groups/696815717120225/?ref=bookmarks>

Vinculado ao programa: [40343] - CARTOGRAFIAS DE MEMÓRIA SOCIAL, TECNOLOGIAS SOCIAIS E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Reoferecido de: [38011] - ENCONTROS DIALÓGICOS

Projeto de pesquisa vinculado: PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO: CARTOGRAFIA SUBJETIVA EM TERRITÓRIO FEMININO KILOMBOLA

Resumo

Os Encontros Dialógicos são espaços de compartilhamento de saberes para subsidiar uma Educação do Campo Kilombola e uma Pedagogia do Afeto que reflete o modo como os adultos se educam e educam as crianças e jovens no Kilombo Morada da Paz.

Descritores

Palavra-Chave 1:	educação do campo
Palavra-Chave 2:	educação quilombola
Palavra-Chave 3:	cultura afrobrasileira
Palavra-Chave 4:	território
Palavra-Chave 5:	decolonialismo

Objetivo geral

Subsidiar, a partir da troca de saberes em rodas de conversa, a organização de uma Escola ComKola Kilombola "Epé Layié" orientada para uma Educação do Campo Kilombola e para a Pedagogia do Encantamento.

Objetivo específico

Organizar rodas de conversa na FACDD/UFRGS e na Comunidade Kilombola Morada da Paz em Triunfo para troca de saberes, tecnologias e experiências sociais entre educadores quilombolas, universidade e rede pública de ensino para subsidiar uma proposta de Educação do Campo Kilombola a partir da Pedagogia do Encantamento, desenvolvida no Território.

Público alvo

Comunidade Kilombola Morada da Paz; Educandos e educandas do curso de Licenciatura em Educação do Campo; Educandos e educandas da UFRGS; Professores da rede pública de ensino; sociedade em geral.

Relevância

Ao propormos os Encontros Dialógicos buscamos ampliar a espacialidade do conhecimento, articulando a universidade e uma comunidade kilombola para subsidiar a organização de uma escola kilombola pautada nos princípios metodológicos da Educação do Campo articulados à Educação Quilombola e à metodologia de ensino desenvolvida na Comunidade que denominamos Pedagogia do Encantamento.

Desenvolvimento

A proposta para 2019 é realizar os Encontros Dialógicos na FACED, na Comunidade Kilombola Morada da Paz e em outras comunidades parceiras, a fim de ampliar o público dos seminários temáticos e assim dialogar com mais pessoas.

Os encontros foram realizados, como planejados, com a participação dos moradores da Comunidade, parceiros do MST, convidados e estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Procedimentos

Tipo:	Planejamento
Título ou Identificação:	Reunião de Planejamento
Data:	19/08/2019 até 16/12/2019
Horário:	14:00 às 18:00
C.H. Prevista:	20 h
C.H. Executada:	20 h
Local:	Sala 1006 FACED
Observação:	Reunião de planejamento com o Coletivo OKARAN nos dias 19/08; 16/09; 21/10; 18/11; 16/12.

Tipo:	Realização
Título ou Identificação:	Encontro Dialógico OJU AYIÉ: cuidando a terra e vivenciando a territorialidade kilombola
Data:	19/09/2019 até 19/09/2019
Horário:	14:00 às 18:00
C.H. Prevista:	4 h
C.H. Executada:	4 h
Local:	FACED/UFRGS

Tipo:	Realização
Título ou Identificação:	Encontro Dialógico sobre o conceito de biodiversidade

Data: 22/09/2019 até 22/09/2019
Horário: 14:00 às 18:00
C.H. Prevista: 4 h
C.H. Executada: 4 h
Local: Assentamento de Reforma Agrária do MST Viamão

Tipo: Realização
Título ou Identificação: Vivência Plantio CoMvida
Data: 20/09/2019 até 20/09/2019
Horário: 09:00 às 17:00
C.H. Prevista: 8 h
C.H. Executada: 8 h
Local: Comunidade Morada da Paz

Tipo: Realização
Título ou Identificação: A cosmovisão afrobudígena do kilombo: um jeito de ser e viver CoMPaz
Data: 22/10/2019 até 22/10/2019
Horário: 14:00 às 18:00
C.H. Prevista: 4 h
C.H. Executada: 4 h
Local: FACED/UFRGS

Tipo: Realização
Título ou Identificação: Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no kilombo de Mãe Preta
Data: 11/11/2019 até 11/11/2019
Horário: 14:00 às 18:00
C.H. Prevista: 4 h
C.H. Executada: 4 h
Local: Comunidade Kilombola Morada da Paz

Tipo: Realização
Título ou Identificação: A pedagogia do encantamento da Epé Layié Escola Comkola Kilombola
Data: 20/11/2019 até 20/11/2019
Horário: 14:00 às 18:00
C.H. Prevista: 4 h
C.H. Executada: 4 h
Local: FACED/UFRGS

Equipe de Trabalho

VALERIA DA CRUZ VIANA LABREA	
Vínculo: Docente	Exercício: Faculdade de Educação
Coordenador(a) Geral	Não remunerado
Outras participações	
Vínculo: Docente	Exercício:
Ministrante	Não remunerado
Carga horária prevista: 16	Carga horária exec.:44
Participação nos procedimentos	
19/08/2019 a 16/12/2019 - Reunião de Planejamento	Carga horária prevista: Carga horária exec.:20
19/09/2019 a 19/09/2019 - Encontro Dialógico OJU AYIÉ: cuidando a terra e vivenciando a territorialidade kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
22/09/2019 a 22/09/2019 - Encontro Dialógico sobre o conceito de biodiversidade	Carga horária prevista: Carga horária exec.:4
20/09/2019 a 20/09/2019 - Vivência Plantio CoMVida	Carga horária prevista: Carga horária exec.:4
22/10/2019 a 22/10/2019 - A cosmovisão afrobudígena do kilombo: um jeito de ser e viver CoMPaz	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
11/11/2019 a 11/11/2019 - Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no kilombo de Mãe Preta	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/11/2019 a 20/11/2019 - A pedagogia do encantamento da Epé Layié Escola Comkola Kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
ANDRÉIA NUNES SANTANA	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Monitor(a)	Não remunerado
Carga horária prevista: 16	Carga horária exec.:16
Participação nos procedimentos	
19/09/2019 a 19/09/2019 - Encontro Dialógico OJU AYIÉ: cuidando a terra e vivenciando a territorialidade kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
22/10/2019 a 22/10/2019 - A cosmovisão afrobudígena do kilombo: um jeito de ser e viver CoMPaz	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
11/11/2019 a 11/11/2019 - Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no kilombo de Mãe Preta	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/11/2019 a 20/11/2019 - A pedagogia do encantamento da Epé Layié Escola Comkola Kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Participante	Não remunerado
Carga horária prevista: 28	Carga horária exec.:28
Participação nos procedimentos	
19/09/2019 a 19/09/2019 - Encontro Dialógico OJU AYIÉ: cuidando a terra e vivenciando a territorialidade kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
22/09/2019 a 22/09/2019 - Encontro Dialógico sobre o conceito de biodiversidade	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/09/2019 a 20/09/2019 - Vivência Plantio CoMVida	Carga horária prevista: 8 Carga horária exec.:8
22/10/2019 a 22/10/2019 - A cosmovisão afrobudígena do kilombo: um jeito de ser e viver CoMPaz	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4

11/11/2019 a 11/11/2019 - Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no kilombo de Mãe Preta	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/11/2019 a 20/11/2019 - A pedagogia do encantamento da Epé Layié Escola Comkola Kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
BÁRBARA FERNANDES GONÇALVES	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Ministrante	Não remunerado
Carga horária prevista: 48	Carga horária exec.:44
Participação nos procedimentos	
19/08/2019 a 16/12/2019 - Reunião de Planejamento	Carga horária prevista: 20 Carga horária exec.:20
19/09/2019 a 19/09/2019 - Encontro Dialógico OJU AYIÉ: cuidando a terra e vivenciando a territorialidade kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
22/09/2019 a 22/09/2019 - Encontro Dialógico sobre o conceito de biodiversidade	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/09/2019 a 20/09/2019 - Vivência Plantio CoMVida	Carga horária prevista: 8 Carga horária exec.:4
22/10/2019 a 22/10/2019 - A cosmovisão afrobudígena do kilombo: um jeito de ser e viver CoMPaz	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
11/11/2019 a 11/11/2019 - Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no kilombo de Mãe Preta	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/11/2019 a 20/11/2019 - A pedagogia do encantamento da Epé Layié Escola Comkola Kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
CLÁUDIA ROCHA DAVID	
Vínculo: Aluno de graduação (CIÊNCIAS SOCIAIS)	Exercício:
Ministrante	Não remunerado
Carga horária prevista: 48	Carga horária exec.:44
Participação nos procedimentos	
19/08/2019 a 16/12/2019 - Reunião de Planejamento	Carga horária prevista: 20 Carga horária exec.:20
19/09/2019 a 19/09/2019 - Encontro Dialógico OJU AYIÉ: cuidando a terra e vivenciando a territorialidade kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
22/09/2019 a 22/09/2019 - Encontro Dialógico sobre o conceito de biodiversidade	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/09/2019 a 20/09/2019 - Vivência Plantio CoMVida	Carga horária prevista: 8 Carga horária exec.:4
22/10/2019 a 22/10/2019 - A cosmovisão afrobudígena do kilombo: um jeito de ser e viver CoMPaz	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
11/11/2019 a 11/11/2019 - Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no kilombo de Mãe Preta	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/11/2019 a 20/11/2019 - A pedagogia do encantamento da Epé Layié Escola Comkola Kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
DAISY REGINA DE SOUZA REIS	
Vínculo: Aluno de mestrado acadêmico (EDUCAÇÃO)	Exercício:
Apoio Pedagógico	Não remunerado
Carga horária prevista: 16	Carga horária exec.:8
Participação nos procedimentos	

19/09/2019 a 19/09/2019 - Encontro Dialógico OJU AYIÉ: cuidando a terra e vivenciando a territorialidade kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
22/10/2019 a 22/10/2019 - A cosmovisão afrobudígena do kilombo: um jeito de ser e viver CoMPaz	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
11/11/2019 a 11/11/2019 - Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no kilombo de Mãe Preta	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:0
20/11/2019 a 20/11/2019 - A pedagogia do encantamento da Epé Layié Escola Comkola Kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:0
Vínculo: Aluno de mestrado acadêmico (EDUCAÇÃO)	Exercício:
Participante	Não remunerado
Carga horária prevista: 12	Carga horária exec.:12
Participação nos procedimentos	
19/09/2019 a 19/09/2019 - Encontro Dialógico OJU AYIÉ: cuidando a terra e vivenciando a territorialidade kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
11/11/2019 a 11/11/2019 - Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no kilombo de Mãe Preta	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/11/2019 a 20/11/2019 - A pedagogia do encantamento da Epé Layié Escola Comkola Kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
DENISE FREITAS DORNELLES	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Ministrante	Não remunerado
Carga horária prevista: 48	Carga horária exec.:44
Participação nos procedimentos	
19/08/2019 a 16/12/2019 - Reunião de Planejamento	Carga horária prevista: 20 Carga horária exec.:20
19/09/2019 a 19/09/2019 - Encontro Dialógico OJU AYIÉ: cuidando a terra e vivenciando a territorialidade kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
22/09/2019 a 22/09/2019 - Encontro Dialógico sobre o conceito de biodiversidade	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/09/2019 a 20/09/2019 - Vivência Plantio CoMVida	Carga horária prevista: 8 Carga horária exec.:4
22/10/2019 a 22/10/2019 - A cosmovisão afrobudígena do kilombo: um jeito de ser e viver CoMPaz	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
11/11/2019 a 11/11/2019 - Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no kilombo de Mãe Preta	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/11/2019 a 20/11/2019 - A pedagogia do encantamento da Epé Layié Escola Comkola Kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
FLORA BERENICE LOPES SANT ANNA	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Ministrante	Não remunerado
Carga horária prevista: 16	Carga horária exec.:16
Participação nos procedimentos	
19/09/2019 a 19/09/2019 - Encontro Dialógico OJU AYIÉ: cuidando a terra e vivenciando a territorialidade kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
22/10/2019 a 22/10/2019 - A cosmovisão afrobudígena do kilombo: um jeito de ser e viver CoMPaz	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
11/11/2019 a 11/11/2019 - Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no kilombo de Mãe Preta	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4

20/11/2019 a 20/11/2019 - A pedagogia do encantamento da Epé Layié Escola Comkola Kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Participante	Não remunerado
Carga horária prevista: 28	Carga horária exec.:28
Participação nos procedimentos	
19/09/2019 a 19/09/2019 - Encontro Dialógico OJU AYIÉ: cuidando a terra e vivenciando a territorialidade kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
22/09/2019 a 22/09/2019 - Encontro Dialógico sobre o conceito de biodiversidade	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/09/2019 a 20/09/2019 - Vivência Plantio CoMVida	Carga horária prevista: 8 Carga horária exec.:8
22/10/2019 a 22/10/2019 - A cosmovisão afrobudígena do kilombo: um jeito de ser e viver CoMPaz	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
11/11/2019 a 11/11/2019 - Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no kilombo de Mãe Preta	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/11/2019 a 20/11/2019 - A pedagogia do encantamento da Epé Layié Escola Comkola Kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
Maira da Silva Madrid	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Ministrante	Não remunerado
Carga horária prevista: 16	Carga horária exec.:16
Participação nos procedimentos	
19/09/2019 a 19/09/2019 - Encontro Dialógico OJU AYIÉ: cuidando a terra e vivenciando a territorialidade kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
22/10/2019 a 22/10/2019 - A cosmovisão afrobudígena do kilombo: um jeito de ser e viver CoMPaz	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
11/11/2019 a 11/11/2019 - Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no kilombo de Mãe Preta	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/11/2019 a 20/11/2019 - A pedagogia do encantamento da Epé Layié Escola Comkola Kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Participante	Não remunerado
Carga horária prevista: 28	Carga horária exec.:28
Participação nos procedimentos	
19/09/2019 a 19/09/2019 - Encontro Dialógico OJU AYIÉ: cuidando a terra e vivenciando a territorialidade kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
22/09/2019 a 22/09/2019 - Encontro Dialógico sobre o conceito de biodiversidade	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/09/2019 a 20/09/2019 - Vivência Plantio CoMVida	Carga horária prevista: 8 Carga horária exec.:8
22/10/2019 a 22/10/2019 - A cosmovisão afrobudígena do kilombo: um jeito de ser e viver CoMPaz	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
11/11/2019 a 11/11/2019 - Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no kilombo de Mãe Preta	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/11/2019 a 20/11/2019 - A pedagogia do encantamento da Epé Layié Escola Comkola Kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
MARIA DA CONCEIÇÃO DO MONTE SOARES	

Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Ministrante	Não remunerado
Carga horária prevista: 16	Carga horária exec.:16
Participação nos procedimentos	
19/09/2019 a 19/09/2019 - Encontro Dialógico OJU AYIÉ: cuidando a terra e vivenciando a territorialidade kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
22/10/2019 a 22/10/2019 - A cosmovisão afrobudígena do kilombo: um jeito de ser e viver CoMPaz	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
11/11/2019 a 11/11/2019 - Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no kilombo de Mãe Preta	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/11/2019 a 20/11/2019 - A pedagogia do encantamento da Epé Layié Escola Comkola Kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Participante	Não remunerado
Carga horária prevista: 28	Carga horária exec.:28
Participação nos procedimentos	
19/09/2019 a 19/09/2019 - Encontro Dialógico OJU AYIÉ: cuidando a terra e vivenciando a territorialidade kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
22/09/2019 a 22/09/2019 - Encontro Dialógico sobre o conceito de biodiversidade	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/09/2019 a 20/09/2019 - Vivência Plantio CoMVida	Carga horária prevista: 8 Carga horária exec.:8
22/10/2019 a 22/10/2019 - A cosmovisão afrobudígena do kilombo: um jeito de ser e viver CoMPaz	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
11/11/2019 a 11/11/2019 - Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no kilombo de Mãe Preta	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/11/2019 a 20/11/2019 - A pedagogia do encantamento da Epé Layié Escola Comkola Kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
PAOLA GARCIA RIBEIRO	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Ministrante	Não remunerado
Carga horária prevista: 16	Carga horária exec.:16
Participação nos procedimentos	
19/09/2019 a 19/09/2019 - Encontro Dialógico OJU AYIÉ: cuidando a terra e vivenciando a territorialidade kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
22/10/2019 a 22/10/2019 - A cosmovisão afrobudígena do kilombo: um jeito de ser e viver CoMPaz	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
11/11/2019 a 11/11/2019 - Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no kilombo de Mãe Preta	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/11/2019 a 20/11/2019 - A pedagogia do encantamento da Epé Layié Escola Comkola Kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Participante	Não remunerado
Carga horária prevista: 28	Carga horária exec.:28
Participação nos procedimentos	
19/09/2019 a 19/09/2019 - Encontro Dialógico OJU AYIÉ: cuidando a terra e vivenciando a territorialidade kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
22/09/2019 a 22/09/2019 - Encontro Dialógico sobre o conceito de biodiversidade	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4

20/09/2019 a 20/09/2019 - Vivência Plantio CoMVida	Carga horária prevista: 8 Carga horária exec.:8
22/10/2019 a 22/10/2019 - A cosmovisão afrobudígena do kilombo: um jeito de ser e viver CoMPaz	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
11/11/2019 a 11/11/2019 - Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no kilombo de Mãe Preta	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/11/2019 a 20/11/2019 - A pedagogia do encantamento da Epé Layié Escola Comkola Kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
PEDRO EDUARDO KIEKOW	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Ministrante	Não remunerado
Carga horária prevista: 48	Carga horária exec.:28
Participação nos procedimentos	
19/08/2019 a 16/12/2019 - Reunião de Planejamento	Carga horária prevista: 20 Carga horária exec.:4
19/09/2019 a 19/09/2019 - Encontro Dialógico OJU AYIÉ: cuidando a terra e vivenciando a territorialidade kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
22/09/2019 a 22/09/2019 - Encontro Dialógico sobre o conceito de biodiversidade	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/09/2019 a 20/09/2019 - Vivência Plantio CoMVida	Carga horária prevista: 8 Carga horária exec.:4
22/10/2019 a 22/10/2019 - A cosmovisão afrobudígena do kilombo: um jeito de ser e viver CoMPaz	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
11/11/2019 a 11/11/2019 - Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no kilombo de Mãe Preta	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
20/11/2019 a 20/11/2019 - A pedagogia do encantamento da Epé Layié Escola Comkola Kilombola	Carga horária prevista: 4 Carga horária exec.:4
Bolsas	
Participantes	
Número de participantes cadastrados: 9	

Parceiros Externos	
Nome :INSTITUTO COMPAZ	
Participação	:Co-executor
Instrumento	:Acordo
Previsão de Receitas	
Nenhum Ítem cadastrado!!	

Previsão de Despesas	
Nenhuma Despesa cadastrada !!	

Universidade, de diversas áreas de atuação. Os encontro dialógicos proporcionaram uma reflexão crítica sobre a educação a a partir da visão da Educacao do Kilombo e da Educação do Campo, com ênfase na sua Pedagogia do Encantamento, questões étnico-racias, espiritualidade e territórios de resistência. Foi um rico processo de desconstrução e construção de saberes a partir do jeito de ser e viver do Kilombolo, sustentantado pela sua espiritualidade. Desta forma, esse movimento auxiliou no fortalecimento do processo de regularização da Escola Comkola Kilombola Epé Láyiê a partir da ampliação da rede de apoiadores. Para o próximo ano temos a proposta de levar essas rodas de diálogos para as escolas, alçando mais educadores e profissionais da rede escolar.



Relatório Ação de Extensão

Nome: VALERIA DA CRUZ VIANA LABREA

Cartão UFRGS: 31550

Departamento/Unidade: Faculdade de Educação / Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Categoria Funcional: PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR

Título: [38808] - AULA ABERTA: O KILOMBO E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE PRÁTICAS E SABERES TRADICIONAIS

Nível: PROJETO/ATIVIDADE

Modalidade: OFICINA, AULA-ESPETÁCULO, CAPACITAÇÃO, ATIVIDADES FÍSICAS E ESPORTIVAS

**Órgão
gestão
institucional** Faculdade de Educação

**Área
Temática:** EDUCAÇÃO

**Linha de
Extensão:** Organizações da Sociedade e Movimentos Sociais e Populares

**Linha
Programática:** --x--

**Área
Temática
Secund.:** CULTURA

**Linha de
Extensão
secund.:** Organizações da Sociedade e Movimentos Sociais e Populares

**Linha
Programática
a Secund.:** --x--

Carga**Horária** 45h**Total:****Página da Web:** https://www.facebook.com/coletivodecantantesebrincantes/?modal=admin_todo_tour**Projeto de pesquisa vinculado:** PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO: CARTOGRAFIA SUBJETIVA EM TERRITÓRIO FEMININO KILOBOLA**Resumo**

Aula aberta organizada pelo Coletivo de Pesquisadores e pesquisadoras kilombolas OKARAN e o Coletivo de Cantantes e Brincantes É do Campo! sobre a produção de conhecimentos sobre as práticas e saberes tradicionais.

Descritores

Palavra-Chave 1:	educação do campo kilombola
Palavra-Chave 2:	cultura
Palavra-Chave 3:	música
Palavra-Chave 4:	povos e comunidades tradicionais
Palavra-Chave 5:	cartografia

Objetivo geral

Discutir e divulgar no dia da Consciência Negra a produção de conhecimento de dois coletivos de pesquisadores sobre as práticas e os saberes tradicionais.

Objetivo específico

Apresentar e debater sobre a Pedagogia do Encantamento que está sendo desenvolvida na comunidade kilombola Morada da Paz; Apresentar e debater sobre a Economia do Afeto que sustenta as estratégias de sustentabilidade da comunidade kilombola Morada da Paz; Apresentar a pesquisa Rezo que vira Canto, Canto que vira Rezo para a comunidade da UFRGS.

Público alvo

Comunidade Kilombola Morada da Paz; Educandos e educandas do curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza; Educandos e educandas da UFRGS; sociedade em geral.

Relevância

Ao propormos uma aula aberta no dia da Consciência Negra na qual vamos apresentar os primeiros resultados da pesquisa PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO: CARTOGRAFIA SUBJETIVA EM TERRITÓRIO FEMININO KILOMBOLA queremos dar visibilidade ao conhecimento produzido por quilombolas sobre o quilombo. Ao ampliar a espacialidade do aprendizado entendemos que esse território possui uma identidade com sua história, valores e simbologias que permite que os sujeitos que ali vivem desenvolvam estratégias relevantes do ponto de vista cognitivo para superar suas dificuldades e garantir sua sustentabilidade, a partir de experiências e tecnologias sociais locais e enraizadas, conectadas em redes de relações. Igualmente produzem e sistematizam uma série de conhecimentos a fim de conhecer, preservar e divulgar sua cultura e essa metodologia, ainda em desenvolvimento, tem sua especificidade e queremos, com a aula aberta, inseri-la em discussões mais densas com a comunidade acadêmica.

Desenvolvimento

Planejamento da atividade: 27/09 a 19/10 - organização da apresentação cultural com a presença dos tambores femininos da Morada da Paz, apresentação do Coletivo É do Campo junto com o Coletivo de Maracatu Semente de Baobá; Aula-aberta.

Procedimentos

Tipo: Planejamento

Título ou Identificação: Reuniões de Planejamento

Data: 27/09/2018 até 14/11/2018

Horário: 14:00 às 18:00

C.H. Prevista: 32 h

C.H. Executada: 32 h

Local: FACED - UFRGS

Observação: As reuniões de planejamento do evento, envolvem também os ensaios dos Cantantes neste período, bem como atividades no quilombo.

Tipo: Realização

Título ou Identificação: Aula aberta: O quilombo e a produção de conhecimento sobre práticas e saberes tradicionais

Data: 20/11/2018 até 20/11/2018

Horário: 09:00 às 14:00

C.H. Prevista: 5 h

C.H. Executada: 5 h

Local: FACED - UFRGS

Tipo:	Relatórios - Elaboração
Título ou Identificação:	Relatório
Data:	21/11/2018 até 12/12/2018
Horário:	14:00 às 16:00
C.H. Prevista:	8 h
C.H. Executada:	8 h
Local:	FACED - UFRGS

Equipe de Trabalho	
VALERIA DA CRUZ VIANA LABREA	
Vínculo: Docente	Exercício: Comissão de Graduação de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza - Porto Alegre
Coordenador(a) Geral	Não remunerado
Outras participações	
Vínculo: Docente	Exercício: Comissão de Graduação de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza - Porto Alegre
Ministrante	Não remunerado
Carga horária prevista: 45	Carga horária exec.:45
Participação nos procedimentos	
27/09/2018 a 14/11/2018 - Reuniões de Planejamento	Carga horária prevista: 32 Carga horária exec.:32
20/11/2018 a 20/11/2018 - Aula aberta: O kilombo e a produção de conhecimento sobre práticas e saberes tradicionais	Carga horária prevista: 5 Carga horária exec.:5
21/11/2018 a 12/12/2018 - Relatório	Carga horária prevista: 8 Carga horária exec.:8
BÁRBARA FERNANDES GONÇALVES	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Pedagógico com contato aluno/público	Não remunerado
Carga horária prevista: 45	Carga horária exec.:45
Participação nos procedimentos	
27/09/2018 a 14/11/2018 - Reuniões de Planejamento	Carga horária prevista: 32 Carga horária exec.:32
20/11/2018 a 20/11/2018 - Aula aberta: O kilombo e a produção de conhecimento sobre práticas e saberes tradicionais	Carga horária prevista: 5 Carga horária exec.:5
21/11/2018 a 12/12/2018 - Relatório	Carga horária prevista: 8 Carga horária exec.:8
BÁRBARA RYLLARY FORTES RIBEIRO	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:

Apoio Pedagógico	Não remunerado
Carga horária prevista: 45	Carga horária exec.:45
Participação nos procedimentos	
27/09/2018 a 14/11/2018 - Reuniões de Planejamento	Carga horária prevista: 32 Carga horária exec.:32
20/11/2018 a 20/11/2018 - Aula aberta: O kilombo e a produção de conhecimento sobre práticas e saberes tradicionais	Carga horária prevista: 5 Carga horária exec.:5
21/11/2018 a 12/12/2018 - Relatório	Carga horária prevista: 8 Carga horária exec.:8
CLÁUDIA ROCHA DAVID	
Vínculo: Aluno de graduação (CIÊNCIAS SOCIAIS)	Exercício:
Debatedor(a)	Não remunerado
Carga horária prevista: 45	Carga horária exec.:45
Participação nos procedimentos	
27/09/2018 a 14/11/2018 - Reuniões de Planejamento	Carga horária prevista: 32 Carga horária exec.:32
20/11/2018 a 20/11/2018 - Aula aberta: O kilombo e a produção de conhecimento sobre práticas e saberes tradicionais	Carga horária prevista: 5 Carga horária exec.:5
21/11/2018 a 12/12/2018 - Relatório	Carga horária prevista: 8 Carga horária exec.:8
DAISY REGINA DE SOUZA REIS	
Vínculo: Aluno de mestrado acadêmico (EDUCAÇÃO)	Exercício:
Apoio Pedagógico com contato aluno/público	Não remunerado
Carga horária prevista: 45	Carga horária exec.:45
Participação nos procedimentos	
27/09/2018 a 14/11/2018 - Reuniões de Planejamento	Carga horária prevista: 32 Carga horária exec.:32
20/11/2018 a 20/11/2018 - Aula aberta: O kilombo e a produção de conhecimento sobre práticas e saberes tradicionais	Carga horária prevista: 5 Carga horária exec.:5
21/11/2018 a 12/12/2018 - Relatório	Carga horária prevista: 8 Carga horária exec.:8
DENISE FREITAS DORNELLES	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Moderador(a)	Não remunerado
Carga horária prevista: 37	Carga horária exec.:45
Participação nos procedimentos	
27/09/2018 a 14/11/2018 - Reuniões de Planejamento	Carga horária prevista: 32 Carga horária exec.:32
20/11/2018 a 20/11/2018 - Aula aberta: O kilombo e a produção de conhecimento sobre práticas e saberes tradicionais	Carga horária prevista: 5 Carga horária exec.:5
21/11/2018 a 12/12/2018 - Relatório	Carga horária prevista: Carga horária exec.:8

MARIA DA CONCEIÇÃO DO MONTE SOARES	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Pedagógico com contato aluno/público	Não remunerado
Carga horária prevista: 37	Carga horária exec.:45
Participação nos procedimentos	
27/09/2018 a 14/11/2018 - Reuniões de Planejamento	Carga horária prevista: 32 Carga horária exec.:32
20/11/2018 a 20/11/2018 - Aula aberta: O quilombo e a produção de conhecimento sobre práticas e saberes tradicionais	Carga horária prevista: 5 Carga horária exec.:5
21/11/2018 a 12/12/2018 - Relatório	Carga horária prevista: Carga horária exec.:8
PAOLA GARCIA RIBEIRO	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Pedagógico com contato aluno/público	Não remunerado
Carga horária prevista: 37	Carga horária exec.:45
Participação nos procedimentos	
27/09/2018 a 14/11/2018 - Reuniões de Planejamento	Carga horária prevista: 32 Carga horária exec.:32
20/11/2018 a 20/11/2018 - Aula aberta: O quilombo e a produção de conhecimento sobre práticas e saberes tradicionais	Carga horária prevista: 5 Carga horária exec.:5
21/11/2018 a 12/12/2018 - Relatório	Carga horária prevista: Carga horária exec.:8
PEDRO EDUARDO KIEKOW	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Técnico	Não remunerado
Carga horária prevista: 37	Carga horária exec.:45
Participação nos procedimentos	
27/09/2018 a 14/11/2018 - Reuniões de Planejamento	Carga horária prevista: 32 Carga horária exec.:32
20/11/2018 a 20/11/2018 - Aula aberta: O quilombo e a produção de conhecimento sobre práticas e saberes tradicionais	Carga horária prevista: 5 Carga horária exec.:5
21/11/2018 a 12/12/2018 - Relatório	Carga horária prevista: Carga horária exec.:8
Bolsas	
Participantes	
Número de participantes cadastrados: 28	

Parceiros Externos
Nenhum Órgão Cadastrado!!

Previsão de Receitas

Nenhum Ítem cadastrado!!

Previsão de Despesas

Nenhuma Despesa cadastrada !!

Administração Financeira**Valor Receita Executado :** 0,00 Reais**Valor Despesa Executado :** 0,00 Reais**Saldo :** 0,00 Reais**Orgão :** Não Informado**Tipo :** Não Informada**Destinação do Saldo :** Conta Única da UFRGS / Unidade**Classificação Financeira :** Não Informada**Previsão de Receitas PROEXT**

Nenhum Ítem cadastrado!!

Previsão de Despesas PROEXT

Nenhuma Despesa cadastrada !!

Avaliação Final

Acreditamos que essa nova edição da Aula Aberta em comemoração do Dia da Consciência Negra é importante porque dá visibilidade aos negros e negras que estudam na UFRGS. Além disso, como trazemos povos tradicionais, quilombolas e indígenas de outros lugares do país, com suas experiências, estratégias de luta e sustentabilidade e desafios, ampliamos a espacialidade do conhecimento e fortalecemos redes de pertença. Avaliamos que para 2019 o desafio será manter uma atividade para comemorar o Novembro Negro na FACED e levar essa Aula para o Kilombo Morada da Paz e, se conseguirmos recursos, para outras localidades.

Indicadores para avaliação dos futuros resultados

1. Rodas de conversa para planejamento coletivo realizadas - comprovação por lista de presenças e ata descrevendo a pauta tratada. 2. Aulas abertas - comprovação por lista de presença e memória educativa descrevendo os temas abordados.

1 e 2- A Aula Aberta foi realizada e teve participação de professores e discentes do curso de Licenciatura em Educação do Campo e da comunidade FACED (estudantes de pedagogia e outras licenciaturas). Como ela foi realizada no pátio da FACED teve um público flutuante bem expressivo e deu visibilidade às atividades que os dois coletivos desenvolvem junto com povos do campo. Os nomes dos participantes serão inseridos no item Participantes deste relatório.

Comentários

A Aula Aberta foi realizada no dia 06/12/2018, em função de no dia 20/11 a FACED estar fechada em luto por uma colega que faleceu. Assim, a Roda de Conversa "O KILOMBO E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE PRÁTICAS E SABERES TRADICIONAIS" aconteceu em dezembro no pátio da FACED. Participantes: Catarina Ribeiro do Ponto de Cultura A Bruxa tá Solta de Roraima; Wakay, liderança Kariri-Xocó Funio de Alagoas; Viviane Macedo e Radha Gokula, ecomucisista da Bahia; Vivia Cardoso, liderança do Kilombo Abacatal Ananindeua do Pará; Paula de Danda, liderança Kilombo de Danda da Bahia; Jamires dos Anjos, jovem liderança do Kilombo de Danda da Bahia; Aurilene, coordenadora do Centro Alternativo de Cultura de Belém do Pará, junto com o Coletivo de Pesquisadores e pesquisadoras kilombola OKARAN: Yashodhan, BaoGan, Yamoro, Opá Tenonde, Folaiyan, Pedro Eduardo Kiekow, Valéria Viana Labrea e o Coletivo de Cantantes e Brincantes É do Campo.



Relatório Ação de Extensão

Nome: VALERIA DA CRUZ VIANA LABREA

Cartão UFRGS: 31550

Departamento/Unidade: Faculdade de Educação / Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Categoria Funcional: PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR

Título: [38011] - ENCONTROS DIALÓGICOS

Nível: PROJETO/ATIVIDADE

Modalidade: SEMINÁRIO, ENCONTRO, JORNADA, COLÓQUIO, FÓRUM E REUNIÃO

Órgão gestão institucional: Faculdade de Educação

Área Temática: EDUCAÇÃO

Linha de Extensão: Metodologias e Estratégias de Ensino/Aprendizagem

Linha Programática: --X--

Área Temática Secund.: EDUCAÇÃO

Linha de Extensão secund.: Organizações da Sociedade e Movimentos Sociais e Populares

Linha Programática Secund.: --X--

Carga Horária Total: 36h

Projeto de pesquisa vinculado: PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO:
CARTOGRAFIA SUBJETIVA EM TERRITÓRIO FEMININO
KILOMBOLA

Resumo

Os Encontros Dialógicos são espaços de compartilhamento de saberes para subsidiar uma Educação do Campo Kilombola e uma Pedagogia do Afeto que reflete o modo como os adultos se educam e educam as crianças e jovens no Kilombo Morada da Paz.

Descritores

Palavra-Chave 1:	educação do campo kilombola
Palavra-Chave 2:	pedagogia do encantamento
Palavra-Chave 3:	cartografia

Objetivo geral

Subsidiar, a partir da troca de saberes, tecnologias e experiências sociais, a organização de uma escola ComKola Kilombola Epé Layié orientada para uma Educação do Campo Kilombola e para a Pedagogia do Encantamento.

Objetivo específico

Troca de saberes, tecnologias e experiências sociais entre educadores kilombolas, universidade e rede pública de ensino Subsidiar uma proposta de Educação do Campo Kilombola a partir da Pedagogia do Encantamento, desenvolvida no Território.

Público alvo

Comunidade Kilombola Morada da Paz; Educandos e educandas do curso de Licenciatura em Educação do Campo; Educandos e educandas da UFRGS; Professores da rede pública de ensino; sociedade em geral.

Relevância

Ao propormos os Encontros Dialógicos buscamos subsídios para a organização de uma escola quilombola pautada nos princípios metodológicos da Educação do Campo articulados à Educação Quilombola que denominamos Pedagogia do Encantamento.

Desenvolvimento

Reuniões de planejamento dos encontros, decidir quais temas e metodologias, bibliografia, etc. Encontros mensais na Comunidade Kilombola Morada da Paz e na UFRGS.

Procedimentos

Tipo: Realização

Título ou Identificação: Encontros Diálogos

Data: 24/09/2018 até 19/11/2018

Horário: 14:00 às 18:00

C.H. Prevista: 12 h

C.H. Executada: 12 h

Local: Comunidade Kilombola Morada da Paz - BR 386 Km 410 - Triunfo RS

Observação: Dia 24/09 - Etnoludicidade: as diferentes formas de brincar no quilombo Dia 22/10 - Do quilombo com q ao quilombo com K: território de resistência e resiliência ComPaz Dia 19/11 - Na minha casa toda forma de amor é sagrado: gênero e identidade

Tipo: Planejamento

Título ou Identificação: Reuniões de Planejamento

Data: 13/09/2018 até 12/11/2018

Horário: 14:00 às 18:00

C.H. Prevista: 12 h

C.H. Executada: 12 h

Local: Faced - UFRGS

Observação: Reunião de planejamento dos Encontros Dialógicos: metodologia, material didático, elaboração da apresentação.

Tipo: Relatórios - Elaboração

Título ou Identificação: Relatório

Data: 26/11/2018 até 10/12/2018

Horário: 14:00 às 18:00

C.H. Prevista: 12 h

C.H. Executada: 12 h

Local: FACED - UFRGS

Observação: Elaboração do Relatório das atividades desenvolvidas com inclusão do material elaborado e fotografias dos encontros.

Equipe de Trabalho	
VALERIA DA CRUZ VIANA LABREA	
Vínculo: Docente	Exercício: Comissão de Graduação de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza - Porto Alegre
Coordenador(a) Geral	Não remunerado
Outras participações	
Vínculo: Docente	Exercício: Comissão de Graduação de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza - Porto Alegre
Ministrante	Não remunerado
Carga horária prevista: 36	Carga horária exec.:36
Participação nos procedimentos	
24/09/2018 a 19/11/2018 - Encontros Diálogos	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:12
13/09/2018 a 12/11/2018 - Reuniões de Planejamento	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:12
26/11/2018 a 10/12/2018 - Relatório	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:12
CLÁUDIA ROCHA DAVID	
Vínculo: Aluno de graduação (CIÊNCIAS SOCIAIS)	Exercício:
Debatedor(a)	Não remunerado
Carga horária prevista: 36	Carga horária exec.:36
Participação nos procedimentos	
24/09/2018 a 19/11/2018 - Encontros Diálogos	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:12
13/09/2018 a 12/11/2018 - Reuniões de Planejamento	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:12
26/11/2018 a 10/12/2018 - Relatório	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:12
DENISE FREITAS DORNELLES	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Debatedor(a)	Não remunerado
Carga horária prevista: 36	Carga horária exec.:30
Participação nos procedimentos	
24/09/2018 a 19/11/2018 - Encontros Diálogos	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:6

13/09/2018 a 12/11/2018 - Reuniões de Planejamento	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:12
26/11/2018 a 10/12/2018 - Relatório	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:12
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Participante	Não remunerado
Carga horária prevista: 12	Carga horária exec.:6
Participação nos procedimentos	
24/09/2018 a 19/11/2018 - Encontros Diálogos	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:6
PEDRO EDUARDO KIEKOW	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Debatedor(a)	Não remunerado
Carga horária prevista: 36	Carga horária exec.:30
Participação nos procedimentos	
24/09/2018 a 19/11/2018 - Encontros Diálogos	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:6
13/09/2018 a 12/11/2018 - Reuniões de Planejamento	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:12
26/11/2018 a 10/12/2018 - Relatório	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:12
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Participante	Não remunerado
Carga horária prevista: 12	Carga horária exec.:6
Participação nos procedimentos	
24/09/2018 a 19/11/2018 - Encontros Diálogos	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:6
Bolsas	
Participantes	
Número de participantes cadastrados: 14	

Parceiros Externos	
Nome : MANOELA DUTRA RAMOS	
Participação	: Co-executor
Instrumento	: Acordo
Previsão de Receitas	
Nenhum Ítem cadastrado!!	

Previsão de Despesas	
-----------------------------	--

Nenhuma Despesa cadastrada !!

Administração Financeira

Valor Receita Executado : 0,00 Reais
Valor Despesa Executado : 0,00 Reais
Saldo : 0,00 Reais
Orgão : Não Informado
Tipo : Não Informada
Destinação do Saldo : Conta Única da UFRGS / Unidade
Classificação Financeira : Não Informada

Previsão de Receitas PROEXT

Nenhum Ítem cadastrado!!

Previsão de Despesas PROEXT

Nenhuma Despesa cadastrada !!

Avaliação Final

Indicadores: Número de extensionistas: 13; Quantidade de pessoas participantes das atividades no Campus e na ComPaz: na Compaz participaram os moradores e os extensionistas; Regularidade e continuidade das atividades desenvolvidas: conseguimos dar conta do calendário proposto; Capacidade de articular novos parceiros nas atividades desenvolvidas: tivemos a presença tanto na CoMPaz quanto na FACED de indígenas e quilombolas, além dos extensionistas e os moradores. Temos clareza da importância desses encontros e dos aprendizados que promovem e temos dois educandos que irão realizar seus TCCs em torno dos temas que debatemos nos Encontros, o que irá nos permitir produzir conhecimentos sobre essas atividades.

Súmula

Indicadores para avaliação dos futuros resultados

Número de extensionistas; Quantidade de pessoas participantes das atividades no Campus e na ComPaz; Regularidade e continuidade das atividades desenvolvidas; Capacidade de articular novos parceiros nas atividades desenvolvidas.

Comentários

Os Encontros Dialógicos aconteceram na COMPAZ nas datas previstas e tivemos uma atividade na FACED/UFRGS onde tivemos oportunidade de trazer para a universidade quilombolas e indígenas para falar de suas respectivas pedagogias e modelo de escola. Essas atividades permitem troca de saberes e experiências sociais que visam fortalecer essas populações tradicionais. Em 2019, a partir de maio, teremos novas edições dos Encontros.



Relatório Ação de Extensão

Nome: VALERIA DA CRUZ VIANA LABREA

Cartão UFRGS: 31550

Departamento/Unidade: Faculdade de Educação / Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Categoria Funcional: PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR

Título: [35670] - RODA DE CONVERSA COM INDÍGENAS DA ETNIA KARIRIXOCÓFULNI-Ô.

Nível: PROJETO/ATIVIDADE

Modalidade: SEMINÁRIO, ENCONTRO, JORNADA, COLÓQUIO, FÓRUM E REUNIÃO

Órgão gestão institucional: Faculdade de Educação

Área Temática: EDUCAÇÃO

Linha de Extensão: Desenvolvimento Rural e Questão Agrária

Linha Programática: --x--

Área Temática Secund.: CULTURA

Linha de Extensão secund.: Organizações da Sociedade e Movimentos Sociais e Populares

Linha Programática Secund.: --x--

Carga Horária Total: 6h

Resumo

Roda de conversa com os indígenas da etnia KaririXocóFulni-ô da Bahia para troca de saberes e difusão da cultura e música indígena.

Descritores	
Palavra-Chave 1:	Educação do Campo
Palavra-Chave 2:	Educação Indígena
Palavra-Chave 3:	Cultura
Palavra-Chave 4:	Troca de saberes
Palavra-Chave 5:	Música

Objetivo geral
Conhecer e difundir a cultura e a música indígena da etnia KaririXocóFulni-ô.

Objetivo específico
Colaborar para a troca de saberes entre a Educação Indígena e a Educação do Campo; Desenvolver atividade cultural na universidade.

Público alvo
Educandos e educandas do curso de Licenciatura em Educação do Campo; Educandos e educandas dos cursos de licenciatura; Comunidade acadêmica; Comunidades rurais do curso de Licenciatura em Educação do Campo; Sociedade em geral.

Relevância
Esta roda de conversa é importante porque dará visibilidade para a produção cultural indígena na universidade, propiciando troca de saberes e uma reflexão aprofundada sobre as práticas culturais produzidas pelas comunidades indígenas. Da mesma forma, irá permitir que a universidade conheça a produção cultural dessas comunidades e movimentos, credibilizando suas estratégias e conhecimentos ao torná-las objeto de estudo e reflexão.

Desenvolvimento
A roda de conversa irá se desenvolver na tarde do dia 15/12, das 14 às 17h, com a fala de Wakay Cicero Pontes da Cruz - Músico, cantor, compositor, Terapeuta Holístico,

Líder da Reserva Tha-Fene em Lauro de Freitas - BA, da etnia KaririXocóFulni-ô, sob a mediação dos integrantes do Grupo de Pesquisadores Kilmbolas ligados ao curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Procedimentos

Tipo:	Realização
Título ou Identificação:	Roda de Conversa
Data:	15/12/2017 até 15/12/2017
Horário:	14:00 às 17:00
C.H. Prevista:	3 h
C.H. Executada:	3 h
Local:	Faced/UFRGS

Tipo:	Relatórios - Elaboração
Título ou Identificação:	Relatório
Data:	16/12/2017 até 15/01/2018
Horário:	14:00 às 17:00
C.H. Prevista:	3 h
C.H. Executada:	3 h
Local:	Faced
Observação:	Atividade realizada, atingiu os objetivos propostos.

Equipe de Trabalho

VALERIA DA CRUZ VIANA LABREA

Vínculo: Docente	Exercício: Departamento de Estudos Especializados
Coordenador(a) Geral	Não remunerado

Outras participações

Vínculo: Docente	Exercício: Departamento de Estudos Especializados
Ministrante	Não remunerado
Carga horária prevista: 6	Carga horária exec.:6

Participação nos procedimentos

15/12/2017 a 15/12/2017 - Roda de Conversa	Carga horária prevista: 3 Carga horária exec.:3
16/12/2017 a 15/01/2018 - Relatório	Carga horária prevista: 3 Carga horária exec.:3

CLÁUDIA ROCHA DAVID

Vínculo: Aluno de graduação (CIÊNCIAS SOCIAIS)	Exercício:
Apoio Pedagógico com contato aluno/público	Não remunerado

Carga horária prevista: 6	Carga horária exec.:6
Participação nos procedimentos	
15/12/2017 a 15/12/2017 - Roda de Conversa	Carga horária prevista: 3 Carga horária exec.:3
16/12/2017 a 15/01/2018 - Relatório	Carga horária prevista: 3 Carga horária exec.:3
DAISY REGINA DE SOUZA REIS	
Vínculo: Aluno de mestrado acadêmico (EDUCAÇÃO)	Exercício:
Apoio Pedagógico com contato aluno/público	Não remunerado
Carga horária prevista: 6	Carga horária exec.:6
Participação nos procedimentos	
15/12/2017 a 15/12/2017 - Roda de Conversa	Carga horária prevista: 3 Carga horária exec.:3
16/12/2017 a 15/01/2018 - Relatório	Carga horária prevista: 3 Carga horária exec.:3
DENISE FREITAS DORNELLES	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Pedagógico com contato aluno/público	Não remunerado
Carga horária prevista: 6	Carga horária exec.:0
Participação nos procedimentos	
15/12/2017 a 15/12/2017 - Roda de Conversa	Carga horária prevista: 3 Carga horária exec.:0
16/12/2017 a 15/01/2018 - Relatório	Carga horária prevista: 3 Carga horária exec.:0
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Participante	Não remunerado
Carga horária prevista: 3	Carga horária exec.:3
Participação nos procedimentos	
15/12/2017 a 15/12/2017 - Roda de Conversa	Carga horária prevista: 3 Carga horária exec.:3
PEDRO EDUARDO KIEKOW	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Técnico com contato aluno/público	Não remunerado
Carga horária prevista: 6	Carga horária exec.:0
Participação nos procedimentos	
15/12/2017 a 15/12/2017 - Roda de Conversa	Carga horária prevista: 3 Carga horária exec.:0
16/12/2017 a 15/01/2018 - Relatório	Carga horária prevista: 3 Carga horária exec.:0
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Participante	Não remunerado
Carga horária prevista: 3	Carga horária exec.:3
Participação nos procedimentos	
15/12/2017 a 15/12/2017 - Roda de Conversa	Carga horária prevista: 3 Carga horária exec.:3
Bolsas	

Participantes
Número de participantes cadastrados: 11

Parceiros Externos
Nenhum Órgão Cadastrado!!
Previsão de Receitas
Nenhum Ítem cadastrado!!

Previsão de Despesas
Nenhuma Despesa cadastrada !!

Administração Financeira
Valor Receita Executado : 0,00 Reais Valor Despesa Executado : 0,00 Reais Saldo : 0,00 Reais Orgão : Não Informado Tipo : Não Informada Destinação do Saldo : Conta Única da UFRGS / Unidade Classificação Financeira : Não Informada

Previsão de Receitas PROEXT
Nenhum Ítem cadastrado!!

Previsão de Despesas PROEXT
Nenhuma Despesa cadastrada !!

Avaliação Final
<p>A roda de conversa aconteceu na data prevista, com público considerável (descritos em participantes) e atingiu plenamente os objetivos propostos. Os convidados indígenas puderam mostrar seu trabalho de contação de histórias e músicas do povo Kariri Xocó. Denizia Kawani apresentou seus livros e falou da literatura indígena. Em parceria com a Comunidade Kilombola Morada da Paz houve troca de cancionero, danças e experiências.</p>

Súmula
Indicadores para avaliação dos futuros resultados
Quantidade de pessoas participantes da roda de conversa; Regularidade e continuidade das atividades desenvolvidas; Capacidade de articular novos parceiros nas atividades desenvolvidas.

Comentários



Relatório Ação de Extensão

Nome: VALERIA DA CRUZ VIANA LABREA

Cartão UFRGS: 31550

Departamento/Unidade: Faculdade de Educação / Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Categoria Funcional: PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR

	[34419] - PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO
Título:	AFETO: CARTOGRAFIA SUBJETIVA EM TERRITÓRIO FEMININO KILOMBOLA
Nível:	PROJETO/ATIVIDADE
Modalidade:	SEMINÁRIO, ENCONTRO, JORNADA, COLÓQUIO, FÓRUM E REUNIÃO
Órgão gestão institucional:	Faculdade de Educação
Área Temática:	EDUCAÇÃO
Linha de Extensão:	Metodologias e Estratégias de Ensino/Aprendizagem
Linha Programática:	--x--
Área Temática Secund.:	CULTURA
Linha de Extensão secund.:	Organizações da Sociedade e Movimentos Sociais e Populares
Linha Programática Secund.:	--x--
Carga Horária Total:	234h
Página da Web:	https://moradadapaz.wordpress.com
Projeto de pesquisa vinculado:	PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO: CARTOGRAFIA SUBJETIVA EM TERRITÓRIO FEMININO KILOMBOLA

Resumo

Grupo de Estudos que têm como fio condutor constituir um coletivo pesquisadora para entender e descrever a Pedagogia do Encantamento e Economia do Afeto, desenvolvidas na Comunidade Kilombola Morada da Paz.

Descritores

Palavra-Chave 1:	educação do campo kilombola
Palavra-Chave 2:	economia do afeto
Palavra-Chave 3:	pedagogia do encantamento
Palavra-Chave 4:	cartografia
Palavra-Chave 5:	pós-colonialismo

Objetivo geral

Elaborar uma cartografia subjetiva, na perspectiva pós-colonial, que mapeie, descreve e reflita sobre os saberes e fazeres da CoMPaz para salvaguardar o patrimônio material e imaterial quilombola, através das narrativas dos sujeitos que compõe a comunidade

Objetivo específico

Descrever e analisar as vivências no Território Kilombola CoMPaz considerando as estratégias de sustentabilidade do território, especificamente a Economia Afetiva; Refletir as práticas e os saberes que caracterizam a Pedagogia do Encantamento e as categorias que a compõe; Elaborar uma metodologia kilombola para registro e memória das narrativas que contém os saberes e os fazeres da CoMPaz e de outras comunidades.

Público alvo

Comunidade Kilombola Morada da Paz; Educandos e educandas do curso de Licenciatura em Educação do Campo; Educandos e educandas da UFRGS; sociedade em geral.

Relevância

Ao propormos um grupo de estudos para cartografar e analisar as narrativas produzidas em território kilombola, organizando-as em categorias que possam dialogar

com outros saberes e fazeres, buscamos ampliar a espacialidade do aprendizado, porque entendemos que esse território possui uma identidade com sua história, valores e simbologias que permite que os sujeitos que ali vivem desenvolvam estratégias relevantes do ponto de vista cognitivo para superar suas dificuldades e garantir sua sustentabilidade, a partir de experiências e tecnologias sociais locais e enraizadas, conectadas em redes de relações. As teorias sobre transformação social atualmente disponíveis não dão conta adequadamente desta novidade, pois os protagonistas destas políticas operam em um contexto político ainda pouco estudado. É necessário pois, mapearmos estas experiências e este estudo espera contribuir - ao menos parcialmente - nesse processo cartográfico.

Desenvolvimento

Reuniões de planejamento: decidir ações de extensão, metodologias, bibliografia, etc. Grupo de Estudos quinzenais; Oficinas para desenvolver metodologias de registro de história de vida, narrativas e memória social; Aulas Abertas na Comunidade Kilombola Morada da Paz e na UFRGS.

Procedimentos

Tipo:	Inscrição
Título ou Identificação:	Inscrição para o Grupo de Estudos
Data:	24/07/2017 até 28/07/2017
Horário:	09:00 às 00:00
Local:	Faced
Observação:	As inscrições devem ser feitas por e-mail: cartografiaseducampo@gmail.com
Tipo:	Planejamento
Título ou Identificação:	Roda de conversa para planejamento coletivo das ações
Data:	31/07/2017 até 19/11/2018
Horário:	08:00 às 12:00
C.H. Prevista:	68 h
C.H. Executada:	68 h
Local:	Faced ou Comunidade Morada da Paz
Observação:	Reuniões mensais das 8 ao meio dia, para planejamento coletivo. As reuniões acontecem mesmo no período em que não temos aula, porque a Comunidade Morada da Paz continua com suas atividades regulares.

Tipo: Realização

Título ou Identificação:	Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO
Data:	31/07/2017 até 19/11/2018
Horário:	14:00 às 18:00
C.H. Prevista:	128 h
C.H. Executada:	128 h
Local:	Faced
Observação:	Reuniões quinzenais do Grupo de Estudos: 2017: 31/07; 14 e 28/08; 11 e 25/09; 9 e 23/10; 6 e 20/11; 11/12 2018: 15 e 29/01; 12 e 26/02; 12 e 26/03; 9 e 23/04; 7 e 21/05; 4 e 8/06; 02 e 16/7; 06 e 20/08; 3 e 17/09; 01 e 22/10; 05 e 19/11/2018

Tipo:	Realização
Título ou Identificação:	Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas
Data:	19/09/2017 até 26/11/2018
C.H. Prevista:	24 h
C.H. Executada:	24 h
Local:	Comunidade Morada da Paz
Observação:	As oficinas para desenvolver uma metodologia kilombola para registro de história de vida, narrativas e memória social dialogará com as metodologias da história oral e as tecnologias digitais. 18/09/2017 18/12/2017 19/03/2018 11/06/2018 10/09 e 26/11/2018

Tipo:	Realização
Título ou Identificação:	Aulas Abertas
Data:	21/08/2017 até 13/08/2018
C.H. Prevista:	12 h
C.H. Executada:	12 h
Local:	Faced
Observação:	Aulas abertas para compartilhar temas que dialogam com os temas estudados no Grupo de Estudo. Datas: 21/08/2017 16/04/2018 13/08/2018

Tipo:	Relatórios - Elaboração
Título ou Identificação:	Relatório final
Data:	25/03/2019 até 25/03/2019
C.H. Executada:	2 h
Local:	FACED sala 1006

Equipe de Trabalho
VALERIA DA CRUZ VIANA LABREA

Vinculo: Docente	Exercício: Comissão de Graduação de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza - Porto Alegre
Coordenador(a) Geral	Não remunerado
Outras participações	
Vinculo: Docente	Exercício: Departamento de Estudos Especializados
Apoio Pedagógico	Não remunerado
Carga horária prevista: 232	Carga horária exec.:130
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Roda de conversa para planejamento coletivo das ações	Carga horária prevista: 68 Carga horária exec.:0
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:128
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:0
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:0
25/03/2019 a 25/03/2019 - Relatório final	Carga horária prevista: Carga horária exec.:2
Vinculo: Docente	Exercício: Departamento de Estudos Especializados
Apoio Técnico	Não remunerado
Carga horária prevista: 232	Carga horária exec.:0
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Roda de conversa para planejamento coletivo das ações	Carga horária prevista: 68 Carga horária exec.:0
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:0
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:0
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:0
Vinculo: Docente	Exercício: Departamento de Estudos Especializados
Autor, editor, produtor ou revisor de obra bibliográfica	Não remunerado
Carga horária prevista: 232	Carga horária exec.:0
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Roda de conversa para planejamento coletivo das ações	Carga horária prevista: 68 Carga horária exec.:0
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:0
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:0
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:0

Vínculo: Docente	Exercício: Departamento de Estudos Especializados
Ministrante	Não remunerado
Carga horária prevista:	Carga horária exec.:104
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Roda de conversa para planejamento coletivo das ações	Carga horária prevista: Carga horária exec.:68
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: Carga horária exec.:24
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: Carga horária exec.:12
Vínculo: Docente	Exercício: Departamento de Estudos Especializados
Responsável pedagógico (docente)	Não remunerado
Carga horária prevista: 232	Carga horária exec.:0
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Roda de conversa para planejamento coletivo das ações	Carga horária prevista: 68 Carga horária exec.:0
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:0
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:0
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:0
ANDRÉIA NUNES SANTANA	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Pedagógico	Não remunerado
Carga horária prevista: 164	Carga horária exec.:78
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:60
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:12
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:6
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Pedagógico com contato aluno/público	Não remunerado
Carga horária prevista: 164	Carga horária exec.:86
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:68
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:12

21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:6
BÁRBARA FERNANDES GONÇALVES	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Pedagógico	Não remunerado
Carga horária prevista: 164	Carga horária exec.:78
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:60
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:12
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:6
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Pedagógico com contato aluno/público	Não remunerado
Carga horária prevista: 164	Carga horária exec.:86
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:68
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:12
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:6
DENISE FREITAS DORNELLES	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Pedagógico com contato aluno/público	Não remunerado
Carga horária prevista: 232	Carga horária exec.:0
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Roda de conversa para planejamento coletivo das ações	Carga horária prevista: 68 Carga horária exec.:0
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:0
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:0
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:0
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Coordenador(a) Adjunto(a)	Não remunerado

Carga horária prevista:	Carga horária exec.:
Sem participação nos procedimentos	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Pedagógico	Não remunerado
Carga horária prevista: 232	Carga horária exec.:232
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Roda de conversa para planejamento coletivo das ações	Carga horária prevista: 68 Carga horária exec.:68
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:128
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:24
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:12
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Técnico	Não remunerado
Carga horária prevista: 232	Carga horária exec.:0
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Roda de conversa para planejamento coletivo das ações	Carga horária prevista: 68 Carga horária exec.:0
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:0
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:0
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:0
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Autor, editor, produtor ou revisor de obra bibliográfica	Não remunerado
Carga horária prevista: 164	Carga horária exec.:0
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:0
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:0
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:0
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Técnico com contato aluno/público	Não remunerado
Carga horária prevista: 232	Carga horária exec.:0
Participação nos procedimentos	

31/07/2017 a 19/11/2018 - Roda de conversa para planejamento coletivo das ações	Carga horária prevista: 68 Carga horária exec.:0
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:0
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:0
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:0
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Debatedor(a)	Não remunerado
Carga horária prevista: 232	Carga horária exec.:0
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Roda de conversa para planejamento coletivo das ações	Carga horária prevista: 68 Carga horária exec.:0
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:0
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:0
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:0
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Oficineiro(a)	Não remunerado
Carga horária prevista: 232	Carga horária exec.:0
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Roda de conversa para planejamento coletivo das ações	Carga horária prevista: 68 Carga horária exec.:0
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:0
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:0
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:0
Maira da Silva Madrid	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Pedagógico	Não remunerado
Carga horária prevista: 164	Carga horária exec.:164
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:128

19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:24
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:12
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Pedagógico com contato aluno/público	Não remunerado
Carga horária prevista: 164	Carga horária exec.:0
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:0
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:0
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:0
PEDRO EDUARDO KIEKOW	
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Pedagógico com contato aluno/público	Não remunerado
Carga horária prevista: 232	Carga horária exec.:0
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Roda de conversa para planejamento coletivo das ações	Carga horária prevista: 68 Carga horária exec.:0
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:0
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:0
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:0
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Integrante da Comissão Coordenadora	Não remunerado
Carga horária prevista: 232	Carga horária exec.:114
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Roda de conversa para planejamento coletivo das ações	Carga horária prevista: 68 Carga horária exec.:34
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:60
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:12
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:6

25/03/2019 a 25/03/2019 - Relatório final	Carga horária prevista: Carga horária exec.:2
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Pedagógico	Não remunerado
Carga horária prevista: 196	Carga horária exec.:0
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Roda de conversa para planejamento coletivo das ações	Carga horária prevista: 68 Carga horária exec.:0
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:0
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Apoio Técnico	Não remunerado
Carga horária prevista: 232	Carga horária exec.:0
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Roda de conversa para planejamento coletivo das ações	Carga horária prevista: 68 Carga horária exec.:0
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:0
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:0
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:0
Vínculo: Aluno de graduação (EDUCAÇÃO DO CAMPO - CIÊNCIAS DA NATUREZA - PORTO ALEGRE)	Exercício:
Monitor(a)	Não remunerado
Carga horária prevista: 232	Carga horária exec.:120
Participação nos procedimentos	
31/07/2017 a 19/11/2018 - Roda de conversa para planejamento coletivo das ações	Carga horária prevista: 68 Carga horária exec.:34
31/07/2017 a 19/11/2018 - Grupo de Estudos PEDAGOGIA DO ENCANTAMENTO E ECONOMIA DO AFETO	Carga horária prevista: 128 Carga horária exec.:68
19/09/2017 a 26/11/2018 - Oficinas de História de Vida, Memórias e Narrativas	Carga horária prevista: 24 Carga horária exec.:12
21/08/2017 a 13/08/2018 - Aulas Abertas	Carga horária prevista: 12 Carga horária exec.:6
Bolsas	
Participantes	
Número de participantes cadastrados: 5	

Parceiros Externos

Nome :CLAÚDIA ROCHA DAVID
Participação :Instituição Participante
Instrumento :Acordo
Nome :DAISY REGINA DE SOUZA REIS
Participação :Instituição Participante
Instrumento :Acordo
Nome :FLÁVIA ROCHA DAVID
Participação :Instituição Participante
Instrumento :Acordo
Nome :LUIZA DIAS FLORES
Participação :Instituição Participante
Instrumento :Acordo
Nome :MANOELA DUTRA RAMOS
Participação :Instituição Participante
Instrumento :Acordo
Nome :ROGÉRIO FERREIRA TEIXEIRA
Participação :Instituição Participante
Instrumento :Acordo
Nome :SANDRA ANDRÉIA MENDONÇA SOARES
Participação :Instituição Participante
Instrumento :Acordo

Previsão de Receitas
Nenhum Ítem cadastrado!!

Previsão de Despesas
Nenhuma Despesa cadastrada !!

Administração Financeira
Valor Receita Executado : 0,00 Reais
Valor Despesa Executado : 0,00 Reais
Saldo : 0,00 Reais
Orgão : Não Informado
Tipo : Não Informada
Destinação do Saldo : Conta Única da UFRGS / Unidade
Classificação Financeira : Não Informada

Previsão de Receitas PROEXT

Nenhum Ítem cadastrado!!

Previsão de Despesas PROEXT

Nenhuma Despesa cadastrada !!

Avaliação Final

1. Rodas de conversa para planejamento coletivo realizadas - comprovação por lista de presenças e ata descrevendo a pauta tratada. 2. Grupo de Estudos com encontros quinzenais realizados - comprovação por lista de presença e memória educativa descrevendo as leituras e referências. 3. Oficinas - comprovação por lista de presença e memória educativa descrevendo as atividades desenvolvidas. 4. Aulas abertas - comprovação por lista de presença e memória educativa descrevendo os temas abordados. Os itens 1, 2, 3, e 4 tem como participantes os descritos no item participantes deste relatório. Realizamos as atividades planejadas, na FACED e na CoMPaz, tendo adesão da comunidade e vários interlocutores de povos e comunidades tradicionais. Vamos atualizar e oferecer essas atividades em 2019.
--

Súmula

Contato

Falar com:	Valéria Viana Labrea
E-mail:	cartografiaseducampo@gmail.com
Telefone:	

Indicadores para avaliação dos futuros resultados
--

1. Rodas de conversa para planejamento coletivo realizadas - comprovação por lista de presenças e ata descrevendo a pauta tratada. 2. Grupo de Estudos com encontros quinzenais realizados - comprovação por lista de presença e memória educativa descrevendo as leituras e referências. 3. Ofinas - comprovação por lista de presença e memória educativa descrevendo as atividades desenvolvidas. 4. Aulas abertas - comprovação por lista de presença e memória educativa descrevendo os temas abordados.

Comentários

GLOSSÁRIO: COMO NOS FALAMOS

TERMO/EXPRESSÃO	SIGNIFICADO	PRONÚNCIA
ÌGBÈSÌ-AYÉ ILÈ ÀLÁÁFÌÁ	Jeito de Ser e Viver	IBEXI AIE ILE ALAFIA
ÀJEBÒWÁBÁ. OLÓRUN SÚRE FÚN O!	Futuras Gerações. Deus dê Bênçãos para vocês!	AGEBOUA.OLORUN SURE FUNO
YIALAŞÉ	Mãe responsável pela guiança de seu povo – líder ESPIRITUAL e estratégica que mantém e sustenta a unidade no/do Kilombo.	IALAXÉ
YIAKEKERE	Mãe responsável pela guiança de seu povo – líder ORGANIZACIONAL que mantém e sustenta a gratidão no/do Kilombo e a eficácia das preces práticas.	IAQUEQUERE
YABACE	Mãe responsável pela guiança de seu povo – líder NUTRICIONAL que mantém e sustenta a saúde e segurança alimentar no/do Kilombo.	Como se lê
BAOGAN	Pai responsável pela guiança de seu povo – líder ADMINISTRATIVO que mantém e sustenta a determinação no/do Kilombo e a eficácia das preces práticas.	Como se lê
BABALAWO	Pai que orienta e aconselha sobre a organização ritualística no/do Kilombo.	BABALAUÃO
EGBOMIS	Irmãs(ãos) mais velhos que devem orientar os mais novos no Kilombo em relação a posturas dentro e fora do Kilombo	EBOMIS
EKEDIS	Zeladores/cuidadores dos preceitos espirituais e ritualísticos da Nação Muzunguê dentro e fora do Kilombo e salvaguardar o bem estar da Yalásé.	EQUEDI
OJÚ OBAS	Conselheiros(as) responsáveis por aconselhar a yalásé sobre assuntos que dizem respeito ao Território de Mãe Preta.	OJUOBAS
ALABES	Responsável pelas orações da Nação Muzunguê tocadas em atabaques.	ALABES
GBA OYA NKAN	Responsáveis pela coordenação das dimensões/atividades da Comunidade Kilombola Morada da Paz-Território de Mãe Preta CoMPaz.	GUIBAOYANKAN
YAOS	As filhas/integrantes mais novas do Kilombo-CoMPaz	IAOS
OGANS	Os filhos/integrantes mais novas do Kilombo-CoMPaz	OGANS
ABIANS	Os integrantes do Kilombo-CoMPaz que não possui uma função específica e/ou dimensão sobre sua responsabilidade.	ABIÑNS
IPÁDÈ	Reunião/Encontro	IPADÊ
OMORODÊ	Infância/criança	Como se lê
O-MADÊ	Adolescente	OMADÊ
ODOMODÊ	Jovens	Como se lê
OLÒÓRÈ	Amigo/Cuidador	Oloorê
EKONOMIA	Ekonomia com (K) de zelo e cuidado com o bem viver da Comum Unidade	Como se lê

KILOMBO	Kilombo com (k) grupamento estratégico de salvaguarda da memória de seu povo pelo direito de Ser e Existir em seu Jeito de Ser e Viver.	Como se lê
ADOGÃ	Zelador - fiscalizador	Como se lê
AGBEDEMÉJÌ	O que está no meio de – entre duas coisas	Abedeméjìí
OPANIŞÉ THANDANUÍ	Bastão da história e da memória	Opanixé Tandanuí
ADOSÚ	Cerimonial de iniciação na Nação Muzunguê	Adoxú
MUZUNGUÊ	Filosofia afrobudígena que orienta o jeito de ser e viver do Kilombo-CoMPaz	Como se lê

COLETIVO PESQUISADOR KILOMBOLA OKARAN

BAOGAN

Baogan (Rogério Ferreira Teixeira); homem negro, 44 anos, Kilombola, co-fundador da Comunidade Kilombola Morada da Paz-CoMPaz, Bàbá da Nação Muzunguê, Adogã (representante fiscal) da CoMPaz, pesquisador do Okaran (coletivo de pesquisadores (as) Kilombolas), Mestre em Ciências do Ambiente, Agroecologista.

OPÁ TENONDE

Opá Tenondé (Manoela Dutra Ramos); mulher branca, 28 anos, Kilombola, Yaô da Nação Muzunguê, Adogã (representante fiscal) da CoMKola, pesquisadora do Okaran (coletivo de pesquisadores (as) Kilombolas), Psicóloga, Educamor da Escola CoMKola Kilombola Epé Layiè.

PEDRO EDUARDO KIEKOW

Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza - Educação do Campo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul desde 2016/2.

VALÉRIA VIANA LABREA

Professora Adjunta na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na área de Política e Gestão da Educação no Departamento de Estudos Especializados. Coordenadora do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza, de 07/2018 a 08/2019. Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (2014), mestre em Educação e Gestão Ambiental pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (2009), especialista em Epistemologías del Sur pela Clacso e Universidade de Coimbra (2020), especialista em Gestão Cultural pela Fundação Itaú Cultural/Universidade de Girona/Espanha (2012), especialista em Educação Ambiental pelo SENAC (2007), graduada em Letras - licenciatura plena em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000).

YABACE

Yabace (Kelly Rocha de Souza David); mulher, negra, 40 anos, Kilombola, co-fundadora da Comunidade Kilombola Morada da Paz - CoMPaz, Ya da Nação Muzunguê, pesquisadora do Okaran (coletivo de pesquisadores(as) Kilombolas), Pedagoga, Coordenadora Pedagógica da Escola CoMKola Kilombola Epé Layiè.

YAMORO

Yamoro (Claudia Rocha David); mulher, negra, 47 anos, Kilombola, co-fundadora da Comunidade Kilombola Morada da Paz - CoMPaz, Yiakekere da Nação Muzunguê, Agdebeméji (representante legal) da CoMPaz, pesquisadora do Okaran (coletivo de pesquisadores(as) Kilombolas) cientista social.

YASHODHAN

Yashodhan (Denise Freitas Dornelles); mulher, negra, 50 anos, Kilombola, co-fundadora da Comunidade Kilombola Morada da Paz - CoMPaz, Yialasè da Nação Muzunguê, pesquisadora do Okaran (coletivo de pesquisadores(as) Kilombolas), Pós-Doutora em Políticas Sociais.

COLETIVO PESQUISADOR KILOMBOLA OKARAN



Foto do Coletivo de Pesquisadores e Pesquisadoras OKARAN - acervo do OKARAN

